

4º Prêmio Literário Máquina de Contos

Guilherme Mangrich
Raquel Setz
Waleks Rodrigues
Camila De Jorge
Arthur Simon
Guilherme Costa Meneses
Manuel Malvar
Patricia Abreu Newlands
Zeca Bastos
Giovanna Acioly
Eduardo Xavier Costa Andrade
Ligia Gomes
Geovanna Ferreira

Organizadores:
Sérgio Tavares
e Tiago Velasco



4º Prêmio
Literário
Máquina
de
Contos

Este livro reúne as narrativas selecionadas pelo 4º Prêmio Literário Máquina de Contos. Produzida e organizada pela Graviola Digital, a antologia se divide entre os três textos vencedores e as dez menções honrosas. Pelo segundo ano consecutivo, os contos premiados são publicados no formato de livro impresso.

Isso reflete o compromisso de estimular a cultura brasileira por meio da revelação de novos talentos da produção literária. Além de dar visibilidade nacional para autores inéditos, a premiação possibilita ser um ponto de partida para uma bem-sucedida carreira.

Prova disso é que, paralelo ao livro físico, os contos vencedores também entram para a plataforma Máquina de Contos, um catálogo composto por escritores de renome e premiados da literatura contemporânea brasileira.

Parabéns, então, aos autores! Sucesso nesta empreitada que aqui se inicia!

4º Prêmio Literário
Máquina de Contos

Sérgio Tavares – Tiago Velasco
Organizadores

4º Prêmio Literário Máquina de Contos



2024

ISBN: 978-65-6028-044-1

1ª edição

Copyright 2024 by Graviola Digital

Revisão e preparação: Sérgio Tavares e Tiago Velasco

Projeto Gráfico: Chris Boari

Capa: Chris Boari

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

4º Prêmio Literário Máquina de Contos /
organização Sérgio Tavares, Tiago Velasco. --
1. ed. -- Rio de Janeiro : Graviola Digital,
2024.

Vários autores.
ISBN 978-65-6028-044-1

1. Contos brasileiros - Coletâneas I. Tavares,
Sérgio. II. Velasco, Tiago.

24-227231

CDD-B869.308

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos : Antologia : Literatura brasileira
B869.308

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

2024

Todos os direitos reservados à Graviola Digital

www.gravioladigital.com.br

[Instagram/gravioladigital_oficial](https://www.instagram.com/gravioladigital_oficial)

<u>Prefácio</u>	<u>7</u>
<u>Anos de Chumbo</u>	<u>15</u>
<i>Guilherme Mangrich</i>	
<u>Ferida</u>	<u>29</u>
<i>Raquel Setz</i>	
<u>Antes da primeira chuva</u>	<u>39</u>
<i>Waleks Rodrigues</i>	
<u>Ex-votos</u>	<u>51</u>
<i>Camila De Jorge</i>	
<u>O presente de Marta</u>	<u>63</u>
<i>Arthur Simon</i>	
<u>Como você me chama?</u>	<u>73</u>
<i>Guilherme Costa Meneses</i>	
<u>Cupins</u>	<u>87</u>
<i>Manuel Malvar</i>	
<u>Réquiem</u>	<u>101</u>
<i>Patricia Abreu Newlands</i>	
<u>A luz da vela</u>	<u>111</u>
<i>Zeca Bastos</i>	
<u>Encosto</u>	<u>125</u>
<i>Giovanna Acioly</i>	
<u>Sob a areia da praia</u>	<u>141</u>
<i>Eduardo Xavier Costa Andrade</i>	
<u>Toda cidade é um cemitério</u>	<u>153</u>
<i>Ligia Gomes</i>	
<u>Louvadas e livres sejam as mãos</u>	<u>165</u>
<i>Geovanna Ferreira</i>	



Prefácio

Chegava ao fim o inverno de 1988, em Buenos Aires, e o professor Fernando Sorrentino fazia sua quarta visita ao seu ídolo Adolfo Bioy Casares. O encontro, realizado no modesto apartamento de um dos principais escritores da literatura latino-americana, compunha uma série de entrevistas que, cerca de quatro anos depois, resultaria no livro *Sete conversas com Adolfo Bioy Casares*, publicado no Brasil, em 2017, pela editora Penalux. Sempre aos sábados, nas primeiras horas da manhã, Sorrentino ligava seu gravador, e entrevistador e entrevistado trocavam impressões e experiências sobre passado e política, amores e amizades, livros e influências. As perguntas seguiam uma orientação temática e, nesta ocasião, um dos assuntos em pauta era a preferência entre conto e romance. Casares já era um autor envelhecido e afamado, especialmente por conta de sua obra-prima, o romance *A invenção de Morel*. Por outro lado, era um contista contumaz, com mais de duzentos contos publicados. O entrevistador, portanto, achava curiosa essa assimetria: como um escritor que se consagrou mundialmente num gênero tinha predileção por outro? Casares, então, respondeu:

“Normalmente prefiro escrever contos. Escrever contos é realizar a ideia de cada um desses contos e passar de um a outro, e sentir que está criando, que tem criatividade... Essas coisas não são sentidas quando se escreve um romance”.

O escritor argentino acrescentava que, invariavelmente, lhe vinha a ideia para um conto e, caso estivesse ocupado na produção de um romance, o desejo imediato de escrevê-lo fazia com que sabotasse seu próprio plano criativo. “Se estou escrevendo um romance, quase vejo essa nova história como um alarme, porque traz elementos que entram para o meu desassossego, para pedir que eu me ocupe deles, para, talvez, convencer-me de que estou num projeto que não vale a pena continuar e que o melhor seria escrever o conto que desejo escrever”. Sorrentino pondera que o impulso talvez estivesse vinculado à forma, pelo conto se limitar ao essencial, ao menor estofado possível. “Claro, claro. O conto deve ser mais intenso”, valida o entrevistado. No entanto, uma parte dessa confirmação estava vinculada a um outro autor argentino, mencionado no sábado anterior das sessões de conversa, que Casares não só apadrinhou, mas firmou um raro enlace que aproximou o entendimento de ambos sobre a escrita.

Em 1964, durante uma temporada em Paris, Casares conheceu Julio Cortázar, um escritor em início de carreira, cujo primeiro livro de contos, *Bestiário*,

lhe impressionou profundamente. Tanto que, um ano depois, quando preparava uma edição atualizada da magistral *Antologia da Literatura Fantástica*, em parceria com Jorge Luis Borges e Silvina Ocampo, incluiu o conto “A casa tomada”, do novo autor. A partir daí, iniciaram uma troca de correspondências, nas quais se configurava, entre outras coisas, o apreço irrestrito pela forma breve. Para Sorrentino, Casares chamou Cortázar de cerimonioso e, tal qual ele mesmo, muito tímido. Em “Diário para um conto”, um de seus últimos textos, Cortázar declara: “Às vezes, quando já não dá para fazer outra coisa além de começar um conto, como queria começar esse, é justamente nestas horas que eu queria ser Adolfo Bioy Casares. Gostaria de ser Bioy porque sempre o admirei como escritor e o estimei como pessoa”.

Em outras reflexões, Cortázar também cita Casares e, por sincronismo intelectual, a relevância e a distinção entre conto e romance. A mais célebre está em “Alguns aspectos do conto”, em que o autor traça um paralelo entre os gêneros literários, o cinema e a fotografia. Confrontando as perspectivas possíveis sobre as fronteiras que diferenciam suas estruturas e processos de composição, “o romance e o conto se deixam comparar analogicamente com o cinema e a fotografia, na medida em que um filme é, em princípio, uma ‘ordem aberta’, romanesca, enquanto que uma fotografia bem

realizada pressupõe uma justa limitação prévia, imposta em parte pelo reduzido campo que a câmara abrange e pela forma com que o fotógrafo utiliza esteticamente essa limitação”.

Em outras palavras, não há nada compatível em seus mecanismos de construção, o que cala de vez os comentários maliciosos de que o conto é uma preparação para o romance, que todo contista está treinando para ganhar musculatura e encarar uma narrativa longa. A escritura de um conto cobra intensidade, “a eliminação de todas as ideias ou situações intermédias, de todos os recheios ou fases de transição que o romance permite, e mesmo exige”. Cortázar ainda alerta sobre a ilusão de que o interesse do tema, sem o devido domínio técnico, sustenta o interesse pela leitura. O “sequestro momentâneo do leitor é mediante um estilo baseado na intensidade e na tensão, um estilo no qual os elementos formais e expressivos se ajustem, sem a menor concessão, à índole do tema, lhe deem a forma visual, a auditiva mais penetrante e original, o tornem único, inesquecível, o fixem para sempre no seu tempo, no seu ambiente e no seu sentido primordial”. Aqueles que não entregam esse ápice do gênero ao leitor, que escrevem enfeitados para comover a si, o escritor argentino classifica de “contistas inexperientes”.

Embora sejam todos escritos por autores inéditos, a qualidade dos contos que compõem esta antologia

não apresenta qualquer vocação de inexperiência. Eleitos pelo 4º Prêmio Literário Máquina de Contos, os três vencedores e as dez menções honrosas demonstram uma vitalidade para atingir todos os requisitos expostos por Cortázar, chegando ao leitor com força e eficácia necessária. Não somente pela competência no manejo da forma, da capacidade de engajar através dos recursos de sua arte e técnica, mas também pela escolha e desenvolvimento dos temas. Entre visitas a momentos históricos e mergulhos em estados psicológicos, entre o fantástico e a realidade regional, entre assuntos prementes da contemporaneidade e o comentário social, a diversidade das narrativas se traduz num conjunto significativo e maduro, em textos excepcionais com a propriedade parecida à do imã, provocando “uma imensa quantidade de noções, entrevisões, sentimentos e até ideias que flutuavam virtualmente na memória ou na sensibilidade”.

Dado o virtuosismo do volume, não é demasiado afirmar que, se o romance se diferencia em tudo do conto, em cada um desses contos cabe um romance. Isso se dá pela tradição do prêmio em revelar autores com aptidão ao ofício da escrita, com plena possibilidade de ir além do ponto de partida. Orgulhosamente, alguns autores que se destacaram em edições anteriores seguiram carreira e publicaram seus primeiros livros, alcançando oportunidade no meio literário. E aí está o

grande mérito de um prêmio: transcender o propósito de ser um selo de qualidade, mas dar visibilidade a escritores que revelam uma parte inicial de um trabalho coeso, de um talento notável para a escrita. O conto é a abertura do pequeno para o grande, a certificação de que está à frente um caminho aberto para a literatura.

De volta às sessões de sábado, no fim do inverno portenho, Sorrentino reflete sobre a transição de gêneros, a obrigação que estupendos contistas se impõem em escrever um romance, mas acaba por descaminhá-lo e decepcionar o leitor. No que Casares rebate, com propriedade e sabedoria: “Escrever um romance é uma longa aventura e por vezes os autores querem escrevê-lo para... ter escrito um romance, pelo simples fato de escrever um romance... encher algumas páginas de qualquer jeito”. Os contos desta antologia são uma antítese dessa ideia. Embora nascentes, apresentam autores sonantes, que palpitam em nós, cientes da importância de criar textos que marcam este presente e um futuro em que cada conto é, a um só tempo, o começo e a eternização. Ou na bela imagem composta por Cortázar: “Todo conto perdurável é como a semente onde dorme a árvore gigantesca. Essa árvore crescerá em nós, inscreverá seu nome em nossa memória”. Boa leitura a todos!

Sérgio Tavares e Tiago Velasco,
jurados do 4º Prêmio Literário Máquina de Contos



Anos de Chumbo

Guilherme Mangrich

Ginásio do Ibirapuera, São Paulo, 1970.

— Não consigo... — ofegou — ele é muito alto.

— Então quebra a costela dele, merda. — Miguel se-
cou o sangue e o suor que vertiam pelo rosto do Potro.

— Você perdeu todos os *rounds*. Tem que nocautear,
ouviu? Tem que derrubar.

O treinador não permitiu resposta, logo enfiando o protetor bucal sob os lábios partidos do pugilista. Pela décima vez, se ouviu soar o gongo. Reiniciava-se o duelo. Artur, o Potro, inebriado pela violência e adrenalina, discernia pouco.

Plateia, luzes, gritos. Seu algoz, mais alto e ágil, avançou tal qual um predador farejando sangue. Sequência de golpes; combinações ácidas que jogaram o Potro nas cordas. Cobriu a cabeça com as luvas, sentindo pancadas por todos os lados. Um gancho furou a guarda, explodindo no maxilar. Joelhos subitamente instáveis, tombou.

Lona. Mente desfocada, suspensa. Estrelas esbranquiçadas aumentaram e diminuíram de tamanho em sua visão periférica, variando entre aguda nitidez e

distorção turva. Faltou ar, faltou força. Desistir pareceu bom, até mesmo correto. Simplesmente permanecer deitado e descansar. Ouviu, então, o sofrido clamor do primo Miguel:

— Levanta, cara, por favor. Pelo papai.

Pai.

Içou-se com os joelhos e cotovelos, revigorado. Como um touro bravo, bufava. O mundo se tornou vermelho e afunilou, abafado. Variando entre descrença e euforia, os espectadores urraram. Esticou as pernas, de pé no instante em que a contagem alcançou o nono segundo.

Pelo que conseguiu captar dos gritos, restavam dois minutos. Inspirou uma densa lufada de ar, então a luta foi retomada. Andou reto ao centro do ringue. Não combatia mais um homem, mas a vida. Cada soco era direcionado aos males perpetrados em toda sua existência amarga. Luiz batia forte, um nocauteur, contudo, nunca seria tão avassalador quanto o mundo.

Artur foi atingido na sobrancelha e no nariz; resistiu, pouco afetado. A infância difícil, falhas constantes e desgraças incontáveis lhe conferiam o ódio imparável, uma força típica dos injustiçados. Prodígio, nascido numa família de classe média e com boa educação, Luiz não dispunha da raiva do povo, a garra que se desenvolve ao ter que se agarrar a cada oportunidade e, com unhas e dentes, sobreviver apesar de tudo.

Artur, sim.

Então, quando o favorito foi pego por um aniquilador direto no estômago e caiu, ele não mais se ergueu.

Uísque suave amaciou a descida dos analgésicos. Cigarro completou a trindade maldita e, pela primeira vez desde a luta, Artur parou de sentir dor. Física, ao menos. Nas ruas, silêncio. Temperatura sufocante, ar irrespirável. Com o AI-5 em vigor, as manifestações praticamente se encerraram, restando a luta armada entre guerrilheiros e militares. As correntes da ditadura eram de aço. Menos de um ano depois de Neil Armstrong pisar na lua, o Brasil foi afogado em um novo Ato Institucional. Ao que parecia, avanços científicos eram perseguidos de perto por retrocessos democráticos.

Não que Artur se importasse tanto assim. Diferentemente de seu primo Miguel, o pugilista exibia pouco interesse no campo político. Desejava o cinturão dos pesos-leves, só. Fosse um rei, militar ou presidente que ditasse as regras, tanto fazia.

Imaginou qual seria a reação de seu pai, professor engajado nas lutas sociais, à sua indiferença. O pensamento lhe torceu o rosto. Outro gole de bebida, mais

uma tragada no cigarro. Enterrou-se nos próprios ombros, soturno.

Que seu pai não entendesse a profissão que seguiu, era compreensível. Nada além do esperado. Permitir-se morrer antes de Artur conseguir o título e a estabilidade no boxe? Revoltante. Doía mais do que seus punhos quebrados. Era...

Uísque.

Esfregou os olhos, bufando.

As bochechas úmidas poderiam ser obra dos pontos malfeitos ou dos sentimentos reprimidos. Decidiu, reproduzindo o processo de repressão, não pensar.

Outra vez no vestiário. Miguel aporrinhava com o discurso de algum deputado.

— “Quando não será o exército um valhacouto de torturadores?” — Sorriu, idiota. — Acredita? Ele falou isso na Câmara, cara. Na frente de todo mundo!

Artur, que enfaixava as mãos, se limitou a espiar brevemente, a cabeça baixa e o cenho franzido.

— Qual é, cara? Você sabe que o pai...

— Não começa. *Meu* pai. Seu *tio*.

Mais potente que um cruzado de esquerda. Miguel se encolheu sob o peso do golpe. Melindrado, resmungou algo sobre Artur estar bêbado. A noção de que ficaria bêbado com uma dose de vodca era ridícula, quase arrancando um sorriso do boxeador.

Pouco antes da peleja iniciar, eles chegaram. Dois senhores uniformizados de aspecto taciturno. Seu primo deslizou para o banheiro, deixando-o. Cumprimentaram Artur com apertos de mão firmes e olhares desconfiados.

Falavam muito. Diziam quase nada. Se esconderam em meias-palavras e ambiguidade. Artur, desvendando o rumo da conversa, ouviu em silêncio, os olhos subitamente desfocados. A mente se enfiou nos porões escuros de pensamentos semiconscientes. Retornou ao ouvir:

— Sendo franco, rapaz. É melhor para todos se nosso atleta vencer esse embate. O Daniel vai para Munique daqui a alguns anos. Representará o Brasil nas Olimpíadas.

O militar continuou a falar e falar. Artur, entretanto, não escutava. Acenou, fraca e constantemente, com a cabeça. Tendo dado o recado, finalmente abandonaram o vestiário. Miguel apareceu, branco como leite, após a porta se fechar.

— Você sabe quem era, mano? — falou, desafinado, o primo. — Era o Médici, em carne e osso e canalhice.

— O presidente?

Miguel fez um gesto obsceno antes de continuar.

— Presidente... nada! Golpista, isso sim. Ele e a corja dele. E o que tu estás fazendo fumando esse charuto que eles te deram? Endoidou?

Artur deu de ombros, impassível. Era tabaco realmente muito bom, de fortaleza média e acabamento aveludado. Saboreou a queda na pressão, o corpo subitamente leve e a cabeça pesada. Puramente o reflexo ordenou aquela esquivia instintiva. Recolheu a mão direita, evitando o tapa, esticou as pernas e girou sua cintura, movimento contínuo que o pôs de pé e culminou numa bofetada certa. Impulsionado pela violência do golpe, Miguel esbarrou contra os armários de alumínio, produzindo um som opaco.

— Você que deve ter enlouquecido. Tenta bater no meu charuto de novo que eu te mostro a direita — ergueu a mão em questão. O presente dos militares, entre o dedo indicador e médio, ainda queimando.

— Vai se vender? — Miguel esfregou a bochecha vermelha como brasa, ainda ardendo. — Para eles? Sério!?

— Não é óbvio? Parece até que não me conhece, droga — saboreou o fumo. — Vamos lá acabar com esse tal de Daniel.

Abraçou o primo e lhe bagunçou o cabelo, mantendo-o preso num abraço atrapalhado. Miguel tentou escapar, todavia, não detinha força para isso. Saíram do vestiário juntos.

Diferia de Luiz, o último oponente do Potro, em quase todos os aspectos. Não buscava o nocaute e seus socos eram econômicos, precisos. Controlava a

distância com calma, mantendo seu adversário nos subúrbios do ringue. Era polido, tinha boa guarda e se portava como um esgrimista.

Parecendo um amador, Artur praguejou. Talvez a vitória fosse inalcançável, não importando o nível de esforço que empregasse. A visita dos militares lhe pareceu redundante, pois a diferença de habilidade era simplesmente muito grande. Ainda que cinco rounds já tivessem passado, não sentia que entrara na luta — sem conseguir encaixar um golpe, a verdade era que não dispunha de contrajogo para Daniel.

No intervalo entre o quinto e o sexto, os dois cruzaram olhares. Um guardava semelhança a um leão: orgulhoso, altivo, gigante em sua majestade. O outro parecia um cão da sarjeta, cansado e manco, do tipo indesejável, violento até para a mão que o alimenta.

Não era medo. Enchia a boca para dizer que não temia homem que fosse. Outra coisa lhe apertava a garganta. Vergonha. Frustração provinda da insuficiência. Do que adiantaram as surras, o treinamento inclemente? Teriam sido suas abdições para nada, pouco além de uma ilusão alimentada pela própria incapacidade de sucesso? Cansaço lhe alcançou, uma súbita vontade de dormir.

Soado o gongo, caminhou sem vigor. Jogou todo o corpo num golpe desajeitado. Daniel, percebendo a obviedade do soco, respondeu. Inclinou o tronco para

trás, deixando os pés plantados. Quando o punho de Artur passou, longe e débil, por seu rosto, impulsionou-se para frente, trazendo toda potência do torso para um direto fumegante. Torceu o quadril, apresentando malícia à sequência, deixando o Potro de joelhos após um cruzado no fígado.

Todo o ar escapou. Estava perdido. Jogou sua vida fora e não teve a astúcia de perceber que o fazia. Ali, prostrado, olhando para um juiz coberto por suor que gritava, sentiu nojo de si. Das escolhas ruins, das falhas. Da covardia. Do quanto poderia ter concretizado, do potencial desperdiçado em prol da teimosia e de um orgulho mutilante.

— SETE..., OITO...

Levantou-se, mais por instinto que vontade.

Demorou pouco até se ver novamente nas cordas e, em seguida, no chão. Outra contagem. Esta, interrompida pelo fim do sexto assalto.

— Ele é melhor do que eu na única coisa que faço bem — desabou no banco, tomando água em goladas sofridas.

— Para com isso, mano. Se entregou, está com medo dele — Miguel evocou toda parafernália motivacional que conhecia. — Tem que ser corajoso, não se entrega. É coragem, mesmo se você tremer, ouviu?

Artur até sorriu, amargando as palavras.

— Já disse. Ele é melhor, merece ganhar.

— É a porra de um lambe-botas, vai lá: *machuca* ele. Assentiu.

Deslocou-se até o centro em passadas largas. Fintou com a mão direita, ameaçando jogar outro daqueles socos tão potentes quanto previsíveis. Ao ver seu inimigo morder a isca, desistiu da investida, atacou pelo outro lado. Bombardeou o plexo solar de Daniel com sua canhota. Apesar de não saber que aquela região era um amontoado de nervos, Artur conhecia bem o sentimento de ser atingido ali.

Aproveitou a falta de fôlego gerada e agrediu desenfreadamente. Caçava as costelas e o maxilar. Recorreu às suas ferramentas mais maldosas, buscando os pontos debilitantes na anatomia de Daniel. Jogou-o para as cordas, pressionando ainda mais sua ofensiva. Enxergou uma abertura na guarda e buscou o abate.

Seu pai, então, apareceu. Não via mais o boxeador alto, em plena capacidade física e de feições cativantes. Não. Agora era seu pai quem estava no canto do ringue sendo encurralado por uma barragem de socos. Por um momento, pendulou entre a confusão e o choque.

Hesitou.

Foi empurrado para longe e recebeu uma pancada que quase lhe arrancou a cabeça. Golpe perfeitamente encaixado. Tombou, atordoado. Viu seu pai caminhando lentamente para o lado oposto, a mesma velha roupa, o mesmo jeito de se portar. A barba grisalha

entrecortada por listras negras, o cabelo sem um corte exato, evidenciando as entradas duplas que não chegaram a se tornar calvície. Sorriso tímido de lábios finos quase ocultos pelo espesso bigode.

Levantou-se, pois queria um abraço. Uma fala, algo. Qualquer coisa que fosse. O último adeus que lhe fora negado pela vida. Nem mesmo Deus poderia bater forte o suficiente para mantê-lo no chão, pois seu pai estava ali. Logo ali.

O gongo soou e a ilusão se dissipou, tão real quanto seus sonhos. Piscou forte; seu rosto era uma tela onde sangue, suor e lágrimas se misturavam, criando uma tonalidade vermelha clara. Visou gritar, mas a voz falhou, barrada por sentimentos que nem conseguiria expressar.

Sua equipe estancou todos os sangramentos, salvo o do coração.

A lona branca lhe soou como o piso alvo do hospital. Voltou àquele lugar, aos corredores infinitamente longos, onde o coração aumenta a cada passo e as pernas brigam para continuar no lugar — a mente ao mesmo tempo querendo ficar, fugir e continuar, incerta sobre o que encontrará atrás de dúbias portas duplas. A espera, o medo; ansiedade corrosiva que enfia uma garra gélida na base da coluna e torce o corpo e a alma.

Por fim, a tão previsível, e igualmente indesejável, notícia. Morte. Obituário, papelada, funerária,

cemitério, velório. Olhares complacentes, apertos nos ombros e frases genéricas. “A vida continua...”. Como se não fosse uma constatação óbvia, algo que todos soubessem.

Ninguém tinha culpa: eram todos culpados.

Daniel, apesar de cair nas graças dos militares, era um rapaz promissor. Bom. Tinha alegria, carregava um bom humor irreparável, sempre cercado de amigos e distribuindo simpatia, conselhos e honestidade. Oferecendo pouca malícia, construiu uma carreira embasada no caráter e no trabalho duro, vinha da classe operária. Se Médici gostava dele, era porque todos que lhe cruzassem o caminho o fariam.

Artur não sabia de nada disso, sequer se importaria. Era uma pessoa ruim, encarniçada. Teve uma época em que acreditou na felicidade, mas a vida fez o favor de triturar suas ambições, tão mesquinha. Virou encrenqueiro, violento, pois chamava atenção dessa maneira. Desobedecia por nenhuma razão além do próprio ato de rebeldia, assim geraria diálogo, ainda que na forma de represálias e discussões. Odiava-se na maior parte do tempo, isso aprendera através da imitação. Era nefasto até com seu primo Miguel, o único que suportava as agressões, pois todos que diziam lhe amar o maltratavam.

Perder seu pai promoveu uma raiva primitiva, infinita, destilando o pior do rapaz. Ninguém o entendia,

então parou de explicar. Abandonou os ditos amigos, as namoradas e todos que queriam, ou assim falavam, o seu melhor. Estava tão sozinho quanto no instante em que beijou a testa do pai, a pele fria e pronta para ser coberta por terra.

Voltou ao páreo. Entrou no corpo a corpo e, ensandecido, buscou sangue. Queria castigar. Causar e sentir o sumo orgástico da dor. Foi atingido, mas não importava mais. O mundo acabara, só existia o momento; átimo fugaz e indescritível, ainda que excepcionalmente real. Sua única realidade era o presente. Sua única companhia eram os oponentes — esses ofereciam mais honestidade que os íntimos camaradas.

Quando Daniel, num *jab* prolongado, errou seu corpo e o braço continuou sua trajetória, houve tragédia. Artur, maléfico, envolveu o cotovelo do oponente, prendendo-o. Com o bíceps, antebraço e fúria, forçou. Empurrou.

Estalo doentio. Alto, nauseante. Sentiu a carne partir, o cotovelo esticado de forma pouco anatômica. Daniel gritou, arregalando os olhos ante a dor, o horror. Vulnerável, foi atingido por uma tormenta de socos impiedosos. Antes da inconsciência alcançá-lo, viu Artur, dentes ensanguentados e rosto talhado, sorrindo e com lágrimas fartas descendo pelo rosto.

— Venci, pai!



Guilherme Mangrich nasceu em Navegantes, Santa Catarina, em 2003. Acadêmico de Letras-Inglês, também frequentou oficinas de escrita criativa. Há muito se encantou em contar e viver histórias. Busca inspiração na música, nas subculturas e no cotidiano. “A dama e o ás” (*Fractais* — autopublicação) foi seu conto de estreia. “O evangelho de Belzebu” (*Dossiê macabro: insetos* — Editora Diário Macabro) e “O custo da lealdade” (*Os sete pecados capitais: luxúria* — Cartola Editora) foram os subsequentes. Desde 2021, chafurda no pântano da ficção irônica, sombria, histórica e controversa.

Ferida

Raquel Setz

Era começo dos anos 90 e as mulheres do prédio tinham mais ou menos a idade que tenho hoje. Quase todas eram donas de casa, com dois ou três filhos. Minha mãe era uma exceção, pois trabalhava fora, e, por isso, eu passava a maior parte do tempo com minha avó, que morava no andar de cima. Com ela eu fui, numa tarde de terça-feira, a uma reunião de Tupperware.

O evento era organizado por Valéria, uma mulher enérgica que tinha conquistado certa notoriedade anos antes por ter sido uma das mais aguerridas fiscais do Sarney. No apartamento, havia sanduichinhos de patê de atum cortados em formato de triângulo, bolo mármore e outros quitutes que as mulheres beliscavam se autocensurando por saírem da dieta, ah, Valéria, assim meu projeto verão vai por água abaixo, como consegue fazer um bolo tão fofinho?, são mãos de fada.

Já nós, crianças, enchíamos a boca de comida enquanto jogávamos pula-pirata e dávamos gritinhos cada vez que o pirata voava do barril. Cuidado com as migalhas, vai sujar o chão, alguma mãe chamou a atenção, mas Valéria disse que não tinha importância, que a faxineira ia no dia seguinte. Quando cansamos

do pula-pirata, resolvemos brincar de pega-pega, apesar dos móveis grandes e pesados da sala não deixarem muito espaço para correr.

Era começo dos anos 90 e as crianças de classe média davam um jeito de se divertir mesmo trancadas em apartamentos apertados.

Foi durante essa correria que Felipe escorregou no tapete e acabou ralando o joelho. Ele era um menino manhoso e deu um grito chamando pela mãe, e gritou e chorou ainda mais quando ela aplicou a temida espátula de merthiolate sobre o ferimento. Viadinho, sentenciou um moleque de quem não lembro o nome. A mãe mandou ele calar a boca e ameaçou com uma mão espalmada no ar, mas Valéria, sempre muito dona da situação, se agachou e explicou, olhando nos olhos dele, que essa era uma coisa muito, muito feia de falar de um amiguinho.

Para evitar outro acidente, nos mandaram sentar no colo das mulheres ou de perninhas cruzadas no chão, porque já ia começar a exposição de recipientes de várias cores e tamanhos e olha só, dá para colocar no freezer e no micro-ondas, conserva a comida que é uma maravilha, a bolacha não fica amolecida, as sobras não ficam com gosto de geladeira.

Valéria mostrava um kit per-fei-to para armazenagem de frutas quando a campainha tocou. Ela fez ué e passou os olhos pela sala, se certificando de que todas que tinham sido chamadas estavam ali.

A campanha tocou de novo, e ela não teve alternativa senão atender.

Era Silmara. Ela tinha o rosto desfigurado por uma cirurgia plástica que tinha dado errado, morava só com a mãe idosa e entrevada e costumava convidar as vizinhas para assistir a filmes pornográficos na sua casa. Era malvista pelas outras mulheres, embora fosse de conhecimento geral que algumas tinham aceitado o convite.

Era começo dos anos 90 e minha família não me poupava de conhecer certos segredos do mundo dos adultos.

Valéria falou para ela entrar e ficar à vontade, mal conseguindo disfarçar o constrangimento. Silmara entrou de braço dado com um homem. Um homem era um corpo estranho, uma farpa no pé de um evento tão feminino. Mesmo criança, pude perceber o desconforto pairando sobre a sala. Mas aquele não era um homem comum, não como nossos pais, tios, avós. Sua figura lembrava menos um homem e mais uma coisa frágil, um hamster molhado. Ele parecia ao mesmo tempo um adolescente e um velho de noventa anos; era magérrimo, as bochechas e os olhos afundados na cara, os braços tão finos que pareciam dançar dentro da manga da camiseta. Prazer, Oswaldo, ele se apresentou com uma voz trêmula e um aceno tímido de mão.

Era começo dos anos 90 e eu só tinha visto gente como ele em revistas e na televisão.

Ele caminhou devagar, se apoiando em Silmara, que o acomodou em uma cadeira ao lado da minha avó e ficou ela mesma em pé. Tentando transparecer normalidade, Valéria continuou mostrando os produtos: esse aqui cabe um saco inteiro de arroz de cinco quilos, esse aqui é ótimo para o lanche das crianças, esse aqui é promoção pague-cinco-leve-seis. As mulheres comentavam que bárbaro!, muito prático, mas suas vozes soavam ocas, como se elas mesmas não estivessem lá — e como prestar atenção em recipientes plásticos com a enormidade que tinha acabado de invadir aquele apartamento?

Silmara nem se deu ao trabalho de fingir interesse pelos Tupperwares. Seus olhos passeavam pela plateia do encontro, e na boca repuxada por um cirurgião-açougueiro se esboçava um sorriso. Oswaldo ficou o tempo todo quieto, ora acompanhando a apresentação, ora olhando para baixo. Cutucava uma unha, tirava um fiapo solto da costura da camiseta, observava os próprios pés — esses gestos vazios que fazemos quando queremos, ao mesmo tempo, ser invisíveis e não encerrar o mundo ao redor.

Mas, naquela situação, a última coisa que ele poderia almejar era a invisibilidade. Eu não conseguia desgrudar os olhos dele, e quando Silmara percebeu,

fez cara de tá-olhando-o-quê, e eu virei o rosto na hora, envergonhada. Não era a única. Amanda, que estava sentada no colo da mãe bem na minha frente, também parecia hipnotizada pela figura estranha e chegou a levar um beliscão da mãe e gritou ai, e mesmo Valéria deu uma gaguejada nessa hora.

É seu namorado, tia Silmara?, uma outra criança perguntou, e o sorriso repuxado da mulher se transformou em uma gargalhada. Isso não é coisa que se pergunte, a mãe repreendeu, não dê uma de enxerida. A gargalhada continuou ecoando, e, olhando de soslaio, percebi que Oswaldo estava morrendo de vergonha, o queixo quase afundando no peito.

Coube a Valéria tentar tomar de novo as rédeas da situação, e convidou as mulheres a examinar de perto as peças: venham ver com as mãos, meninas. O clima tenso foi suavizado enquanto elas analisavam os Tupperwares. Olha só, que resistente! E está uma pechincha. Ah, vou levar logo três! Bandejas de petiscos e garrafas de guaraná circularam. Me servi do refrigerante e tomei metade em uma golada. Depois coloquei o copo em uma estante perto de Oswaldo, que permaneceu sentado sozinho e quase imóvel, enquanto Silmara fumava na sacada.

Fui ao banheiro e na volta resolvi tomar o resto do guaraná, mas encontrei dois copos com o mesmo volume de bebida, um ao lado do outro. Qual é o meu?,

perguntei em voz alta, e então minha avó veio correndo e disse para deixar pra lá, que ela pegaria um novo pra mim. Bem geladinho, ela falou, e achei ótimo, já que ela nunca me deixava tomar nada gelado para não ter dor de garganta.

Era começo dos anos 90 e homens podiam acordar após uma noite de sexo casual e encontrar um recado terrível escrito em batom vermelho no espelho do motel.

Me juntei com as outras crianças no fundo da sala. Vamos brincar do quê? Não pode ser nada de correr, minha mãe falou que não é mais pra fazer isso. E adoleta? Adoleta é chato! Gato mia? Gato mia tem que estar escuro, ô, cabeção! Então Amanda sugeriu, falando baixo em tom de segredo: vamos brincar de hospital? Assentimos com a cabeça. Eu sou médico! Eu quero ser médico também. Tá, tem dois médicos então. Eu sou enfermeira. Eu sou uma grávida que o bebê vai nascer. Eu sou um homem que tá muito, muito doente, e eu sei que vou morrer. Que nem aquele cantor? É, que nem aquele cantor.

Tínhamos começado a interpretar os personagens quando vi de longe Oswaldo tentando se levantar sozinho, talvez para ir ao banheiro ou matar a sede. Ele se desequilibrou e bateu o cotovelo na quina da estante. Valéria de pronto se virou para perguntar se estava tudo bem, mas deu um pulo para trás quando viu que

do cotovelo do homem escorria um fio de sangue. Também havia um pouco de sangue no móvel e duas gotas no piso laminado. As mulheres agarraram as crianças, fica aqui, não sai daqui, não dê um passo!

Era começo dos anos 90 e os adultos tinham muito medo. Minha avó havia alertado meus pais a nunca pararem para dar informação quando estavam andando na rua comigo, pois havia um homem com uma Bíblia debaixo do braço que pedia as horas, e, quando o adulto se distraía consultando o relógio, ele sacava uma seringa de dentro da Bíblia e espetava na criança.

Passa merthiolate, Felipe sugeriu, e a mãe lhe deu um puxão no braço. Ele fez que ia começar a manha, mas ela ordenou silêncio, colocando o dedo indicador na frente da boca.

Oswaldo, com a voz ainda mais frágil, pediu desculpas. Eu estranhei, nunca tinha visto alguém pedir desculpas por se machucar. Desculpa, desculpa, desculpa, ele repetia, e permanecíamos como estátuas. O homem já estava chorando, quando Silmara veio da sacada. Pegou dois guardanapos da pilha ao lado da bandeja de canapés e os colocou sobre a ferida.

Tem um pano, um papel-toalha pra limpar isso aqui?, ela pediu a Valéria, apontando para o sangue na estante e no chão. Ficamos todas mudas e imóveis enquanto Valéria foi até a cozinha e voltou com um pano e luvas de borracha. Silmara recusou as luvas e assim,

com mãos nuas, esfregou qualquer vestígio do acidente. Jogou o pano em um saco plástico que foi colocado em outro saco plástico que Valéria pegou com a ponta dos dedos enluvados para descartar na lixeira do hall.

Então Silmara lançou um olhar de míssil para as outras mulheres, um olhar que as faria repetir para si mesmas que pensavam apenas na segurança e na saúde dos filhos, porque qualquer descuido pode resultar em tragédia e é melhor prevenir, afinal é dever de mãe zelar pelas crias, é assim com qualquer bicho, e, como bichos, elas seriam capazes até de matar para proteger suas crianças — e só depois de repetir e repetir e repetir em silêncio com a cabeça recostada no travesseiro, elas conseguiriam dormir em paz.

Era começo dos anos 90 e na escola às vezes aparecia um grupo vendendo álbuns de figurinha para ajudar os hemofílicos; os hemofílicos, tadinhos, que começam a sangrar e não param mais e acabavam recebendo transfusão de sangue contaminado; os hemofílicos eram vítimas inocentes, todos os outros fizeram por merecer.

Silmara foi embora amparando Oswaldo pelos ombros, nos deixando a sós com o que tinha acabado de acontecer. Nenhum pote foi vendido na tarde daquela terça-feira. Apesar das promoções, apesar da propaganda efusiva de Valéria, apesar do motivo do encontro serem os benditos Tupperwares, as mulheres começaram a se despedir sem jeito, já está tarde, tenho que

adiantar o jantar, as crianças têm um monte de lição de casa pra fazer...

Valéria até tentou estancar a debandada, mas logo desistiu.

Era começo dos anos 90 e na TV e no rádio imploravam para os jovens usarem camisinha.

O que soube depois, eu construí juntando fragmentos — uma conversa escutada enquanto brincávamos no parquinho e as mulheres fofocavam num banco, um cochicho surpreendido na casa de alguma amiguinha, um comentário que minha avó deixou escapar quando eu estava por perto:

Oswaldo era amigo de infância de Silmara. Ela sempre soube. Mesmo sendo daquele jeito, ele casou e teve filhos. Foi rejeitado pela família quando ficou doente. Silmara o acolheu. Oswaldo estava na UTI com pneumonia.

Era começo dos anos 90 e nossas mães, nossas avós, as mulheres que nos davam colo e afeto, que faziam cuidado quando ficávamos de ponta-cabeça no trepa-trepa, que queriam os melhores potes para guardar a comida da família, essas mesmas mulheres não hesitaram em proferir a sentença: Oswaldo tinha feito por merecer.



Raquel Setz nasceu em São Paulo em 1984, é jornalista e sempre teve gosto pelas palavras, mas começou a escrever literatura a sério mesmo só no fim de 2019. Já teve contos publicados nas revistas *Nove Amanhãs*, *Alinhavos*, *Solarpunk Magazine* e nas newsletters *Faísca* e *Pulpa*. Seu primeiro livro, a coletânea de contos *Desfiguração* (Oito e Meio), foi lançado logo após ser vencedora do Prêmio. Fã de Ursula Le Guin e Roberto Bolaño.

Antes da primeira chuva

Waleks Rodrigues

Aos domingos, após o almoço, conversávamos no telheiro que rodeava a casa. Os cachorros, depois de roerem os ossos, procuravam uma sombra fresca e se enfiavam dentro de um buraco. Meu avô, sentado junto à mesa, desabotoava a camisa, estirava as pernas e palitava os dentes diante dos pratos sujos. Era sempre assim. Uma tarde preguiçosa ia se estendendo até que chegasse a hora de apartar o gado. Num desses domingos, recebemos o pastor, que veio tratar dos assuntos corriqueiros da congregação com meu avô. Meu pai estava sentado na mureta que acompanhava a extensão do telheiro e conversava com a esposa do pastor. Os assuntos nunca iam além dos escândalos da igreja ou as fofocas da vila. Naquela época, eu já tinha idade para saber que meu avô estava incomodado com o modo de meu pai conversar com aquela mulher. Por isso, fingindo prestar atenção no que o pastor contava, meu avô acompanhava os dois de rabo de olho, que davam risadas na mureta. Volta e meia se remexia no tamborete para consertar o espinhaço e lançar o olhar que o meu pai conhecia bem.

À medida que a tarde se estendeu, o rangido do tamborete aumentou, como se a madeira estivesse mais

seca ou as frestas entre elas mais frouxas. Meu pai e a mulher também deixaram a discricão de lado e passaram a dar boas gargalhadas. Vez ou outra, o próprio pastor interrompia a conversa para olhá-los. Foi numa dessas gargalhadas que meu avô interveio:

— Toma vergonha, rapaz. Tira essas mãos dos quartos!

Meu pai sabia o que aquilo significava. Ele pediu desculpas e disse que iria apartar o gado, mesmo com o sol alto no horizonte. Meu avô passou de branco para vermelho. Já o pastor tratou de falar as coisas que se falam nesses momentos: que estava abafado e logo chegariam as chuvas. Depois, como se não tivessem mais o que conversar, disse que já era hora de ir. A vergonha compartilhada se fez porque, entre os dois, se revelou uma verdade que eu já sabia. Uma verdade que o “jeito espalhafatoso” do meu pai entregava. Isso era motivo mais que o suficiente para uma punição, e elas sempre sobravam para mim também. Era uma forma de corrigir o erro da criação do meu pai e, ao mesmo tempo, evitar que eu me tornasse como ele. Meu avô pigarreou para romper o constrangimento e disse firme para que eu prendesse os cachorros e não desse o trato. Iríamos caçar no dia seguinte.

Nessas ocasiões, eu e meu pai sempre dividíamos as tarefas: buscar e arriar os cavalos, arrumar e carregar as tralhas e voltar até a sede da fazenda para buscar

a velha camionete, caso matássemos um animal muito grande. Dirigíamos até o ponto mais próximo possível do abate e, mesmo assim, quase sempre ficava longe, de modo que ainda restava equilibrar o bicho esquarterado sobre os arreios, passando por juquiras e trieiros cheios de tucuns, até a camionete. Meu avô se restringia a carregar uma espingarda e um cantil. Hoje, eu sei que aquilo funcionava como castigo não porque fazíamos as coisas de homem — o que meu avô fazia questão de ressaltar —, mas sim porque éramos humilhados servindo-o. Prova disso é que nunca fui como o meu pai, mas odiava tanto os dias de caçada quanto ele.

Prendi os cachorros e não lhes dei o que comer. Às vezes, já tarde da noite, eu desobedecia a ordem e dava a sobra do jantar. E quando eu não podia dar a todos, dava ao menos ao Canela, o menor entre eles. Na caçada anterior, ele ficou perdido na mata por quase três dias. Meu avô disse que isso era bom.

— Quando a fome apertar, ele apura o faro e acha o caminho de casa bem rapidinho.

Mas a verdade é que, desde quando meu pai o trouxe, ainda filhote, meu avô implicou com o bicho. Era pequeno demais, e cachorro pequeno era coisa de frouxo. Então, sempre que íamos à mata, passei a ter o cuidado de alimentá-lo antes.

O sol ainda não havia saído quando escutei o silvo da lima amolando os fios dos facões. Os cachorros

latindo. Eles sabiam o que o ritual de amolar os cortes significava e sempre alegravam os rabos. Levantei e descobri que meu pai já tinha buscado os animais; eu os arriei. Meu avô estava com os olhos vermelhos de quem não tinha dormido e exalava um cheiro forte de alambique e suor seco. Percebi sobre a mureta o velho cantil. Nunca deixou que pegássemos nele alegando muito estima, pois tinha sido um presente do seu finado pai. Mas a verdade é que ele o usava para colocar cachaça. Um hábito que ninguém reprimia, nem mesmo o pastor. Uma ovelha que dava ofertas generosas tinha liberdade de trilhar outros pastos. Naquele dia, ele estava cambaleante, e eu esperava que escorasse em algum canto e dormisse. Mas não foi o que aconteceu.

Meu pai passou o café e preparou beijos para quebrarmos o jejum. Atrelamos as cargas nos arreios, atiçamos os cachorros e saímos em direção à mata, que se iluminava com os primeiros raios de sol. Meu avô disse que iríamos até a cabeceira da fazenda porque os caititus estavam nas mirindibas. Mas antes de chegarmos ao local, os cachorros pegaram o faro dos bichos e debandaram quietos. Só depois, escutamos os primeiros latidos. Eram descompassados, o que significava que estavam em movimento. Corriam para as grotas. Meu avô pegou o cantil e encheu a boca até que não coubesse mais. Derramou um pouco sobre a camisa, e o cheiro de álcool se espalhou.

— O que tá olhando? Todo homem tem que beber uma cachacinha de vez em quando.

Deu uma risada e me olhou.

— Não é, não, meu neto?

Meu pai o olhava com indiferença. Mas se tratava de algo novo para mim — era a primeira vez que ele assumia a cachaça. Aproximou o cavalo ao meu, estribo com estribo, estendeu o cantil e disse para eu beber. Meu pai puxou uma das rédeas e ficou de frente para nós.

— Ele ainda não tem idade para essas coisas.

— Sua mãe dizia a mesma coisa sobre você e olha só no que deu.

Tempos depois, eu descobri que meu avô levava meu pai num bar chamado Damas de Veludo. Lá, ele o obrigou a beber e a se envolver com as mulheres da vida em mais uma tentativa de que o filho aprumasse os desejos. Então, não ter “idade para essas coisas” talvez significasse mais do que um gole de cachaça iminente, talvez significasse que eu já pudera ter aquelas mesmas experiências que um dia ele teve e que, por algum motivo, não queria que eu tivesse também. Mas nada disso eu sabia ainda. Peguei o cantil por uma necessidade mais urgente. Meu avô me olhava com as sobrancelhas arqueadas, com a cara que sempre fazia antes das surras. E não posso negar, uma parte daquele menino também tinha a curiosidade de saber o gosto

do líquido destinado aos pecadores. Era o gosto da permissão nunca experimentada. Eu só não bebi porque os latidos ficaram abafados.

— Acoaram! — meu pai disse.

Ele raspou a espora e conduziu o cavalo num trope ligeiro em direção ao som dos latidos. Devolvi o cantil e segui atrás, sem esperar qualquer reação.

Chegamos e apeamos dos animais. O céu escureceu e prometia chuva. Meu avô nos olhava e parecia não se importar mais com a caçada. O local era uma grota seca devido à estiagem. Sobre nossas cabeças, um emaranhado de cipós, que impedia as folhas soltas de caírem, deixava o local ainda mais escuro. Fedia a charco. No barranco, existiam buracos de tatus-canastra, que os caititus usavam como furnas. Os cachorros estavam deitados com a barriga para baixo, pernas recolhidas e língua para fora. As orelhas estavam atentas ao buraco, mas agitaram as caudas quando nos perceberam. Canela parecia estar ainda mais exausto que os outros. Meu pai fez carinho, derramou um pouco de água sobre o focinho, e ele lambeu se refrescando.

— De novo com esse cão! Caminha ligeiro, pega a lanterna pra mim.

Meu pai fez o ordenado, e meu avô iluminou dentro do buraco. Se tratava de uma furna muito estreita no início e que se alargava logo após a primeira curva. Desligou a lanterna e assobiou para os cachorros, que o

arrodearam. Meu pai disse que eles não entrariam porque o buraco era estreito demais e, além disso, devia ter mais de um caítitu lá dentro, dava para ouvi-los batendo os queixos. Se os cachorros entrassem, era capaz de que nem saíssem mais. A solução seria estaquear a entrada e colocar fumaça, como de costume. Na maioria das vezes, os bichos sufocavam e vinham para frente e assim, um a um, tiro por tiro, eram mortos. E o melhor, os cachorros não sofriam os cortes sangrentos daquelas presas afiadas.

Meu pai tirou um isqueiro do bolso e estendeu em direção ao meu avô. Em outras circunstâncias, ele teria feito a fumaça, mas, naquele dia, ele não quis dar o braço a torcer. Apenas olhou com desdém e tornou a assobiar. Os cachorros latiram e cavaram a entrada do buraco com o esforço de quem não chegaria a lugar algum. Meu avô bateu a botina irritado. Virou-se para o lado, assobiou e estalou o dedo para o Canela, que foi até ele de rabo murcho e desconfiado. Recebeu um carinho que retribuiu com lambidas molhadas. Até onde me lembro, aquela foi a única vez que o Canela recebeu um afago do meu avô, que se limitava a tangê-lo ou ralhá-lo.

— Ele é muito pequeno — meu pai disse. — Não consegue tirar os caítitus.

— Ainda assim é um cachorro, ora. E é por ser pequeno que ele cabe no buraco.

Meu avô pegou o Canela na mão e o segurou junto à barriga suada. Talvez por medo, Canela soltou um pouco de urina que escorreu e se misturou ao suor. Eu fui em direção a ele, talvez me escutasse, mas meu pai fez com a mão para eu ficar. Se pôs em frente ao buraco, fazendo uma barreira.

— Ele não vai entrar nessa furna!

— Oxe! Ele entra onde eu quiser.

Meu pai só tinha desafiado meu avô daquela maneira uma vez, quando eu quase apanhei por ter tomado banho de açude. Naquele dia, eu não poderia entrar na água porque estava com uma gripe mal curada. Mas não foi a desobediência o motivo de eu quase ter entrado na taca, isso sequer foi mencionado; depois que passarinhamos, meu colega me encorajou a tirar a cueca para nadar, coisa que ele também faria. Secos, ninguém azucrinaria nosso juízo. Me pareceu uma boa ideia, só não esperávamos que meu avô e meu pai estivessem procurando uma novilha naquele pasto. Quando nos viu, meu avô desceu do cavalo já levantando a pinhola. “Onde já se viu, duas crianças de severgonhiça!”. Eu já esperava uma marca vermelha, porque já havia apanhado de pinhola antes. As marcas começavam vermelhas e só depois se arroxavam. Mas, então, meu pai gritou para que nos deixassem em paz, que éramos apenas duas crianças brincando. E meu avô não me bateu. Em vez disso, olhou para o filho do vizinho e mandou

ele ir direto para casa, que depois conversaria com o compadre. Eu também tomei o rumo de casa. Dois dias depois, eu vi, quando meu pai amornava a água para se banhar, as marcas roxas sobre suas costelas.

Ele tornava a desafiá-lo.

— Sai da minha frente — meu avô disse.

Meu pai não saiu. Meu avô colocou o Canela no chão. Puxou a correia que marcava o seu peito, esticou um dos braços e tirou com dificuldade a cartucheira presa ao seu tronco. Em seguida, apoiou a coronha da arma sobre a botina.

— Sai!

— Vai lá, me mata.

Meu avô apontou a cartucheira para o meu pai e armou a agulha. Ele começou a se afastar devagar, mas parecia determinado a não sair da frente.

— Vô, pelo amor de Deus, abaixa isso!

Ele me olhou. Os olhos semiabertos e vermelhos. O corpo cambaleante. Apesar da embriaguez, existia uma vontade anterior àquele momento, como se fosse uma decisão tomada com calma. E penso isso porque foi só quando ele percebeu minha presença que desistiu daquilo. Era como se eu não estivesse ali e de repente surgisse não clamando “pelo amor de Deus”, mas sim como se eu fosse o próprio Javé lhe lembrando o juízo final. Eu sei, minha presença impediu que ele puxasse o gatilho para o meu pai naquele dia. Eu seria a

testemunha que contaria ao pastor e às outras pessoas. Eu seria a existência do seu pecado.

E me arrependo de tê-lo lembrado de que eu estava ali. Se eu soubesse que meu pai não aguentaria os próximos meses, eu não me importaria de vê-lo sendo morto pelo próprio pai. Eu preferiria carregar essa imagem à dele dependurado no esteio da casinha dos bezerras. Preferiria carregar essa imagem a ouvir meu avô falando para as pessoas que meu pai deu brecha ao demônio e que aquela era a consequência das escolhas dele.

— Tá certo, ele não entra então.

Meu avô olhou para o Canela, e, dessa vez, ele abanou o rabo. Talvez quisesse outro carinho, fortalecer o pequeno elo de confiança que construíram. Em vez disso, meu avô apoiou o cano da espingarda num dos cipós por ali. Ele estava bêbado, e o alvo era pequeno. Eu esperava que o Canela corresse após o primeiro tiro, mas o pouco provável aconteceu. Não deixando a mínima chance, num rastro de fumaça e faísca, meu avô acertou na cabeça. Os outros cachorros se assustaram. Meu pai se abaixou de cócoras. O eco do tiro e o cheiro de pólvora queimada preencheram os instantes seguintes. Os cachorros foram até o Canela, cheiraram e lamberam um pouco do sangue. Então, subiram a grotta e foram para casa. Meu avô assobiou em vão para que eles voltassem. Uma chuva, estranhamente calma para ser a primeira depois da estiagem, caiu. Eu não

soube se meu pai estava chorando. As águas apenas escorriam.

— Vamos — meu pai disse, enquanto recolhia o corpo amolecido do Canela.

Subimos pelo mesmo lugar que os cachorros subiram. Meu avô ficou lá, escorado no barranco ao lado da capanga molhada. Parecia triste, não sei. Talvez estivesse mesmo: nenhuma fumaça arrancaria os caititus da furna, não diante da chuva, tampouco as espoletas se arrebentariam.



Waleks Rodrigues nasceu em 1997 em Palmas, Tocantins. Cresceu na zona rural, fascinado pelas histórias que o avô contava sobre a mata, o rio e sua gente. Aos 26 anos, já publicou contos em coletâneas e, em 2023, conquistou menção honrosa na 3ª edição do Prêmio Literário Máquina de Contos. Estuda Escrita Criativa na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), onde foi aluno do professor e escritor Luiz Antonio de Assis Brasil. Atualmente, trabalha na escrita de contos rurais ambientados no norte do Brasil.

Ex-votos

Camila De Jorge

Não se sabe ao certo o momento em que se tornou hábito dos habitantes de Loptiana visitar em procissão a casa cinquenta e seis, a última da rua Rainha dos Afli-tos. Há quem diga que o costume surgiu sem motivo, nascido da necessidade de acreditar em alguma coisa. Outros são capazes de jurar que os fatos narrados aqui são tão reais quanto o sol no firmamento. Algumas versões da história embaralham os acontecimentos ou negam por completo a veracidade do que se deu. O passado, tão vivo quanto o presente, reinventa-se na memória de quem decide lembrar. Não sou arrogante a ponto de achar que tenho a palavra final sobre o relato. Mas, se me perguntarem, direi que a fama da casa cinquenta e seis começou quando seu destino se entrelaçou ao do senhor Fernando Damasceno. Em um ato de loucura, ao constatar a morte do primogênito, entrou no casarão buscando abrigo em meio a uma tempestade. Ajoelhou-se no ladrilho azul do pórtico e rezou com o filho natimorto nos braços. Quando os olhos secaram e a última lágrima pousou no chão, o menino, sem explicação que o mundo dos homens pudesse dar, chorou. Um choro que o salvou do mundo dos mortos.

A notícia da ressurreição foi suficiente para que as habilidades milagreiras do casarão fossem colocadas à prova. E ele não decepcionou. Bastava respirar o ar da casa para ter qualquer mal dos pulmões curado; ou vagar por seus corredores para se livrar de dores crônicas. Até o dedo mindinho de um garoto, decepado em uma brincadeira imprudente, eu vi renascer. A notoriedade da mansão era tamanha, que estrangeiros cruzavam o oceano para se consultarem. Um cego, daqueles que só sabem da existência do sol pelo calor, orou em uma língua que mais parecia grunhidos. Os olhos leitosos se clarearam, a reza se transformou em sorriso. As vistas, antes embaçadas, voltaram para a terra natal limpas. Outro, um parálítico de nascença, chegou empurrado por uma velha que adivinhei sua mãe. Mesmo hoje consigo escutar o ressoar dos estalos que as pernas entreadas deram ao se esticarem pela primeira vez na vida. Mas o que mais tenho gravado na memória são os desfiles de moribundos. Presos em seus leitos por cordas, chacoalhavam enquanto os parentes arrastavam suas camas pelas ruas de Loptiana. Venciam paralelepípedos com a força da fé em direção à última esperança do doente. Como agradecimento, os devotos passaram a deixar oferendas espalhadas pelos incontáveis quartos do edifício. Pés, braços e cabeças davam a dimensão de sua generosidade. Inexistia benção que estivesse fora de seu alcance. O que não posso negar é que a casa

escolhia seus favoritos. Distribuía milagres do jeito que queria. Eu, o visitante mais assíduo, nunca fui tocado. Coxo desde menino, mais de uma vez roguei para que meu calcanhar se aprumasse. Subi degraus em prece, feri joelhos com milho cru e chorei lágrimas ardidas de humilhação. Eu, que varria todos os seus cômodos antes da chegada do primeiro visitante, que polia os corrimãos e lustrava móveis. Eu, que lhe fazia companhia, que passava todas as minhas horas livres em seu interior. Que não tinha segredos para ela. Eu, que nunca lhe cobrei amor. Eu, que, em um ato de desespero, presenteei-a com uma perna de cera, na tentativa de um pagamento antecipado. Eu, que fiz de tudo um pouco por ela, recebi apenas silêncio como resposta. Desisti de ser ouvido ao presenciar levantar do caixão um morto levado quente ao edifício. O casarão padecia de surdez seletiva e, para mim, fez-se mouco.

A bem da verdade, nem só com questões de vida ou de morte ele se entretinha. Se fosse briga entre parentes, a lágrima de uma mãe aflita servia de oração. Sendo financeiro, uma promessa resolvia. O dinheiro aparecia no bolso certo. Lembro de um rapaz desempregado, a esposa grávida de trigêmeos. Sob protestos da mulher, deu para o casarão, em um envelope recheado, as últimas economias do casal. Em um mês, mudaram-se de Loptiana para nunca mais retornarem; ele, o único ganhador da loteria. Nenhum problema estava fora

da sua alçada. Prova disso era a quantidade de tempo que dedicava a curar corações partidos. Era só esconder um papelzinho com o nome do amado em uma de suas gavetas ou atrás de um azulejo, para poder organizar a festa de casamento, não necessariamente com a pessoa desejada. A casa sabia o destino melhor para quem solicitava o seu auxílio. Assisti a casais serem feitos e desfeitos, encontros e reencontros de almas gêmeas. Escutei juras de amor juvenis e pactos firmados entre velhos amantes. Havia até quem fazia questão de trocar votos no salão do edifício. O padre da pequena paróquia de Loptiana já tinha desistido de convencer os fiéis de casarem-se na igreja. Tenho para mim que ele preferia fazer suas celebrações lá, cercado pelos prodígios da suntuosa mansão.

A residência mais alta da rua Rainha dos Aflitos era cercada por muros tomados por plantas selvagens. No jardim, flores cujo nome desconheço cresciam desordenadas. Na tentativa de podá-las, emaranhava os pés em armadilhas vivas. Quem estava ali a passeio, volta e meia tropeçava em raízes ou se arranhava em uma planta espinhosa. Era impraticável caminhar sem os olhos fixos no chão. O terreno de declive constante colocava à prova a vontade de quem queria conhecer o edifício. Quem persistisse, porém, dificilmente se arrependeria. Ao chegar ao fim da trilha, mesmo diante da falta de fôlego imposta pela subida, era impossível não

prender o ar ao ver despontar, no fundo do terreno, a fachada curvilínea da casa milagreira. Todos paravam para apreciar a construção antes de vencer os metros finais. O telhado côncavo reluzia amarelo, e a escadaria de entrada começava em balaústres cilíndricos de madeira maciça. A porta principal não possuía uma única linha reta, sua maçaneta era feita do mais fino marfim. As janelas, distribuídas por dois andares vertiginosos, deixavam entrever a riqueza de seu interior. O visitante de primeira viagem ficava em êxtase diante do brilho dourado que adornava o casarão. Murais e pinturas, ilusionistas, enganavam o olhar do espectador. O jogo de luz e sombra renovava a impressão de que não existia nenhuma parede que fosse igual a outra. Colunas enfeitadas por esculturas acentuavam o ar assimétrico do edifício, revelando a intenção de seus anônimos artesãos. Era uma casa torta. A extravagância perdia só para a excentricidade reinante. Entendidos tentaram localizar a construção em algum século ou movimento arquitetônico. A casa, contudo, não estava parada no tempo. Dormia e acordava sempre com alguma novidade, uma surpresa nascida de sua vontade de existir. Ao fim do dia, todos deixavam a misteriosa construção com uma certeza e uma suspeita: era preciso mais de uma visita para desvendar os segredos da casa cinquenta e seis. Eu não era exceção. Sempre que me via atormentado por problemas mundanos, dirigia-me para o

abrigo sagrado que ela oferecia aos seus convidados. Ainda hoje desconheço o milagre que fez a primeira pessoa levar, como se de direito fosse, uma lembrança em forma de amuleto da casa mágica. Mas fui eu, em umas das minhas andanças, o primeiro a perceber que faltava algo no casarão, três dedos para ser exato. Três dedos da mão esquerda do quarto anjo esculpido na coluna com ar barroco erguida no pátio central. Toquei os cotocos do aleijado querubim. Procurei os pedaços faltantes, mas a esperança de um remendo terminou com a constatação de que aquilo não tinha sido um acidente. Outras partes da mansão estavam faltando. A casa havia sido violada.

Os vândalos iniciaram o desmonte de forma discreta. Comecei a dar falta de pequenos itens: garfos, facas, copos, pratos, um bule chinês que enfeitava a cristaleira da sala de jantar e os puxadores de porcelana das mesas de cabeceira. Lençóis sumiram das cômodas, e os sofás jaziam sem almofadas para enfeitá-los. Percorria os corredores do casarão não mais em estado meditativo, mas, sim, em alerta. Todos ali pareciam suspeitos. Usurpadores à espera de um momento de distração para levar mais um item da casa cinquenta e seis. Por sorte ou azar, nunca testemunhei furto algum. Quando dava por mim, os pertences do casarão já tinham desaparecido, levados em sacolas ou bolsas. Quiçá escondidos debaixo da roupa dos larápios. Isso até a notícia sobre o

poder dos artefatos se espalhar. Em pouco tempo, mesmo as idosas semanalmente encontradas na missa de domingo perderam o decoro. Sem pudores, entravam no edifício de picareta em punho. Só Deus pode explicar a força que aqueles corpos de peles flácidas e juntas enrijecidas demonstraram. Entorpecido, vi sendo levados vidraças e portões; depois, batentes e parapeitos. Chão e paredes, azulejos e tijolos, cortinas e tapetes. Nada restou intacto. Quando os pilares de sustentação começaram a ser retalhados, profundas rachaduras desenharam veias pelas paredes, cortando o casarão de ponta a ponta. Certa tarde um estampido fez abrir no chão do segundo andar um buraco do tamanho de um homem adulto. Mas nem isso foi o bastante para espantar a horda de gente faminta por qualquer bocado que fosse da casa cinquenta e seis. Caso algum desavisado passasse rente aos seus degraus, considerando o martelar constante e a poeira de detritos no ar, pensaria que estava em reforma, mas eu sabia que nada estava sendo construído. Eu era testemunha do desmonte que se operava.

Na porta de entrada, começaram a aparecer todas as oferendas já dedicadas ao casarão. Ninguém sabia ao certo quem fazia o despojo. Me pareceu óbvio que a própria casa, ferida, devolvia os mimos dos amantes, bem como era evidente o culpado pelo princípio de incêndio que, certo dia, teve de ser contido. Pane

elétrica, disseram, mas eu sabia que a mansão, lutando contra sua destruição, autoflagelava-se. Fazia germinar em suas entranhas a vontade de ser inabitável. Ela preferia atear fogo em si mesma do que se entregar de mão beijada aos invasores. O jardim se fazia selva, a densidade das copas transformava dia em noite, e pesados cipós pendiam de árvores crescidas em um piscar de olhos. Sabendo de seus motivos, deixei crescer plantas venenosas, algumas mortíferas, outras causadoras de urticárias e pústulas que estouravam ao menor toque. As formas arredondadas do edifício foram substituídas por quinas. Ripas de madeira nua apontavam o céu em advertência feito dedos acusadores. Portas, antes sempre abertas, agora precisavam ser arrombadas. E não era incomum pessoas saírem de lá rumo ao hospital. Cacos de vidro cortavam bisbilhoteiros, e parafusos caíam em cabeças distraídas. Tábuas se desprendiam do chão, provocando quedas e tropeços. Os vazamentos formaram no porão uma espécie de mangue, habitado por todo tipo de bicho peçonhento. As cobras sibilavam ao menor movimento, aranhas teciam moradia nas quinas das paredes apodrecidas. O coaxar dos sapos abafava qualquer oração, e o cheiro de esgoto obrigava a cobrir o nariz com lenços perfumados. Todos os alertas foram ignorados. A guerra da última casa da rua Rainha dos Aflitos contra os cidadãos de Loptiana cessou apenas com derramamento de sangue inocente.

O acidente foi noticiado com alarde pelo jornal local. Como o grotesco imita o que é sublime, pouco me espantei ao saber que o menino morto possuía o mesmo nome da criança que, no passado, a mansão tinha decido salvar. Desde o desabamento de uma vítima só, a cidade se viu presa em um luto eterno, e o lugar, que um dia tinha sido motivo de orgulho dos loptianenses, passou a ser evitado. Houve aqueles que, negando as próprias bênçãos, inventavam explicações estapafúrdias para as graças recebidas. Na busca por absolvição pelo que tinham feito à casa santa, muitos afirmavam que lá morava um demônio. Estes acrescentavam que os agraciados pela sua bruxaria estavam fadados a descer aos círculos do inferno. No fim, a maioria das pessoas só queria esquecer, deixar a memória do fantástico casarão se perder. Aos poucos, a casa número cinquenta e seis virou lenda. Um mito do qual as novas gerações da cidade só ouvirão falar. Abandonada, ganhou contornos de mansão mal-assombrada. O indomável jardim invadiu as ruínas. Trepadeiras hoje sobem pelas paredes buscando brechas para se embrenhar. Devassam falhas no telhado em direção a raios solares. O pântano subterrâneo emergiu. Inundou o que sobrou do primeiro andar. Na última vez que prestei uma visita à casa, chovia. Escorreguei no chão alagado, apoiado na perna boa, me levantei sem a ajuda de viva alma. Contemplei o vazio da construção que pouco

tempo atrás estava sempre cheia. O inegável se abateu sobre mim: eu era aquilo que tinha sobrado, o único com ânimo de ir até o fim da rua Rainha dos Aflitos. Muito longe de ser um devoto, imagino-me como seu confidente e amigo. Alguém que consegue enxergar a beleza por trás dos escombros. A mansão ainda é bela. Depois das violências sofridas, das dores impostas, das depredações, das mentiras a respeito de seus milagres. Mesmo depois das traições, da ingratidão e da falta de amor, a casa de número cinquenta e seis ainda guarda dentro de si dignidade e encantamento. Ainda me causa espanto e reverência. Ainda me admira e surpreende. Ainda me enfeitiça. Diante do esquecimento, era de se esperar que ela estivesse morta, que seus poderes e maravilhas esvaecessem. Que nada mais dela pudesse ser arrancado ou aproveitado. Mesmo assim, não teve dia em que não encontrei em seus arredores algo novo, algo mágico e sobrenatural. Algo que agora ela fazia brotar só para mim.



Camila De Jorge, brasileira de 36 anos, é escritora e artista plástica. Participou como autora colaboradora na novela *Jóia rara*, vencedora do Emmy Internacional em 2014 na categoria melhor telenovela. Como escritora, em 2023, teve o conto *Desossa* premiado em quinto lugar no Prêmio Off Flip. Por meio de palavras e imagens, Camila busca descortinar a realidade, mostrando ao espectador novas possibilidades de existência.

O presente de Marta

Arthur Simon

O coquetel *molotov* jaz dentro da mala de Marta. A Louis Vuitton vintage, comprada em um brechó em Nova York, é um segundo corpo em cima da cama. Marta, profundamente adormecida, tem seu rosto salpicado pelo reflexo de paetês cor champanhe do vestido pendurado no puxador do janelão, que vai do teto ao piso.

É nove da manhã quando o silêncio do quarto quebra pelo tom musical do despertador. Marta demora alguns segundos para se situar no mundo e lembrar que o dia *finalmente* chegara. Com certa ânsia, pega na mesa de cabeceira duas pílulas de cafeína para afastar o efeito do Zolpidem. Faz seu corpo acolhê-las com um imenso gole do espumante que tinha ficado sobre o gaveteiro, agora já em temperatura ambiente e sem gás. Há sete meses, era assim que Marta vivia, funcionando à base de calmantes para dormir e de estimulantes para acordar, o *modus operandi* dos últimos anos de Marilyn.

O céu azul aviva todas as cores do quarto e a faz perceber as cortinas abertas. Marta chacoalha a cabeça, ciente de que – mais do que em qualquer outro dia de sua vida – não pode descuidar de mais nada. Repassa o

plano na mente. E aí se lembra do seu aniversário e da festa logo mais, à noite. *Não se faz cinquenta anos todos os dias, ainda mais assim... com esse presente que estou prestes a me dar.*

Marta passeia a mão pelo torso e se demora no pescoço. Acaricia o relicário com a mão direita e fica alguns minutos parada, olhando sem foco específico, sentindo nos dedos o ouro que guarda seu filho.

As tarefas a executar tiram-na da inércia. Liga o chuveiro para começar o dia de verdade e, enquanto espera a água esquentar, fica analisando o corpo no espelho, gostando do que vê. Emagrecera muito. Sempre foi assim: a tristeza lhe deixava mais elegante. Os olhos focam no rosto, e ela gosta menos do que vê ali, constataando como esses últimos meses a envelheceram. Estica com as mãos as extremidades das bochechas. Poderia ficar o dia todo se puxando, que ainda assim nada mudaria. Nada *mesmo*.

Aos poucos, o vapor preenche o banheiro branquíssimo. Quando parece uma sauna, Marta entra debaixo da água fervendo, sua chuva particular. Se abraça e, no íntimo dos azulejos e dos vidros, uma névoa arremessa longe toda a realidade, e a saturação da vida cai de vez. A mente flutua como se Marta tivesse tomado uma garrafa inteira de espumante.

Seu corpo desliza pela parede, até que fica deitada, tremendo. Pedrinho paira bem em cima dela,

a barba quase lhe roçando. Aquela cabeça, que ela gestara e depois parira, aparece em meio a um jardim flutuante de flores – o jardim final. Com os rostos a um palmo de distância entre si, ela, mais uma vez, dá o beijo cadavérico na testa dele. Gosta da encenação familiar, quase diária. Seus lábios beijando o ar sempre encerra o transe.

Mas hoje, não.

Hoje, Marta se perde na mistura de cheiros da maquiagem mortuária, do formol, dos desinfetantes. Respira mais forte, forçando a narina a sorver mais do que pode. Aspira tão forte que tudo fica preto, e a visão leva um tempo para voltar. Agora, a imagem de Pedrinho é outra. Ele está completamente carcomido, pura putrefação. Partes do crânio já são visíveis. Quando Marta, ainda atirada no chão, vê minhocas e lesmas se movimentando no seu filho, vira o rosto e fica de quatro. Numa posição lupina, berra quebrado, desafinado; um resto de notas fica preso dentro dela – mas é o máximo que sua garganta pode fazer naquele momento.

Finalmente, o transe vai acabando. Marta se levanta e retorna ao mundo dos vivos. Desliga o chuveiro. Com calma, ela se seca, passa o hidratante no corpo todo e põe uma roupa de ficar em casa. O macacão de linho branco dá uma aura asséptica a

ela, de modo que, se alguém a visse neste momento, certamente não imaginaria a situação em que se encontrava minutos atrás.

Quando Marta ia preparar café na máquina, foi interrompida pelo barulho do interfone.

A voz mecânica do porteiro invade seu tímpano para avisar que a maquiadora chegou. Marta respira fundo: agora é oficial.

— Que alegria, Dona Marta, meus parabéns! Ó, chegou isso aqui lá embaixo para a senhora, hein? O porteiro pediu para eu trazer. — O abraço entre as duas é rápido e aconchegante.

Marta desembrolha a cesta de café da manhã que suas irmãs a enviaram, acompanhada de girassóis e de um cartão: *Que seu novo ciclo seja de bons ventos e de resignificação. Estamos ao seu lado nesse momento (e sempre), lembre-se. Com amor, Jane e Elizabeth.*

A partir dali, e com a companhia de Amélia, o ambiente fica leve.

— Tô feliz em ver a senhora assim, toda bonita, se cuidando. A gente não tem mais se visto, fiquei até bem surpresa com a ligação. Falei pro pessoal lá no salão, ó, a Dona Marta. Todo mundo mandou um beijo e disse que tem rezado muito pela senhora.

— Pelo menos, na minha quinquagésima primavera, eu preciso chegar bem, não é? Decidi celebrar a vida,

Amélia. Pode avisar pras meninas que eu vou visitar elas assim que der, tá?

Marta está a caminho da festa, pronta. A maquiagem evoca pêssego e dourado, cores que realçam sua pele quente; o cabelo preto com mechas caramelo traz um penteado tipo Priscilla Presley, alto. Parece uma estrela de cinema, daquelas que dirigem os próprios carros, nada de motorista. Ao lado, no banco do carona, está sua mala.

Com o vestido de paetê cor champanhe quase raspando no chão do veículo, ela finalmente alcança um trajeto lindo depois das semicasas deprimentes da saída de Florianópolis, ao pegar a BR-282. Passa por cidades cada vez menores, algumas que nem consegue decorar o nome, todas emolduradas por pinheiros e araucárias. Com a velocidade, se forma no teto solar um filme de borrões azuis, verdes, marrons e amarelos: as pontas dos galhos dão ocasionais espaços à luz quente e ao azul esverdeado do céu, em tons que poderiam ter sido escolhidos por Wes Anderson.

O cenário comove Marta.

Uma voz angelical emana dos alto-falantes. *It's dark, but just a game / That's what he would say to me / The*

faces aren't the same, but their stories all end tragically. A caminhonete preta é preenchida pela cantora que Pedrinho mais gostava.

Não pode ser que os vermes o estejam devorando agora mesmo, pode? O pensamento a faz prender a respiração. *Porra. E as pessoas entrando e saindo da sala de mármore naquele dia ensolarado, com certeza indo embora para a praia, pouco se fodendo para a minha tragédia.* Marta lembra bem do suor descendo pela nuca; fazia um calor indecente, pouco apropriado para o luto. *E aquele filho da puta entrando, aquele filho da puta do dou-tor Gilberto; doutor, uma ova.* Marta volta a respirar. *Apareceu lá, de terno bem passado, a barba feita. O visual todo alinhado. E logo atrás a esposa. Qual é mesmo o nome daquela vaca? Segurando um punhado de flores baratas de supermercado. Que mesquinhos. Promotor de Justiça não tem dinheiro?* A imagem do ex-chefe de Pedrinho ao lado do caixão fica reverberando na sua cabeça. *E o escroto só ficou dez minutos no velório. Dez minutos. O tempo máximo de importância que um assistente tem para ele, pelo visto, mesmo quando morre.* E Marta fica com raiva por não ter falado nada, nem feito nada. Quedou-se, inerte, diante do doutor Gilberto.

Marta carrega uma culpa muito particular pela inação. *Como pude vê-lo murchando e secando e perdendo todas as pétalas?* Marta optou por ignorar as mudanças no filho, achando que era apenas o choque da realidade do

mundo do trabalho. É catapultada para a vez em que ele tentou se abrir com ela e ela mudou de assunto. *Por que não o acolhi?*

Pedrinho havia sido perseguido, agora ela sabe em detalhes, em face de metas inatingíveis impostas somente a ele, num padrão que, ainda por cima, mudava todos os dias, não permitindo que as alcançasse. Nenhuma tese que construía para os pareceres era boa, sua gramática era escrutinada e corrigida com mais implicância que a dos demais colegas e, mesmo suas dúvidas, eram publicamente rechaçadas como burras. E nada, absolutamente nada: foi o que ela fez a respeito disso à época. *Nada.*

Quando aparece o imenso letreiro vermelho de Rancho Queimado, ela pega a via de entrada da cidadezinha e passa pelo pórtico, pela fábrica de refrigerantes, pelos jardins, pela praça central e, claro, pela casinha de madeira roxa, onde seu filho tinha morado por, agora ela sabe também, ordem do chefe.

A caminhonete fica estacionada em diagonal no gramado da casinha. Marta faz uma ronda, parando na frente do que era o quarto de Pedrinho. A cortina tapa sua visão. *Será que foi ali?* Ela não sabe, não quis entrar depois que tudo aconteceu. Marta continua a andar no entorno da casa quase lacrada. *Decerto ninguém quer viver num lugar em que um menino se matou, não é auspiçioso.* Ela passa pela janela da sala e acha uma frestinha.

Aproxima o rosto e vê a escrivadinha onde ele estudava os processos. Em seguida ia na casa do chefe ali perto debater em que sentido o parecer deveria ser feito. Para depois ter seu trabalho massacrado e seus dias pintados com os matizes do inferno. *Eu teria enlouquecido se não tivesse investigado os motivos dele. Mas agora chega, Marta. Chega de inércia.*

Ela volta ao seu carro e ao seu propósito. Dirige até um portão de ferro, todo de arabescos, e, após se identificar, acessa o condomínio fechado onde fica a mansão que alugara. A construção de madeira envernizada e vidro, inspirada nos finos chalés de Montana, é até moderna para aquela cidadezinha. Ao entrar, se surpreende com o trabalho da decoração contratada. Eram tantas flores que a casa mais parecia um jardim.

Ou uma cama mortuária.

Esse pensamento faz seu rosto tremer. *Não, Marta, agora não.*

Suas irmãs dão boas-vindas e parabéns. No meio de um abraço triplo, Marta titubeia, mas é tarde. Repete o mantra internalizado justamente para os momentos de dúvida: *É melhor se arrepender do feito do que do não feito. Você é prova viva disso.*

Um garçom aparece e, com ele, o bolo de irmandade se desfaz. Jane bate palminhas:

– Ê, Marta, chegou a parte boa! Vamos dar início aos trabalhos? – Jane pega três taças de espumante e

entrega uma para cada irmã. Juntas, elas brindam e bebem enquanto esperam os demais convidados. O ar se preenche com o aroma de um rico caldo de legumes: é palpável o cheiro de pimenta moída no pilão, noz moscada e salsão fresco.

Marta recebe cada uma das pessoas com um abraço, um beijo, um sorriso e uma recomendação de *divirta-se, viu? A comida tá passando, as bebidas também. Os doces estão ali, naquele canto, e já pode se servir deles, nada de esperar para depois do parabéns!*

Ao som de jazz, os pouco mais de cinquenta convidados vão entrando no clima de entretenimento próprio dos eventos com bebida boa sem fim. Com a festa devidamente alcoolizada, Marta avisa Jane que vai retocar a maquiagem.

Ausenta-se por meia hora.

No dia seguinte, Marta volta para casa. Deitada em um longo sofá branco, assiste às notícias na televisão. Só se falava no caso do Promotor de Justiça de Rancho Queimado. Doutor Gilberto e sua esposa foram incendiados. Na imprensa, as narrativas variam, mas se centram no fato de que ele e a esposa só acordaram quando o fogo já havia se alastrado pela casa. A mídia

especula ser obra de uma organização criminosa. Uma execução em retaliação ao *parquet* do caso.

Quando a reportagem acaba, ela coloca o aparelho no mudo. Fecha os olhos e vê um quarto de madeira pegando fogo, todos os móveis sendo consumidos por brasas altas. Na cama, dois cadáveres vermelhamente enegrecidos. Os corpos um pouco derretidos e tostados. Não havia sobrado cabelo. Nem roupa, de modo que era possível ver a banha do promotor. Marta ri um pouco quando pula do seu cérebro uma frase. *Carne bem passada de promotor*. Imagina o cheiro de churrasco defumando as plantações de morango da região. A ideiação vai esvanecendo pouco a pouco e, ali mesmo, ela adormece um sono que há muito não vinha assim, tranquilo.



Arthur Simon nasceu em 1993. Após o ingresso no serviço público federal, sentiu que era o momento certo para começar a escrever suas histórias. Desde então, cursa pós-graduação em Escrita Criativa na PUCRS. Ultimamente, tem dedicado seus esforços à escrita do seu primeiro romance. É apaixonado por todas as artes narrativas desde criança e sua principal influência é a cultura pop. Escreve de Florianópolis, onde mora com sua esposa e sua cachorrinha.

Como você me chama?

Guilherme Costa Meneses

Lembro da vez em que perguntei para minha mãe qual era o significado do meu nome. Ela respondeu que não fazia ideia, que ninguém pensava no significado do nome do filho antes de escolher: as pessoas simplesmente escolhiam. Fiquei meio frustrada com a resposta. Acho que, já no auge dos meus oito anos — quando as dúvidas brotam em nossas faces muito antes das espinhas —, eu esperava obter daquela resposta um direcionamento, um rumo que fosse ditado por meu nome e que eu devesse seguir.

Com uma cara insatisfeita e um pião a rodar no espaço entre minhas pernas esticadas, perguntei por que, então, ela havia escolhido aquele nome para mim. É um nome forte, ela disse. Fiquei olhando o pião girar, absorvendo aquela justificativa e me sentindo tonta com o giro que ela causou em minha mente. Do mesmo modo que o pião, que meu pai tinha me deixado de presente antes de partir, eu me sentia girando loucamente. Por incrível que pareça, lembro muito bem da sensação de vertigem que me atacou — não sei se por acompanhar o giro do brinquedo ou se pelo que minha mãe havia dito. Parando para pensar, não cheguei a perceber na hora,

mas aquelas palavras se cravaram em mim de modo que não pude mais afastá-las. Compreendi que, se aquele era um nome forte, então eu deveria ser como ele.

Mesmo hoje, não entendo ao certo por quê, mas saber que minha mãe escolheu um nome para mim por ele ter um som forte definiu boa parte do rumo da minha vida. Tento me lembrar disso agora, que estou aqui, mesmo que, no momento, não esteja em busca do significado do meu nome. Eu era uma criança mais ou menos feliz, como todas as outras. Acho que todas as crianças se parecem, exceto aquelas que são muito infelizes. No final das contas, quase nada nos diferencia, pois praticamente todas as experiências humanas são universais. Entretanto, o jeito que absorvemos as coisas — isso, sim, muda tudo.

Estou na Pedra do Sal. Não acho que esse seja o lugar em que eu vá encontrar a raiz do meu nome, mas talvez por isso ele me agrade tanto. Há momentos em que quero esquecer quem sou ou deveria ser e simplesmente me misturar na massa de gente. Vejo pessoas bebendo e fumando por onde quer que eu olhe. Mais do que isso: sinto o cheiro de seus hálitos, de seus perfumes, do sexo e da urina fluindo das velas. Isso me agrada, me faz pensar que sou igual a todos, mesmo que nem todos sejam iguais a mim.

Faz bem uns cinco minutos que um rapaz negro de roupa branca veio me dar uma cantada. Seu suor

cheirava a *Acqua di Gio*, o que me fez lembrar da coleção de perfumes que deixei para trás quando saí de casa. Pensei em beijá-lo e percebi que aquilo seria meio ordinário da minha parte, no sentido *lato* da palavra mesmo. Não o dispensei logo de cara: queria ouvir o que ele tinha a dizer para me convencer. Estou usando meu vestido preto mais justo, que vive subindo pela minha perna. Me sinto bonita nele: vira e mexe, tenho que puxá-lo para baixo, para não mostrar nada muito além do necessário. É a primeira vez que saio assim.

Pergunto ao rapaz qual é o nome dele. Ele não deve estar a fim de bater papo, pois faz uma careta, torcendo o nariz. Conheço essa cara. Ele responde, mas o som das vozes e da música cobre sua boca. Digo que não ouvi direito, e ele responde outra vez, mais alto:

— Ulisses.

Pergunto se ele está falando sério. Ele ri, diz que era aquilo mesmo. Então, pergunto se a mãe tinha dado esse nome a ele por causa do cara da *Odisseia*.

— Quem?

Reviro os olhos, mas logo me arrependo ao lembrar que também não conheço o significado do meu nome. Consigo imaginar a cena: os pais de Ulisses, a mãe deitada na cama da maternidade com ele sugando o leite do seio; o pai segurando a mão da companheira, acariciando a cabeça do filho. Ulisses, ele diz, seu nome será Ulisses. A mãe pergunta

por quê. A câmera dá um zoom, foca no rosto do pai, que responde:

— Por causa da *Odisseia*. Nosso filho vai ser um herói.

A mãe sorri tristemente, pois sente o peso de ter dado à luz um semideus, e uma lágrima escorre lentamente por sua bochecha, traçando um caminho salgado pelo seu rosto. É mesmo uma bela cena, mas não sei ao certo se é verossímil. Torço para que meu nome seja tão forte quanto o dele. Imagino estar embalando a mim mesma: sou, ao mesmo tempo, uma mãe orgulhosa e um bebê, que a olha com olhos atenciosos na expectativa de ouvir como irei me chamar. Ulisses é mesmo um nome e tanto! Senti um pouco de inveja dele. Quando decidir o meu, com certeza vai ser um assim, bem impactante.

— E o seu? — ele pergunta, chegando a boca mais perto do meu ouvido. Esse gesto me arrepia: seu hálito cheira a caipirinha.

— Tamara — falo, sem saber de onde aquilo veio. Parece meio falso, meio sem pé nem cabeça.

Me olhando desconfiado, ele diz que é um nome muito bonito. Agradeço, sem saber direito o que dizer. Com uma mão metida no bolso da calça e a outra segurando uma lata de cerveja, ele também parece sem jeito. Noto que seu pé está ansioso, mas sem acompanhar o ritmo da música. Ele não dança, só mexe o pé, mudando de apoio. Acho o momento

ideal para me atirar: se não o prendesse agora, ele iria embora.

— Por que você não me beija logo?

— Oi? — ele parece sobressaltado.

— Por que você não me beija de uma vez?

— Ah, desculpa. Eu não tô no clima. A gente se vê por aí, beleza? — ele me estende a mão grande e forte.

Tenho vontade de virar a minha na cara dele. Minha mão não é tão grande assim, mas tenho dedos longos. De todo modo, fiz as unhas essa semana, então fico só olhando aquela mão cheia de linhas. Uma cigana certamente teria dificuldades para achar seus caminhos, da mesma forma que teria para achar os meus. Digo isso porque a palma da minha mão também é lotada de rabiscos, sem início nem fim. Aperto a mão dele com um sorriso torto. Não sei por que fiz isso: não queria realmente. Queria mostrar que o desprezava.

— Babaca — digo, atordoada, assim que ele vai embora. É tudo que me sinto capaz de fazer.

Fico ali uns minutos sozinha, encostada no meu canto, olhando as pessoas passarem enquanto tento adivinhar seus nomes: é minha atividade favorita para matar o tédio. Nessa noite, a Pedra do Sal tem poucos Joões, Hilárias e Alfredos, mas está cheia de Pedros, Marias, Brunos e Letícias. Cheguei a ver uma Luana e dois Matheus. Olho para cada um desses rostos e, de algum modo, já sei dizer seus nomes. Vejo-os costurados

em suas faces. Posso dizer que até o Ulisses tinha cara de Ulisses mesmo — teria sido impossível que ele tivesse qualquer outro nome. Fico me perguntando se essa gente também me olha e consegue ver uma palavra estampada no meu rosto, uma que, de um jeito meio esquisito, seja capaz de explicar quem eu sou.

A música me invade, me convida de um jeito animado para dançar. Mexo os pés com certo receio: ainda não estou acostumada a andar de salto alto, quanto mais sambar com eles. Penso até em tirá-los, pois remeto a eles minha dificuldade de me entregar ao barulho feitiçeiro do samba, que me coíbe a segui-lo. Busco deixar o quadril mole, dar uma tremilcada no bumbum marcado pelo vestido justinho, mas parece que estou grudada àquela parede; não tenho força para me desprender. Não sei como essa gente toda consegue dançar, nem entendo por que parecem tão felizes. Dou graças a Deus quando minha amiga Sueli aparece segurando duas latas transbordando de cerveja.

— Demorei, irmã? — ela pergunta, a voz bonita e impostada.

Gosto de pensar que minha voz é assim, que nem a dela, mesmo que nem todos pareçam se agradar com isso. Sueli já está meio rouca, não sei se pelo cigarro ou se por ter que gritar para ser ouvida nesse lugar.

Dou um gole na cerveja. Não está gelada. Além disso, parece ser a mais barata que tinha na banca. Engulo

com uma careta e digo a mim mesma que é o que tem: não posso mais me dar ao luxo de tomar aquelas cervejas artesanais que meu padrasto tanto gosta.

Deixando um pequeno espaço entre o indicador e o polegar, respondo que ela demorou um pouquinho, sim, mas que não deveria se preocupar comigo.

— Mas você viu aquele cara que estava comigo? — ela pergunta, justificando sua falta. — Ele era uma delícia.

Digo que ele era mesmo aquilo tudo. Pergunto o que ela faz para achar caras assim, dispostos, de um jeito tão fácil.

— É que você tem que saber ir nos caras certos — Sueli diz. Peço para explicar direito. — Bom, não sei muito bem o que rola. Eu só olho para eles e sei quem está a fim e quem não está.

Eu replico: um cara chegou em mim faz uns minutos, mas ele correu assim que abriu a boca.

— O segredo é beijar mais e falar menos. Homem não gosta de ouvir a gente falar.

Digo que isso tudo parece bem injusto, e ela responde que a vida é assim mesmo, que eu devia me acostumar agora que não posso mais ficar debaixo da asa da minha mãe. A verdade é que tudo o que mais quero naquele momento é estar debaixo da asa da minha mãe, sendo embalada por ela. A noite está bem quente, mas um pouquinho de calor a mais não faria

mal. Venho tendo que lidar com todo o tipo de frieza nos últimos tempos; uns olhares tortos por onde quer que eu vá. Viver tem sido bem cansativo, mas preciso fazer jus à força do meu nome. A Sueli me ajuda bastante a lidar com tudo: foi ela quem me trouxe para cá. Acho que estou tendo que reaprender a viver do meu jeito desde que fui expulsa de casa, o que torna tudo mais complicado.

— Você está para baixo — Sueli me diz. — Quer ir embora, irmãzinha?

Gosto do jeito que Sueli me chama de irmã. De uma maneira esquisita, me faz ter menos vergonha por existir. Mesmo assim, preferiria que ela me chamasse por um nome, mas sei que, por enquanto, isso não será possível.

— Sueli — chamo.

— Oi?

— Como você escolheu o seu nome?

Ela toma alguns segundos para pensar. Também dá uma golada na cerveja quente, fazendo careta enquanto ela desce por sua garganta.

— Sei lá — ela diz, para minha decepção, dando de ombros. — Eu só acordei um dia e descobri que esse era o meu nome.

— Você é uma pessoa bem intuitiva, não é?

Ela sorri, convencida:

— Eu sou de câncer, amiga.

Ficamos um tempo encostadas na parede, tomando cerveja e sentindo o gesso sem reboco espetar nossas peles. O samba está fervendo, há um punhado de gente amontoada no meio da Pedra, sambando de forma contida e louca. Sueli repara que eu estava olhando muito, batendo o pé no ritmo da música, e resolveu me tirar para dançar. Ela me puxa para o olho do furacão, cheio de gente, acotovelando uns e outros para que possamos nos espremer naquele calor pulsante. Digo que não sei sambar, e ela me ensina, mais ou menos. Sinto-me completamente desajeitada e completamente bruta nos primeiros passos, mas logo solto mais o quadril, endurecido. A sensação, penso, deve ser exatamente igual a de martelar uma estaca sobre o mármore, de modo a desenterrar a figura presa lá dentro. Quero que todos enxerguem e aplaudam a figura de curvas tênues sobre a pedra e tento ignorar a sensação pontiaguda de estar na mira dos holofotes de um palco. Sinto que estou performando, mas não posso julgar ao certo o nível da minha atuação.

Giro, vendo Sueli sorrir para mim. Ela parece mais bonita do que nunca, meio suada e bêbada, sua imagem esfumada e quente. Não sei como ou quando um copo de caipirinha surgiu em minha mão, mas tenho a impressão que foi Sueli quem trouxe para mim. Nunca fui de beber muito, por isso acho que ela quer me ajudar a me soltar de vez. Descubro o que é sentir

calor de verdade. Não se trata daquela sensação torpe de estar derretendo sob o mormaço, mas se desmilinguir por inteiro, de corpo e alma. Sinto estar virando um líquido: minha pele e meu suor se misturam com os corpos líquidos daquela gente. Os rostos de todos se mesclam diante dos meus olhos. Não sei, acho que já estou começando a ficar bêbada. Grito por cima da música, não para que todos ouçam, mas para que eu mesma me escute e absorva o som de minha própria voz. Porque, pela primeira vez, sinto que não é o meu corpo que toma conta de mim.

Às minhas costas, os rostos de Sueli e Ulisses se misturam: uma hora vejo o rosto dela, outra hora vejo o dele, dividindo-se entre os dois corpos. Às vezes, era a cara de Sueli no corpo do Ulisses. Em outras, era a dele no corpo dela, formando assim um quebra-cabeça meio quimera, meio esfinge, mas ainda muito bonito. Minha voz cessa quando percebo que estão se beijando; um beijo ganancioso, cheio de vontade. Sinto a cabeça girar e girar, como o pião da minha infância, e penso que vou tombar no momento em que as voltas em torno do meu próprio eixo pararem de acontecer. Será que, se a Terra parar de girar, ela também cai perdida no espaço? Dou um, depois dois passos para trás, e, aos tropeços, me distancio da imagem dos dois. Sinto estar invadindo a privacidade deles, pareço estar assistindo aquelas cenas de sexo na TV.

A dança toda foi bem bonita, a música bem animada. É esquisito: apesar disso, eu via nada além de jovens indecisos, assustados com a vida. Mesmo Sueli parecia ter medo de algo. Por isso, acabei indo um pouco para longe da festa. Agora, ando sem caminho, cambaleando. Não sei ao certo se a rua está torta ou se eu que não sou direita. Estou meio tonta de tanto sentir o mundo girar. Acho que o mais duro é perceber que o percurso natural das coisas são esses giros mesmo. Não sei onde estou, tampouco me sinto segura de só sair andando por aí. Ainda consigo ouvir o batuque, então não devo estar longe: a música parece virar as esquinas e correr pelas vielas feito o vento, me perseguindo, me chamando de volta. Só preciso respirar um pouco, tomar um pouco de ar. Na verdade, fiquei um pouco chateada com o fato de Sueli e Ulisses terem se beijado na minha frente. O que ela tem que eu não tenho? Ela beija mais e fala menos, deve ser isso. Tento afastar um pouco da inveja que isso me causa.

Um rato salta de uma lata de lixo, derrubando-a, e um gato preto corre atrás dele, cruzando meu caminho. Me encolho com o susto. Não sou uma pessoa supersticiosa, mas ainda assim me pego fazendo o sinal da cruz, para garantir. Penso em voltar para a bagunça: sei que agora pertencço àquele lugar da gente deixada de lado. Na verdade, até gosto de lá. Toda aquela música com sabor de fumaça me fez enxergar a alma daquelas

peessoas, transbordando por seus corpos. No final das contas, a alma e o corpo não são tão diferentes, porque, se o corpo nos define aos outros, a alma nos define a nós mesmos. É uma relação quase que simbiótica, não dá para desgarrar uma coisa da outra.

O nome, por outro lado, é o que dá liga a isso tudo, é o elo entre a parte externa e interna de todas as pessoas. Acho que é por isso que ando tão aficionada com essa história de encontrar um nome para mim: é o primeiro passo para fazer com que minha alma sente para dialogar com meu corpo. Quero que, ao escutarem as sílabas que formam o nome que ainda não encontrei, tenham de imediato minha imagem saltando em suas mentes. Assim, deixarei de ser apenas uma abstração: ganharei algum contorno material. Não sei ao certo que mentes são essas em que meu rosto surgirá, mas espero que sejam pertencentes a pessoas novas. Penso que esse nome já habita em mim — está apenas adormecido em algum lugar aqui dentro. Entretanto, acho que tenho que largar de mão a ideia de um nome forte. Eu não sou forte. Na verdade, ando bem cansada. Preciso de um nome cansado.

Olho para a lata do lixo, derrubada pelo rato. O lixo está todo espalhado pelo chão e fede horrores. Tenho vontade de sentar nesse chão, rolar nesse lixo, me desalinhar de tudo que eu era antes de hoje. Quero me desvencilhar de quem fui e largar as manias brutas que,

apesar de tudo, ainda tenho. Quando saí de casa, sendo chutada e xingada por meu padrasto, só tive tempo de pegar uma foto minha, ainda criança, com meus pais. Queria levar algo daquele lugar comigo. Demorei a perceber que minha bagagem pesava algumas toneladas: agora, preciso me livrar de todo o excesso que trouxe. Fico pensando em Sueli preocupada, procurando por mim. Ela não tem um nome para me gritar: isso deve tornar a busca bem mais difícil. É hora de voltar, ver se acho um nome esquecido pelo paralelepípedo irregular do calçamento.



Guilherme Costa Meneses nasceu em 2002, no Rio de Janeiro. Atualmente, é estudante de Letras, com habilitação em língua francesa, pela UFF, e atua no laboratório de tradução da mesma universidade. Filho de uma professora de língua portuguesa, cresceu em uma casa com centenas de livros e teve, desde sempre, contato com a leitura, hábito fielmente aprofundado ao longo dos anos. É leitor assíduo de Italo Calvino e gosta, sobretudo, de pessoas. Seu conto “O cobertor” foi um dos vencedores do prêmio de 30 anos da Biblioteca Central do Gragoatá, a ser publicado ainda em 2024. Está escrevendo seu primeiro romance.

Cupins

Manuel Malvar

Daniel trabalhou cinco anos e meio em um açougue até descobrir que aquelas não eram as carnes as quais gostaria de atravessar. Atingir um nervo, encontrar sangue, ir além do músculo, desvencilhar do osso. Todo o espaço vazio entre a tábua de madeira avermelhada e o seu cutelo brilhante compreendia o ar do qual suas obras não mais necessitavam para encontrar, na língua sedenta da morte, formas e sabores que não conheceriam na vida. Daniel, como muitos dos seus malvistas colegas de trabalho, adquiriu a vaga indesejada pelos olhos e narinas dos mais sensíveis através de uma série de desfortunas que poderiam ser ligadas em um fio não muito retilíneo, continuado da infância até sua entrevista de emprego.

Quando pequeno acreditava que podia ver o futuro se apertasse os olhos com bastante força na hora de dormir. Muitas estrelas brilhando contra o fundo falso das pálpebras? Um sinal de perigo. Por incrível que pareça, interpretar corpos luminosos no escuro, uma astronomia infantil e poderosa, não era de toda tarefa de difícil execução. Afinal, o sono logo vinha preencher na brincadeira os espaços vazios deixados pela lógica

das janelas abertas. Foi por isso mesmo, sem nenhum aviso de telejornal, que Daniel caminhou três quarteirões enlameados de paralelepípedos tortos debaixo de um sol de quarenta graus, abriu a porta da casa tão familiar a ele nas manhãs de domingo, se rastejou despercebido entre os tios que jogavam buraco ao som do rádio banhado de estática e, surpreendendo a todos, em especial o confuso Padre Josué que continuaria, tempos depois, a considerá-lo “um menino tão sagrado quanto a comunhão”, pulou por cima de seu primo e, com um golpe certo, decepou sua mão direita com a mesma faca que sua mãe amansava as galinhas para o almoço. Aos parentes em prantos e berros, ensopado do vermelho que jorrava do buraco aberto no pulso de seu primo, Daniel apenas respondia a mesma coisa, “Eu vi”. Consternados com a situação, a família tomou o cuidado de dar conta dos inúmeros preparativos necessários sem chamar atenção da vizinhança propensa a fofocas e da polícia disposta a vinganças descabidas. Foram necessários mais do que alguns baldes de água para amenizar os danos ao piso amadeirado e muito mais do que os variados conhecimentos médicos dos envolvidos para estancar o sangramento, impedir a infecção e manter o pequeno garoto vivo. Com tudo resolvido a sete chaves num sigilo tão silencioso que escapou dos olhares e ouvidos atentos das donas de cadeiras postas na calçada, e levando em consideração a

patologia secular que afligia todos os familiares e os impelia a negar para debaixo do tapete qualquer acontecimento ou comportamento que ferisse o ego da imaginação esculpida de família sem problemas, não havia mais nada a ser dito, a não ser o proferido pelo orgulhoso pai, “O menino é bom de rasgos”. E como se tivesse sido sempre assim, a paz fabricada à força de um mero cochilar após o almoço, comum e desprezado de preocupações, o caso foi tranquilamente esquecido e, diferentemente do que imaginavam os mais incrédulos da casa, Daniel jamais cometeria qualquer desaviso como aquele. Imbuídos da tradição do não dizer, os dias percorreram calmos seus passos em frente. Na escola, Daniel era bem amado por seus amigos, que davam voltas e voltas ao seu redor nos intervalos. Ia mal nas aulas que a atenção era direcionada para o quadro borrado de azul e preto, ia bem nas únicas que ela sentava na cadeira da frente. Um dia, disse, em confidência nos corredores abarrotados de gente, que gostava muito dela; ela riu.

Detesto ver seu cabelo grande desse jeito, tão desarrumado. A mãe tinha um talento destacável de transformar intenções de mágoa em pequenos deslizes inocentes seguidos de não falei por mal, me desculpe, e trancas apertadas no quarto e choros soluçados à noite e estratégias de uma guerra infeliz. Daniel, me passa a farofa de banana, por favor. Fiquei sabendo de um

amigo que estão procurando alguém para trabalhar no velho açougue da esquina de casa. Deus, ainda existe alguém que come carne? Não, Vó, na prateleira de baixo, isso. Me disseram que paga bem, levando em consideração todo o resto de coisas que o cargo implica. Um time como esse não tem como ser campeão de absolutamente nada, me dá nojo. Porra, quem está com o controle aumenta o volume da televisão. Por que de repente esse interesse em açougues? Só tentando puxar assunto, mas sei lá, pensei que ele poderia gostar. Eu? Ele? Olha lá, de novo a mesma notícia, a cidade não aguenta uma chuva e logo se desfaz em merda. Daniel não sabe cortar uma maçã sem cortar o dedo, dobrar uma roupa sem amassar o tecido, lavar uma muda sem causar um curto-circuito na rede elétrica da casa, varrer o chão sem manter nítidos os vestígios de sujeira que o vento traz à sala. Eu adoro essa música, quem vai dançar comigo? Afinal, um centroavante de respeito tem sempre que fazer gol independentemente das condições do campo ou do jogo. Espera aí, Vó, deixa eu lavar as mãos. Me passa a pimenta, por favor. Olha como ele dança, todo duro e desengonçado.

Antes do surgimento das primeiras espinhas em seu rosto, Daniel há muito já havia adquirido o hábito de desenhar mapas e horários que o permitiriam circular pela casa e não aborrecer ninguém a não ser ele mesmo. Uma rota de fuga desenhada do quarto ao banheiro e

de volta para cama das oito às doze, uma trincheira por debaixo da sala em direção à cozinha recém-desabitada das doze e meia às duas da tarde, um descanso alerta de capacete cobrindo os olhos depois do almoço até às cinco da tarde, uma rendição sem bandeira branca à rua das seis às oito, avaliação da efetividade das rotas no dia até adormecer num sono esvaziado de sonhos. Apesar de muitos risos e lembranças felizes de balanço enrolado em corda de ferro, Daniel aprendeu cedo demais a reconhecer através das paredes do quarto os sons que significavam que sua mãe estava tendo um dia infeliz e que a retaliação viria para todos os lados independentemente de culpa dos acusados. Era impossível ser feliz de manhã. Acho que a resposta é a letra C, mas é um chute. Não aguento mais essa aula do inferno, vamos embora antes do último horário? E se alguém pegar a gente? Pega nada, até os guardas de um presídio se distraem de vez em quando, vamos ver o circo. Detesto palhaços. É isso ou terminar a lista. Paga meu ingresso? Na hora, tá esperando o quê? Daniel achou engraçado como as mãos dela coladas nas suas tinham um cheiro de maresia mesmo que as ondas salgadas de suor não tivessem nenhuma pedra por perto para se rebentarem ali debaixo da lona azul e branca. Tinha dito a verdade, odiava de coração os palhaços e tentava a todo custo se esconder de seus olhos mal-intencionados e risos falsos. Apertou com mais força quando,

num sobressalto, a mulher cuspiu fogo em direção à plateia esfumaçada de aplausos e assovios por mais. Puta que pariu. Shhhh, olha as crianças. Gargalhadas para além do palco na troca de olhares entre os dois. Não se beijaram. Ficaram ali por um longo momento, reconhecendo no outro algo de sagrado e inexplicável. E Daniel sentiu, de repente, os olhos embaçados ao pensar em voltar para casa ao final do espetáculo.

Tem alguma experiência? Não, mas acham que eu me encaixaria bem aqui. Ah, é, tá vendo aquele maluco de avental todo ensanguentado bem ali? Ei, Jorge. Tu se sente bem encaixado aqui? É o emprego dos sonhos, chefe. Deixa eu ver tuas mãos, firmes, isso é bom. De prosa tu não é tão bom, vai ficar longe dos clientes, beleza? Certo. Sente enjojo fácil? Não, senhor. Tem que ter estômago aqui se quiser que valha a pena o serviço. Eu posso começar hoje se o senhor quiser ir me observando. É muita disposição. Jorge! Tu vai ficar responsável pelo treinamento do garoto. Olha pra mim, nada de dedo cortado na primeira semana. Jorge, assim como o seu recente aprendiz, Daniel, tinha muitos sonhos de premonição quando pequeno, nenhum envolvia facas ou gritos. Ele contou que, na véspera do casamento de sua tia Rosa, dormiu com cenas na cabeça de uma criança dançando livre em um salão vazio. Tentou falar com ela em meio aos rodopios leves, mas o rosto dela havia sumido, o piso debaixo dos seus pés,

quebrado. Jorge, de seis anos de idade, colocou a mão sobre o vestido branco reluzente de sua tia pronta para subir ao altar e prometer amor eterno ao noivo e a avistou diante dos convidados. Está morta. Rosa chorou muda, a primeira da família a casar-se num enterro. Olha, é muito simples. O corte varia de acordo com a carne, eu te mostrando fica mais fácil de aprender, esta parte aqui mesmo é só gordura, há quem goste, sem desperdícios, certo? E o que tiver estragado você me chama sem fazer alarde, e eu te digo se ainda dá bom ou se joga fora, picanha, costela, patinho, acém, bisteca, maminha, decorar leva tempo, é mais fácil com a prática de ir cortando, isso, Daniel, desse jeito mesmo, você aprende rápido, ninguém nunca me elogiou também.

O tempo passou ardido no cálculo vazio de suas horas. Entre as obrigações que encontrava sem entusiasmo no açougue e o descansar da cabeça moída no travesseiro, o que sobrava era um triste lamento anestesiado pela TV, por fragmentos de memória. Tudo custava muito. Os livros que achava que deveria ler, os filmes que precisava assistir, as novas peças de roupa que substituiriam as amareladas que eram novas até há pouco tempo, um erro que cometeu e que foi avistado com gritos de você não presta para nada mesmo, não é?, a conta de luz, o botijão de gás, visitar suas avós, chorar debaixo do chuveiro, ser compreendido e amado, saber

para onde ia, o propósito de ser como era, olha a conta da água! Jorge lhe avisava sempre. Daniel o achava um excelente colega de trabalho, amigo de casa, grande parte dessa opinião derivava do fato de que Jorge nunca estava lá a dois palmos da sua nuca o sufocando sem dizer nada. Gostava do silêncio desameaçador ocupando os cômodos, fantasmas para se fazer companhia. A faca ia e vinha na facilidade familiar. Vamos para o cinema hoje? As conversas com Jorge costumavam ser sempre as mesmas, nada sobre amores ou projetos ou remorsos, apenas convites aos quais Daniel recusava, histórias de lençóis cujos detalhes causavam risos exagerados nos demais colegas e olhares repreensivos dos clientes. Tá na mão, um quilo de carne de sol, paga ali no caixa, obrigado. Tô te falando, essa amiga dela é gata demais, vamos. Ele gosta é daqueles filmes preto e branco de três horas. Cadê sua luva, Murilo? Olha, a gente se conhece há quanto tempo já, alguém viu a chave dos fundos, me ajuda nessa, ela disse que não vai sem a amiga, acabou a calabresa pra churrasco, né?, vou ficar te devendo essa, Daniel, prometo.

Fim de expediente, portas fechadas e barrigas vazias, ele acompanhava desajeitado o passo confiante de Jorge. Um acordo havia sido feito. Como Jorge tinha apenas interesse em assuntos molhados, estava excluído da decisão sobre o filme. Sempre quis assistir a esse no cinema. Pera aí, tu já assistiu? Quem é que quer ver

a mesma coisa mais de uma vez, Deus é mais. É muito bonito, e faz tempo que eu vi, um cinema decadente, pessoas procurando abrigo da chuva, buscando significados na tela, é tudo muito calmo. Ótimo, não vou prestar atenção mesmo. Quatro ingressos para *Adeus, Dragon Inn*, por favor. E foi em meio aos resmungos do amigo sobre como era impossível olhar o filme enquanto se lia as legendas e suas declarações por desejos carnisais para a noite que exigiriam apartamento vazio que Daniel reencontrou ela, um gosto desbotado na garganta. Sentados lado a lado nas poltronas vermelhas encardidas, após apresentações desnecessárias, tentaram conversar em códigos retomados da infância, sem sucesso. Teriam que fugir. Que os outros pensassem o que quisessem pensar, os dois se levantaram rumo ao sinal luminoso de saída, seguidos de longe pelo malicioso farejar do casal deixado para trás. De todos os lugares do mundo, nunca pensei que iria encontrar você aqui. Eu nunca saí, ainda moro na mesma casa. E seus pais, seus irmãos? Pela cidade, espalhados, sabe, Mariana, é muito estranho ver você assim de repente. Você não gostou de me ver. Não é isso. Ai, Deus, coitada de mim. Você tá tirando onda comigo. Só um pouquinho. Estranho como? Como se tivesse passado só alguns dias da última vez. Eu sei, eu queria mandar mensagens, de verdade, mas ficava sem saber o que falar, tava acostumada a nossas conversas de perto. Eu também.

Me perdoa. Não tem o que perdoar. Um abraço, então, para matar a saudade. A praça vazia os observava selar o reencontro num entrelaçar de segredos antigos, momentos recontados, o riso cada vez mais seguro, o tempo voando solto e despercebido.

Você parece cansado, Daniel. Só um pouquinho, nada demais, me conta o que você anda fazendo agora que fugiu desse buraco. Tenho meu próprio consultório, dou uma palestra aqui e ali, coisa pouca, mas me deixa feliz. E você? Daniel respondeu. Fala sério. Estou falando, qual o problema? Nada, é que você sempre foi o mais inteligente, não sei, me parece um desperdício. Daniel se levantou. Eu gosto do que eu faço, não tem nada de errado nisso, foi o que eu encontrei na época, não me arrependo. Eu sei como é difícil. Sabe? Claro que sei, Daniel, você não precisa se esconder de mim, conheço algumas pessoas que podem te ajudar por aqui, te achar um emprego melhor. Entendi, boa samaritana. Daniel se vira para encará-la. Esse seu interesse repentino no meu bem-estar é por amor ou culpa? Para com isso, a gente vai brigar por besteira logo agora, só quero te ver feliz, fazendo algo que tenha sentido pra você. Eu senti tanta saudade sua. Eu também. Mas você tinha que estragar tudo com essa conversa. Me desculpa, tá bem?, esquece que eu toquei no assunto. Da praça, mais deserta que antes, eles ganharam a rua, de mãos ansiosas para desfazer os embaraços e nós na

garganta, iluminados pelo laranja de um dia que começava aos poucos a se espreguiçar. Eu tenho uma tristeza imensa aqui dentro que não sei dar nome ou endereço. Daniel, lembra quando a gente sonhava juntos em ser estrela de cinema, da vez que nos deram bronca por brincar na chuva, por fingir estar dormindo debaixo do cobertor, das cópias manuais das atividades de matemática, de fugir para o circo, de quando você era mais feliz? Eu lembro de tudo. Quase.

Daniel, que nunca pensara no ocorrido de sua infância, sonhou com o primo na madrugada do dia de pedir demissão. O apartamento ressonava com os roncões de Jorge, e água no copo não matava a sede de quem acordou de repente com os gritos desesperados de alguém sangrando devagarinho. Seu primo estava vivo. Bem, com família, vida financeira estabelecida, carro na garagem, filhos em escola particular, teve apenas de aprender a segurar o lápis com a outra mão. Sentia no fundo a irrepreensível inveja brotada da certeza de que todos estavam melhor de vida do que ele. Seus amigos, seus desafetos, seus vizinhos. Passou a ressentir-se de Mariana desde o dia em que a lembrança de sua voz se tornou mais viva. Que direito tinha ela de dizer a ele como viver, ela que foi embora sem lhe dizer adeus, ela que o atingiu de propósito com uma falsa preocupação, dizendo quem ele era antes de tudo aquilo, ensaiando um velório em vida do amigo, que direito

tinha de aparecer de novo assim? Queria escrever cartas de blasfêmia para a mãe, sentir o ódio proibido no bico do seio partido da civilização cristã ocidental e ser condenado a outro inferno, a senhora nunca quis que eu tivesse crescido, não é mesmo?, me queria preso na barra de sua saia para deixar a solidão de lado, a crueldade da sua condição partilhada com alguém tão pequeno quanto um dia a senhora também foi, e a distância que crescia, o controle, a navalha para aplacar o vazio entre nós dois. Nunca entendi você. Você nunca me conheceu. Dois estrangeiros a se cultivarem debaixo da sombra do quintal de casa. E a passividade do pai também me agredia, e a incerteza de tudo me paralisava, e o medo de errar foi sugando aos poucos a vontade de querer alguma coisa, parte da culpa nem sempre foi minha, mas agora era. Daniel parou de soluçar, amassou o papel no lixo. Se sentia egoísta e desesperado, grávido de si mesmo à espera de um parto que jamais viria a acontecer e deixou o grito apertar o peito sem medo de despertar o amigo e a vizinhança, deixou corroer por dentro a madeira podre da carne, varrer a matéria ocre entre os dentes salivando angústia. Quando deitou novamente, já era dia, Daniel imaginou no lugar do travesseiro algo mais quente, repousando sobre o ventre do qual jamais deveria ter desejado sair. Nunca mais.

Na manhã seguinte, foi procurar emprego na cidade.



Manuel Malvar nasceu em 1999, em Feira de Santana, Bahia. É licenciado em História pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Um dos fundadores da companhia de cinema Pititinga Filmes, dirigiu e escreveu três curtas, disponíveis em redes sociais. Poeta publicado em concursos literários de sua cidade natal, experimentou pela primeira vez a confecção de um conto com seu “Cupins”. Admira Hilda Hilst, Jhumpa Lahiri, David Lynch, Richard Linklater e a magia transformadora dos acontecimentos aparentemente ordinários que revelam mensagens de sonhos febris.

Réquiem

Patricia Abreu Newlands

*Aos meus pais,
que não inspiraram nem
leram esse conto, e que par-
tiram mesmo sem permissão.*

— Que bom que você veio, meu filho. A gente fica tão sozinho aqui sem nada pra fazer. Não é, meu amor?

— Ela sorriu e pousou a mão sobre a perna do marido.

O sobrinho já foi dizendo que não podia demorar.

— Vim só fazer uma visitinha de médico mesmo, tia. Como estão as coisas?

Ela deu detalhes dos últimos dias, enquanto o sobrinho se acomodava no sofazinho. A televisão estava ligada no jornal e assistiram em silêncio por um tempo.

— Vocês não estão precisando de nada, tia?

A pergunta a pegou desprevenida. Precisava de tantas coisas, mas não sabia como aquele menino mal saído das fraldas poderia ajudar.

— Só de companhia mesmo.

— Meus primos não têm vindo?

— É difícil pra eles, essas faculdades de hoje em dia são muito puxadas, mas eles passam aqui sempre que podem. Você ficou sabendo que sua prima ganhou um

prêmio? Ela está se preparando pra viajar agora, vai apresentar a pesquisa em Nova Iorque! A gente está tão orgulhoso, não é, meu bem?

Se o sobrinho desconfiou de sua mágoa, não deixou transparecer. Ele pegou o celular no bolso, um sinal de que sua visita logo chegaria ao fim.

— Eu já te contei que tive uma banda? E que eu era baterista? — Ela apelou para o gosto compartilhado pela música, tentando estender um pouco a companhia.

O jovem abaixou o telefone, a surpresa estampada no rosto. A tia não deu tempo de ele responder.

— A gente tocava na garagem da casa dos seus avós. Coitada, sua avó quase morreu de desgosto. — A tia disse, rindo. — Eu convenci a cantina da escola e a padaria perto de casa a me darem todas as caixas de ovos que iriam pro lixo e as meninas da banda me ajudaram a prender cada uma nas paredes e no teto. Foi um pouco antes da gente se conhecer, né, amor? Eu tinha uns dezessete anos e nada podia me parar. Eu não era fácil, isso é verdade. Sua avó não queria que eu tocasse bateria. Não era coisa de moça direita, ela dizia, mas eu não queria nem ouvir falar disso. Comecei a fazer qualquer trabalho que aparecesse pra juntar um dinheirinho. Trabalhei em lojas, fui babá dos filhos dos vizinhos e vendi doces na porta do colégio. Ela ficava pra morrer, que vergonha a filha dela se humilhando desse jeito, mas logo eu consegui comprar uma bateria

usada e tocava a tarde toda. Você tinha que ver, minhas mãos eram todas calejadas. — A tia mostrou as palmas das mãos, como se a pele fina não mostrasse marcas bem diferentes agora.

— Vocês tocavam o quê? Música de igreja? — O sobrinho perguntou, com um sorrisinho no canto da boca.

— Ah! Essa é boa. A gente tocava punk rock!

— Coitada da vovó. — Ele respondeu, agora quase gargalhando.

— Deixa eu te contar do nosso último show. Claro, eu não sabia que seria o último naquele dia. Fomos as quatro espremidas com os instrumentos no Fusquinha do pai de uma das meninas. Não sei como a gente conseguiu fazer aquilo. A gente até escreveu o nome da banda no para-brisa com guache. — Ela fez uma pausa para rir e moveu as mãos com as palmas para frente, como se estivesse revelando uma obra de arte. — Tomara Que Caia. Esse era o nome da banda. Meu Deus, que saudade de um palco. Era um festival e a gente nem sabia se ia conseguir tocar, mas a Lila conhecia alguém na organização e eles disseram pra gente ficar a postos. Se alguma banda furasse, a gente poderia entrar no lugar, e foi o que fizemos. Eu nunca mais me senti tão bem quanto naquele dia, eu usava uma saia xadrez, meus coturnos, meia arrastão... O pacote completo. Esse aqui — ela apontou para o marido — não foi. Nunca me disse o porquê, só não apareceu. Eu fiquei com tanta raiva.

Enquanto as outras bandas tocavam, fiquei fofocando com a Lila e contei que a gente tava ficando sério, pensando em morar junto assim que eu fizesse dezoito. Eu estava tão ansiosa pra ele me ver tocar, sabe? Mas ele não foi. Nunca esqueci o que ela disse naquele dia, que isso estava andando rápido demais, mas eu não ouvi. Estava apaixonada. No fim teve mesmo uma banda que não apareceu e a gente subiu no palco lá pelas duas da manhã e tocamos músicas do Bikini Kill, das Runaways e mais algumas. Não lembro direito. Deve ter sido horrível pra quem assistiu, a gente mal tinha ensaiado, não passou o som e nem conhecia o palco, mas pra mim foi perfeito. Perfeito.

A tia falava com prazer. A menina aparecendo por trás do rosto cansado.

— Ela foi dormir na minha casa depois, a Lila. A gente brincava que usar coturno dava duas alegrias: na hora de calçar e na de tirar. Nossos pés doíam tanto, que enfiamos numa bacia com gelo e sal grosso — ela fez uma pausa pra rir, balançando a cabeça. — Você já pode imaginar, né? Quando a gente percebeu, eles já estavam enormes, superinchados! Pelo menos paramos de sentir qualquer coisa. Até a dor. Duas idiotas. Ai, meu filho, eu amava a Lila. Ela era a minha melhor amiga, sabe? — Uma melancolia tomou conta da tia, enquanto ela passava as mãos no rosto. — Agora eu nem lembro quando a vi pela última vez, nem porque

nos afastamos. Às vezes, eu me pergunto quando foi que eu me perdi dela? Quando eu me perdi de mim?

Não sabendo como responder a isso, o sobrinho deixou a conversa morrer. De qualquer forma, já tinha ficado tempo demais. Deu um abraço na tia e um beijo no tio, se despediu e saiu, deixando os dois sozinhos mais uma vez.

A rotina é implacável nessas situações. O relógio na parede marcou a hora do jantar, das medicações e de dormir, e, num piscar de olhos, já tinha girado para a hora de levantar, do café da manhã e do banho. Cada pequena ação tinha o momento certo de acontecer, como uma coreografia que eles nem precisavam aprender. Ela já nem sabia quantos dias tinham passado assim.

A conversa com o sobrinho não a deixou por um segundo sequer. Tentava examinar suas memórias e reconstituir a própria vida, para entender como ela deixou de ser quem era.

— No dia que a gente se conheceu, tinha um menino parado na entrada da casa. Você lembra o nome dele? — Ela se virou para o marido, mas seguiu sem esperar resposta. — Acho que era filho da empregada. Ele viu meus bótons e se apaixonou pelo do porquinho. Porquinhos são amigos, não comida. Lembra? Naqueles tempos, todo mundo se expressava por bótons. Ele me pediu e eu dei. Nunca admiti pra ninguém, mas eu

só dei porque não queria parecer mesquinha. Eu usava os bótons pra cobrir o cavalinho na minha camiseta preta. Achava brega ostentar marca. Os outros eram de bandas e de desenhos japoneses, e a nossa conversa começou por aí. Uma conversa besta, mas era tão legal conhecer alguém com os mesmos gostos. Você dizia que eu era como a Lindinha, linda e meiga, mas eu jurava que você queria dizer poderosa. A moda passou e eu joguei os bótons numa gaveta qualquer. Até pensei em jogar fora, mas não tive coragem. Eles nos uniram. Fui procurar um band-aid esses dias e eles ainda estão ali. O saquinho de bótons desbotados agora ganhou uma mancha de sangue. Você devia ter prendido direito a porcaria do cabideiro quando eu pedi. Eu avisei que o parafuso estava solto, mas você gosta mesmo é de enrolar. Eu sabia que alguém ia se machucar, e esse alguém sempre sou eu.

Sem entender direito o porquê, a mulher começou a chorar. O dedo e o coração latejavam pelas lembranças, mas, acima de tudo, ela sentia raiva. Tanta raiva.

— O que eu mais gostava era dos filmes, eu amava ir ao cinema com você. Você focava na ação, mas eu sempre torci pelos romances. Mesmo se a história não entregava, eu a criava na minha cabeça. Foram muitas sessões juntos e a dor da despedida a cada fim. Foi assim que eu soube que queria ficar a vida toda com você.

Uma memória foi desbloqueada. O dia em que ela convidou o então namorado para um restaurante e foi surpreendida pelo pedido de casamento. Há meses o assunto os rodeava, com tantos amigos noivando, mas ele sempre dizia que um papel não definia laços, mesmo sabendo que ela sonhava com uma grande declaração pública. Um comprometimento que ele não parecia disposto a demonstrar. Ela nunca teve coragem de perguntar se ele fez o pedido só porque sabia que ela ia terminar tudo depois do jantar.

Depois disso, tudo parecia acelerado, como se a vida tivesse avançado em *fast forward*. Ela se casou com o vestido dos seus sonhos. Decote quadrado e franjas de cetim, como se estivesse em uma festa descrita por Fitzgerald. A lua de mel foi perfeita, viajaram pelo país por três semanas em um carro emprestado, visitando amigos em várias cidades. Ela já voltou grávida e começou a ver sua barriga crescer e seus peitos cáirem.

Depois que seu primeiro filho nasceu, ela passou a noite na maternidade com a própria mãe. O marido disse que ela teria mais experiência para ajudar, e que já tinha combinado com os amigos de comemorar que virou pai. Mais tarde essa foi a desculpa para não trocar as fraldas, já que foi pra mulher que as enfermeiras ensinaram. Quando o bebê chorava, ele botava os fones pra ouvir música em paz.

Todo dia era um parto diferente. Preparar refeições que agradassem a todos, três vezes ao dia, arrumar as crianças pra escola a tempo, lavar roupa, tirar manchas impossíveis de decifrar dos uniformes, arrumar a casa, botar a mesa, tirar a mesa, lavar a louça. E os copos. Ela nunca conseguiu entender como eles usavam tantos copos.

As sessões de cinema passaram a ser sempre com os amigos dele, os filmes eram mais divertidos com eles. A cerveja e, até mesmo, a carne também eram mais gostosas na companhia deles.

Pra ela, só sobrava o cuidado com a casa, com as crianças e com o marido.

Nas raras vezes que tentou desabafar, ouviu que estava exagerando. Homens são assim mesmo, lhe diziam, e que ele era um bom marido. Ele sempre voltava para casa. O pior é que, às vezes, ela concordava.

Entrou em casa um dia desses e percebeu que não estava sozinha. Uma aranha flutuava perto da sanca, quebrando o seu acordo tácito. Ela as deixava ficar lá em cima para se livrarem dos mosquitos. A vantagem pendia pras aranhas, que ganhavam casa e comida fresca, mas agora parecia que queriam mais. Até as aranhas eram ambiciosas.

Andou pela casa caçando roupas e louças sujas, se perguntando se daria tempo de fazer uma faxina. As crianças iriam dormir em casa — crianças, riu

sozinha, todas pra lá de vinte anos — e seria bom estar com tudo arrumado. Foi até a varanda e achou seus vasos, as plantas murchas e a terra farelenta. Ninguém tinha regado. Talvez ainda desse pra revolver tudo, transformar a morte em adubo, e ver o jardim renascer, brotar do chão, criar galhos e folhas, crescer e buscar o sol, só para murchar e morrer de novo no mesmo vaso.

Isso tudo foi no mesmo dia em que ela apareceu.

Ela.

Tão linda.

Era uns dez anos mais jovem, bem no meio do caminho entre a mulher e sua filha.

A bichinha já abriu a porta chorando. Antes mesmo de se apresentar, chorava tanto pedindo perdão, que nem precisou explicar nada. A mulher ainda se viu obrigada a consolar a moça. Pensou que a cena devia ser hilária. As duas chorando abraçadas no corredor, a corna e a amante.

A mulher batia nas costas da outra de levinho, dizendo: não fica assim, não é culpa sua.

— A culpa é toda sua — falou depois, quando estava sozinha com o marido.

O sobrinho apareceu mais algumas vezes, sempre com suas visitas de médico. Conversava um pouco com a tia, beijava o tio e ia embora. Ela sabia que ele lia o prontuário antes de entrar no quarto.

Os filhos vieram juntos um dia, arrastados pelo primo. O doutorzinho queria explicar que não havia mais o que fazer.

— A gente precisa libertar o tio desse sofrimento.

As crianças choraram, cada uma voltando à infância do seu jeito, mas concordaram. Foi a mãe quem usou o poder de veto. Recusou até ouvir falar disso. Guardou sua explicação apenas para o marido:

— Com quem eu vou brigar se você for?



Patricia Abreu Newlands sempre quis ser escritora. Chegando aos 40 anos, ela decidiu mergulhar na escrita, após uma vida escondendo textos e cadernos no fundo dos armários, e deixou o Rio de Janeiro para viver perto dos bambus e de um riacho em Petrópolis. Como publicitária, trabalha há 15 anos programando campanhas de grandes anunciantes, e, certamente, você já foi impactado por muitas delas.

A luz da vela

Zeca Bastos

Aqui estou mais uma vez. Arrasto pela estrada uma criança morta, abrindo cortes profundos em seu corpo sem sangue, as pedras penetrando seu corpo frágil e frio, seu corpo indefeso de cadáver. Ele vai fazendo um rastro na estrada, volteado, incerto, um rastro de cadáver. Há urubus velando a criança morta, e cães uivando à nossa passagem, há cigarras carpideiras que choram sem parar pela criança morta. Vez por outra, paro e enxugo o suor do rosto e da testa, e olho a estrada que resta, e olho o cadáver que pesa cada vez mais, e olho a criança que vai crescendo na rapidez das crianças, que vai pesando.

Se pelo menos ela não chorasse tanto. Ou se sangrasses, ou se brigasse e quisesse fugir da rede. Se me atirasse pedras, se me ofendesse, se me fizesse correr sem tempo ao menos para apanhar o chapéu... Se eu pudesse abandoná-la aos urubus, se eu pudesse deixá-la à beira da estrada para que outro qualquer a recolhesse, fechasse suas feridas e a pusesse a dormir...

Vamos descansar nesta sombra, menino. Vamos beber desta água meio morna. Água assim tem gosto de suor, gosto de lágrima. Quem poderia chorar até

encher nossa moringa? Não bastasse seu próprio choro interminável e todos esses cortes secos em seu corpo... Vai, beba também dessa moringa de lágrimas, leve para onde você for um pouco dos que ficaram. Leve também um pouco de mim, mais uma parte minha, como tantas que tenho perdido nesses anos todos carregando corpos. Amigos e estranhos, filhos, pai, irmãos e crianças muitas. Vai, beba e feche os olhos, pelo amor de Deus. Eu não posso suportar um morto que fica me olhando o tempo todo.

De quê você ri, menino? Você está morto e é um absurdo que continue com esse ar zombeteiro de menino vivo. Agora há pouco você chorava, com o corpo entranhado de pedras e pó. E agora fica me olhando e rindo, como se eu fosse um programa de televisão. Não era nisso que você gostava de gastar as vistas, naquelas intermináveis corridas de gatos e ratos? Deixe de rir, menino, o programa acabou pra você. Você está morto e logo mais chegaremos. É só passar aquela curva, lá adiante, e começarão a surgir as casas, depois um muro comprido, e a gente vai começar a ver as cruzes, como um bordado no barranco. Você vai ver, é cada capelinha bonita que tem por lá. Tão brancas, tão enfeitadas, tão floridas, que parecem as casinhas dos anjos. Sabe, menino, muita gente não gosta de ir lá. Eu não, eu sinto uma espécie de paz, uma solidão boa. Conheço muita gente que está guardada ali e sinto uma aproximação

com elas, como se algo subisse pelos meus pés, agitasse meu peito e ficasse me segurando lá dentro. Também, são tantos anos neste ofício, tanta dor que já assisti, tanta gente já carreguei por esta mesma estrada, que nem sei mais se gosto da vida ou se gosto da morte...

Para com isso, menino. Você está morto. Não pode ficar falando. E, depois, como é que defunto pode sentir fome? Deixa de besteira, quem morre tem todos os desejos satisfeitos. Não sente fome, nem sede, nem medo, nem nada. Era só o que me faltava, depois de tanto tempo, carregar um defunto que sente fome... E o que eu ia dar pra você comer? Que comida que morto come? Criança eu sei que come doce, goiaba, toma leite... Mas criança morta come o quê? Vê se aceita sua morte e se contenta em ter alguém que o leve para enterrar. Eu prometo que acendo uma vela e colho algumas flores do mato antes de chegarmos. Prometo salpicar sua vala com pétalas brancas. Quem sabe não nasce ali uma roseira pra lhe fazer companhia? Criança tem dessas coisas, já vi. Fica amiga de passarinho, conversa com as plantas, e até juro que elas se entendem, que elas se falam mesmo, não sei em que língua. O menino fica lá, falando, falando, contando histórias. E a planta se abana, se mexe, aprovando ou negando... Talvez até fale, numa vozinha muito fina e verde de planta. Eu nunca ouvi, que não sou maluco, mas acho que pode ser assim. Criança e louco é que conseguem

fazer isso. Os loucos e as crianças são muito parecidos, sabe, menino? Têm os mesmos olhos divertidos, o mesmo balançar desajeitado do corpo. Eu acho, menino, que, para os loucos, tudo é possível, de tão sincera que é sua loucura. Igual aos meninos, feiticeiros que imaginam o que realmente está acontecendo. Eles pensam: esse passarinho é meu amigo, e eu converso com ele. Aí, se põem a assobiar, e o passarinho vem pra perto, se agitando todo, arrepiando alegre seu corpinho de penas. Você tá achando que eu sou meio maluco, não é? Isso não... É que eu sou andarilho solitário, você sabe, e minhas companhias são sempre defuntos que nada dizem. Não são como você que fica aí sentindo fome, rindo e chorando. Eu vivo enfrentando esta estrada, sempre só, sem ter com quem falar, como me distrair. Então, eu me concentro em tudo, em cada pedra, em cada movimento, em cada barulhinho que vem da mata. Procuro entender por que as folhas caem das árvores, cruzo o olhar com os bichos assustados, conheço todas as vozes dessa mata e, se por acaso, encontro alguém caminhando por estas bandas, isso é tão importante para mim e para ele, porque somos ambos solitários, que nenhum gesto escapa de nós, nenhuma palavra será em vão. Mas é tão difícil encontrar alguém quando se é tão só, quando parece que a solidão é parte nossa por natureza. Quando ela parece um bem ou um mal de nascença...

Eu tinha, menino, morreram todos eles. Eu mesmo os carreguei por esta estrada, chorando como um louco desesperado, encharcando minha roupa, escaldando meus pés na areia. Toda a minha família, um por um. Mas por que você se preocupa comigo? Que importa a um defunto se eu tenho família ou não? Você é defunto e é criança, não tem como me ajudar. Sim, eu sei que as crianças podem falar com as coisas e com os bichos, mas uma criança morta como você só pode falar mesmo é com um sujeito doido de solidão como eu. Quer saber? Eu nem tenho certeza se você está mesmo falando ou se sou eu que penso ouvi-lo. Acho que meus olhos é que fazem seus lábios mexerem, eles é que colocam risos e palavras em você.

Olhando bem, você está tão magrinho, tão machucado... Sorte que seu sangue já secou — não vê como tá roxo? Se não esses cortes iam sangrar muito, iam arder demais. Eles doem, menino? Deixa eu cobrir suas pernas com a rede, ficam mais protegidas. Pensando melhor, daqui em diante, vou carregar você no colo, não arrasto mais seus pés...

Quer mais água? Beba, que vai ficando tarde. Olha o sol como começa a se esconder naquelas árvores. O outro lado do morro deve estar se iluminando, não é? O outro lado do morro... Na vida da gente sempre tem o outro lado de um morro qualquer, não é mesmo? E nós nunca vamos lá. Não temos coragem

de atravessar esse morro... Por quê, menino? Você que fala com os passarinhos, sabe o que tem do outro lado do morro? Não, você não teve tempo sequer de descobrir o seu próprio morro. Isso não é culpa sua, claro que não. Muita gente adulta também não sabe o que pode haver além de todos os morros. E o pior é que nós, os adultos, não acreditamos mais em passarinhos. Esquecemos como é que se conversa com eles. Quem é tão livre e voa, como fazem os passarinhos, deve conhecer o outro lado, não é mesmo? Pergunta, menino, pergunta ao passarinho e me conta... Quase me esqueço. Passarinho não responde às crianças mortas.

Não, menino, não fique triste. Nada pior que um defunto triste. Já chega a solidão dessa estrada e a solidão eterna que você terá... Acho que é hora de continuar a caminhada. Logo mais será noite e você não vai querer que a gente chegue tarde demais no cemitério, porque eles fecham os portões, e aí vamos ter que passar a noite toda esperando. Deixe que eu ajeito a rede em volta do seu corpo. Que coisa, como você cresceu desde que saímos. Você é um defunto bem esquisito, sabia? Fala, sente fome e, ainda por cima, cresce durante o caminho. Quantos anos você tem? Dez, doze? Pois agora parece que tem quinze. Tá grande e tá bonito. E seus cortes são apenas cicatrizes.

Parece doideira minha, mas acho que você tá sa-
rando da morte!

Não, isso não. Eu dei a palavra que iria trazê-lo e enterrá-lo, como sempre fiz, com respeito e honestidade, graças a Deus. Não, eu não posso concordar que um defunto que estou trazendo resolva ir andando com suas próprias pernas. Não, você me desculpe, eu simpatizo com você, mas o que os outros iriam dizer se me vissem chegando ao cemitério caminhando e conversando com meu defunto? Não, não pode ser. Eu sei que você pode andar tão bem quanto eu, mas isso não fica bem para um defunto. Os defuntos têm é que ficar deitados, ninguém gosta de um morto que fica andando por aí, conversando, contando casos, como se fosse vivo. Você não sabe, mas as pessoas só aceitam os mortos bem comportados, aqueles que deitam e ficam quietos, que se deixam beijar, apalpar... Cada coisa em seu lugar, eles dizem. E lugar de morto é deitado, quieto, já falei. Vai, cruze suas mãos, feche os olhos e deixe que eu o carregue até lá. Por que você não colabora comigo? Eu sei que na estrada não passa viva alma, mas eu mesmo não consigo aceitar essa situação. Em todos estes anos, nunca vi um defunto como você... Mas que defunto teimoso você está me saindo.

Está bem, mas, quando chegarmos perto das casas, você se deita, combinado? Isso não pode estar acontecendo, penso. Nunca vi morto mais bem-disposto. Nem parece que morreu. Pior se aparece alguém. Não vai acreditar, vai ser um Deus nos acuda...

Vê, menino, são as luzes da cidade. Anoiteceu e nós perdemos a hora do cemitério. Agora, só amanhã. Lembre-se do que combinamos. Você precisa se deitar e deixar que eu o carregue, como todo bom defunto faz. Já se pode ver as primeiras casas, e há mulheres na calçada, você viu? Isso, deite-se. Muito bem. Depois que a gente passar pelas casas, eu deixo você caminhar mais um pouco... Estou vendo aquela dona Lurdes lá adiante. Vou parar e conversar um pouco. E você, pelo amor do nosso Pai, se comporte.

Vou indo, dona Lurdes, nesta minha vida de carregar os mortos para um enterro digno... Não me diga, o Juvenal era tão forte... É verdade, basta estar vivo, a senhora está certa... Nem me diga... Mas de tanto ver a morte e conviver com ela... Mesmo assim, acho que ainda não vi nem a metade do que existe... É, não se deve brincar... São coisas dos espíritos, sim, senhora... Nem sei se acredito, dona, mas respeito, sim, senhora... Cada um tem o direito de fazer o que achar melhor, também acho, sim, senhora... Este aqui? Menos de quinze anos... Parece que foi tuberculose, acho que foi isso... Pai, mãe e mais seis irmãos... É mesmo,

é muito triste... Magrinho, é mesmo... Esquisito por quê, dona?... Acho que é isso que dizem, que a morte é descanso... É verdade, parece feliz... Eu? Ai, é que me atrasei na estrada... Pois é, nós vamos, quero dizer, eu vou dormir na porta do cemitério... Nem pensar, dona Lurdes, seria um abuso... Não poderia deixar o corpo... Por favor, dona Lurdes, não me leve a mal... No quartinho dos fundos?... Não sei se é certo... Por favor... Mas... É que... É... Está bem, dona Lurdes, vou ficar por esta noite e lhe agradeço muito. Vamos dormir no quartinho dos fundos. Sim, eu ajeito o corpo em algum lugar. Sim, senhora, Deus te abençoe.

Agora estou perdido, penso. E você, pare de rir.

Esse quartinho é bem pequeno, você não acha? Nem sei como vamos nos arranjar se mal cabe a cama. Sim, é limpo, tem um cheiro bom de roupa lavada e é bem quentinho, é verdade. Vai ser bom dormir numa cama limpa depois de tanta estrada, isso vai. Você fica aí, que eu vou me lavar um pouco. Tenho pó até nos dentes.

Quantas banalidades se fala nesta vida, penso. Dona Lurdes e sua mania de espíritos. Ela diz que o menino parece feliz. Diz que seu espírito está em paz, que aceitou a morte, que é desenvolvido... E, por acaso, adianta não aceitar a morte? Alguém deixa de morrer simplesmente porque não quer? Se a maioria das pessoas não é dona sequer da própria vida, que dirá da morte, que

é senhora, que não aceita conversar. A morte manda, e a vida obedece, e a vida se dobra, querendo ou não, desenvolvida, como ela diz, ou não. Esse menino: morto muito antes de começar a viver...

Sinto-me melhor agora, menino. Nada como uma boa barrica de água quando se tem até a alma coberta de pó. Mas o que você faz aí? Não me diga que pretende dormir na cama! Não, senhor, a cama é minha, você está morto, e os mortos não têm escolha. Nunca. Não adianta, eu já disse, não vou dividir a cama com um defunto. Você que fique no chão. E não adianta dizer que sente frio. Os mortos não sentem nada, muito menos frio. Pouco me importa se você não teve cama enquanto era vivo. Eu também dormi poucas vezes na minha cama. Nesta minha vida, fui dormindo na terra mesmo e, é bom frisar, bem longe dos defuntos que carregava. Por que você faz essa cara tão triste, menino? Não é certo dormir com os mortos. Não se trata de não gostar de você. Nós somos amigos, ficamos amigos lá na estrada, e eu não esqueço nunca dos amigos. Mas você me compreenda, isso não é normal. Eu não ia conseguir pregar os olhos sabendo que você repousa seu sono de morte ao meu lado. Sentiria o frio do seu corpo, e esse frio me tomaria também, ficaria com as juntas quebradiças como você as tem nessa dureza de morto, nessa fragilidade absurda de corpo sem vida. Não me leve a mal, por favor, mas não posso dividir a cama com a morte.

Tenho medo... Por mais que tenha lidado com pessoas mortas, geladas, por mais que tenha sido consolo aos que choravam, por mais que eu minta, a morte me assusta. Ela me apavora quando olha diretamente para mim com seus olhos frios, parados. Tenho medo até que todo meu corpo esteja gelado e que um tremor medonho me faça bater os dentes. Tenho medo de você, menino, e de tudo o que você representa. Da sua juventude e da sua morte. Porque eu me sinto meio assim, menino. Do mesmo jeito que você teima em não morrer, apesar de morto, eu teimo em viver, apesar de tudo. Somos duas almas penadas que não sabem que estão mortas, você e eu. E nos enganamos tanto que ludibriamos até as outras pessoas. Qual de nós tem mais direito àquela rede, menino? Qual de nossos corpos deve ser plantado sob uma cruz mal alinhada? Deitemo-nos, ambos. Façamos uma frase qualquer de despedida para adornar nossas cruces. Ou, então, abandonemo-nos por aí, em qualquer parte do mundo, sem frase de despedida, sem cruz, sem lágrimas. Deixemos que os animais carreguem nossos esqueletos e os enterrem sob folhas secas. Que os bichos espalhem nossas partes por toda a mata, de forma que ninguém jamais consiga recompor braços e mãos, cabeça e peito, pernas... Que ninguém jamais consiga recompor nossas dores e arrependimentos. Nem mesmo na memória conseguirão saber se éramos alegres ou tristes, se amamos,

se tivemos medo. Ninguém saberá, nem mesmo nós. Principalmente nós, menino, que precisamos tanto esquecer nossas fraquezas...

Você vê o dia começando, menino? Ele vem pela fresta da janela. Ele vai entrando num risco horizontal por baixo da porta. Sem pedir licença, ele vai entrando em nosso quartinho, vai entrando em nossos olhos. Silencioso. Eu às vezes gostaria que o dia surgisse numa grande explosão. E deveria ser de repente. O dia, menino, quase sempre pega a gente despreparado. Ele chega sempre fora de hora, quando menos se quer que seja dia. E ele tem essa coisa de nos obrigar à ação. Não é como a noite que convida. Ele manda. A noite pede, insinua, ela vai soprando aquele hálito fresco de noite, vai embebedando de perfumes, vai enredando a gente numa teia invisível, numa atmosfera de emoção, de liberdade. A noite é assim, menino. É como o olhar de uma mulher bonita, olhos negros que brilham mais que o luar... Ai, menino, se eu lhe contasse de uns olhos que vi. Eles pareciam viver sozinhos, você nem acredita... Ai, menino, se eu me dispusesse a falar das mulheres... Não me culpe, menino, você nem pode saber, pequeno como é. E também, eu ia resumir todas as mulheres dos meus sonhos nesse único par de olhos negros. E ficaria feliz por fazer isso, se conseguisse essa façanha... Deixemos disso, menino. É hora. Deixemos de tudo. É hora de ir. É bonito aqui, você não acha, menino?

Vê aquela capelinha? Olha que retratinhos bonitos... Claro que parecem tristes. Os parentes sempre procuram um retrato triste para lembrar seus mortos. Eles acham que não ia ficar bem botar o morto num piquenique, jogando bola, dançando no Carnaval... Não, você não vai ter um retrato. Nem capelinha. Mas não ligue, a maioria das pessoas não tem nada disso. Eu ponho flores sobre você, não fique triste. As capelinhas são bonitas, é verdade, mas isso não conta quando se está morto. Vamos, que eu já tenho os papéis...

Fico por aqui e agora só vejo uma parte do seu rosto de menino, as pontas de seus pés. A terra vai lhe cobrindo aos poucos e aos pedaços. Acabou-se a luz, não é menino? O ar... Tudo acaba e falta, não é mesmo, menino? Tome esta pequena flor branca que enterro junto de você. Eu sei que ela vai se enraizar. Nascerão outras, você vai ver... Ficou bonito, o seu túmulo com tanta flor. Mesmo aqui, meio de longe, de volta ao meu destino, posso ver a vela que acendi. Ela fica tremendo. Vai ser difícil apagar você e a sua presença da minha vida. É como a vela que lhe acendi. Mesmo de longe, eu a vejo, tremendo, tremendo, tremendo...



Zeca Bastos sou eu: José Carlos Bastos. Paulistano do Parque da Cantareira, de onde trago a maior parte das histórias que vivo repetindo até hoje, já passando dos 70 anos de idade. Aqui mesmo, neste “A luz da vela”, aparecem, aqui e ali, pessoas e casos que teimosamente conservo na memória. Tenho trabalhado a vida toda com jornalismo empresarial e publicidade (acho que esta é a deixa para citar Drummond: “lutar com palavras é a luta mais vã. Entanto lutamos mal rompe a manhã”).

Encosto

Giovanna Acioly

Uma trança refeita, pescoço levemente torto, dois botões se fazendo de olhos em um pano encardido. Poucos sabem a história da boneca que, sentada no fundo da bolsa, é meu amuleto.

Memória acesa do maior afeto que vivi.

.
.

Criança. Era assim que todos enxergavam Vovó Lucia.

No seu íntimo morava uma (criança).

O senso de humor iluminava sua presença. De tão irradiante, até quem já tinha morrido aparecia vez por outra para tirar um dedo de prosa com ela. Nessas horas, seguia para o fundo do quintal com o parente do defunto e fechava a cortina roxa de Oxford. Eu ficava de fora. Não por ela. Mas por mamãe, católica, temente a Deus. A fé se fazia de hiato entre mãe e filha. Sem querer perder os privilégios que minha mãe lhe dava, de poder ser avó de coração, brincando e me mimando à vontade— e não apenas uma pessoa *responsável*, que *não deixa criança pular nas poças em dia de chuva* —Vovó respeitava sua decisão. Do outro lado do tecido, tentava

ouvir um bocadinho do bate-papo, sem nunca ter sucesso... o cheiro de incenso que saía daqueles encontros atiçava a curiosidade.

Essa mulher é estranha, parece uma bruxa!, o disse me disse corria pelo bairro. Quando a ajudante do padre passava pela sua varanda, desviava o olhar para não cruzar com sua alma. A vizinha que só vestia roupa de onça mudava o trajeto para não cruzar com seu corpo. Eu não tinha medo. O bem que trazia consigo era minha crença, o oculto por baixo do pano haveria de ser bom.

A mim, sua bênção era dada na pergunta que soava como um cumprimento.

Vovó ama? Fazia uma caretinha em que fechava os olhos e encolhia o nariz, como se fosse um coelho.

Ama, Vovó! Eu respondia, desde muito pequena, espelhando seus movimentos faciais.

Dias depois de eu findar o primeiro setênio, o sol mal havia acordado quando ouvi estalidos na minha janela. Com o rosto ainda amassado, me debrucei no parapeito. Uma pedra atingiu em cheio o lóbulo direito, despertando meus reflexos. Por trás da árvore, os cabelos grisalhos esvoaçavam. Me agarrei a um galho, abracei o tronco e deslizei ao seu encontro. Sorriu com os olhos. Ignorou o ferimento. Me puxou pela mão.

Fundos da sua casa. Cortina violeta. Uma mesa pequena de madeira, uma vela já gasta, um vaso com flores vermelhas e amarelas, uma cadeira. Sentei. Pegou

um saquinho que fazia barulho a cada vez que ela reproduzia o sinal da cruz à minha frente. Começou uma rezadeira de palavras sem roteiro, diferente do que eu via na igreja. Falou da Santíssima Trindade. Puxou minha cabeça contra seu peito. Depois, pegou o ramo de uma folha com cheiro bom, molhou num copo de vidro com água e salpicou sobre meu rosto.

Um misto de emoções me invadiu. O corpo molinho e a alma flutuando amorteciam meu lado esquerdo, enquanto o lado direito, cheio de razão, GRITAVA: ISSO É PROIBIDO! Minha mãe sempre deixou claro os limites que não podíamos ultrapassar. *Não quero Iasmim envolvida com os espíritos! Quem faz milagre são os santos!* Àquela altura, não havia santo que pudesse me salvar. Tínhamos ido além.

Me senti culpada. TRANSGRESSORA. TRAIIDORA. Se Deus estivesse nos Observando (com certeza estaria, padre Camilo dizia que Ele estava em todos os lugares), haveria de nos castigar.

O dia seguinte transcorreu com a normalidade ditada pela rotina, esfumando qualquer vestígio de remorso de uma criança que, gota a gota, aprendia a ser gente grande. Acordei, tomei café, vesti o uniforme, fui para a escola. Esperei o fim do dia para receber o abraço com perfume de alfazema. Não aconteceu. Por trás da grade verde oliva, quem estava era meu pai. Mudo, seguiu até em casa. Quando entrei na sala, soluços

descontrolados quebraram o silêncio. Minha mãe jorrava lágrimas.

Ao me ver, limpou o rosto, sinalizando que, de alguma forma, precisava ser forte. Secou o desespero nos pelos do antebraço. Me conduziu ao banho. Me deu um copo de leite. Me pôs para dormir. Segurou minha mão. Sua voz soou fraca, mas eu já estava em alerta, esperando algum entendimento. Largou a frase como quem diz boa noite: *sua avó partiu*.

Apagou a luz. Saiu.

Sentir o abraço com cheiro de alfazema enquanto, cheirando o seu pescoço, eu espirrava com os fios acinzentados fazendo cócegas no meu nariz era uma cena que ainda figurava no que eu esperava do amanhã. Ela era minha rotina.

Até ontem. Minha vida se rachava ao meio.

Peguei a Tetê, minha boneca de pano feita por Vovó Lucia, enfiei as pontas dos dedos na sua trança cor de piche, cuidadosamente emaranhada até a cintura. Minhas unhas abriam buracos, desfaziam a trama de afeto que havíamos tecido juntas. Dali pra frente, os fios estariam perdidos no caos. O medo era tanto, que nem chorar consegui. O desconhecido seria o novo conhecido.

Joguei a boneca contra a parede.

A tristeza também era nítida no andar cabisbaixo do meu pai. Não senti alívio algum por não tê-la mais

me *estragando*. Todo o descontentamento com a *imaturidade* de vovó pareceu *birra*. Não estava leve por, finalmente, não ter que bater de frente com a esposa, para terminar o confronto frustrado ouvindo que *avó era pra isso mesmo, que ela já tinha feito a parte dela ao criar as filhas, e que, agora, comigo, tinha o direito de voltar a ser criança*.

Criança. A minha se afogava de tanta dor.

NÃÃÃÃÃO!

Sem que eu enxergasse qualquer explicação, um pesadelo começou a invadir meu sono: a tampa da pia saltava, fazendo um redemoinho que se avolumava do banheiro para o meu quarto. Entre bicos de galinhas e flores amarelas, eu via a trança da Tetê submergindo. A enchente chegava ao pé da minha cama, quando eu, pingando de suor, despertava.

Enquanto a noite me perturbava como uma ameaça iminente, o amanhecer me trazia desafios que, aos onze anos, abarcavam toda a tristeza do mundo no coraçãozinho de quem começava a desacreditar que

basta querer

para realizar.

Passei alguns dias adiando o momento de me levantar. Quando as cortinas eram rasgadas pelos raios do sol, e o quarto virava um forno, não tinha como me manter no casulo. Abandonava o abrigo. Hora do sacrifício. Partir pro mundo com a certeza de que ela

não estaria me esperando na saída, me deixava sem cor. Meu pai perguntava sobre o meu dia, minha mãe falava do dela, minha tia alternava as estratégias, mas meu olhar se mantinha fixo no bico do meu tênis.

Até que, decidida a me ver sorrir novamente, tia Geisa, irmã mais velha de mamãe, contou uma história da sua infância. Ela e minha avó haviam pego um ônibus lotado, quando, repentinamente, ouviu um estouro seguido de mau cheiro. Encabulada, a dona do pum não contou conversa. Pegou a filha pelo braço e deu-lhe um beliscão, *Que coisa feia, menina!* Gargalhamos juntas até o portão de casa. Desde então, ao ouvir o alarme da escola, eu esperava por mais histórias vividas por vovó. Um arco-íris se fazia dentro de mim. Se já não podia alcançar seu perfume, seu pescoço ou sua mão, era capaz de tocar seu espírito. Por vezes, no banho, fazendo tarefa de casa ou aguando meu pé de alecrim, eu ria sozinha, recordando as peripécias contadas.

Numa manhã de inverno, a professora estendeu uma toalha de fibra de coco, com bolo de chocolate e suco de uva. Era o dia das avós. Uma a uma foram entrando. Meus colegas lançavam-se para um abraço ou seguravam na mão, orgulhosos. Quando tia Geisa entrou, não reagi. No meio da sala, me mantive imóvel. Aos prantos. Mais que o impossível de suprir a inexistência física de quem eu tanto amava, sua presença foi a lembrança cruel de que ela havia me deixado.

A lanterna que apontava para o passado,
fazendo, no presente,
sombra de quem eu me recusava a deixar para trás,
se apagou.

Não é justo o adeus tão cedo de uma avó!, tia Geisa desabafou com a professora. A lei da natureza nos faz acreditar que o destino cuidará de levar no tempo certo. Uma flor só murcha quando cumpre sua missão de espalhar o néctar, não é? Mamãe era muito nova! Cheia de vida. Cheia de néctar. Não se despediu. Simplesmente, foi.

O fim de semana passou opaco. Hora do recreio. *Vamos pular corda, Iasmin?* Tô cansada, respondi para Liliana. Do outro lado do pátio, Theo treinava embaixadinhas. Passei reto, quando vi Maitê vindo na minha direção. Mudei o caminho. Apressadamente me tranquei no banheiro, enquanto os flashes me perturbavam. Theo oferecendo suco à avó, Mariah exibindo suas aquarelas na parede. Sentada sobre a tampa do sanitário, belisquei minha perna com força. A dor física trouxe um breve alívio para o inusitado amargor na saliva.

Me empresta sua borracha? Por que você nunca traz a sua?, retruquei a Joaquim. *Iasmim, vamos fazer dupla na atividade de Matemática? Com você?! Kkkkk, até parece, vai estudar primeiro, depois me chama!* A acidez no meu coração foi sendo jorrada pela minha boca. Quem sabe meu desdém não apagaria a insistente alegria dos meus

colegas? Era COM ELA, SÓ COM ELA que a vida era naturalmente engraçada. O riso do resto do mundo (que poderia me salvar) era afronta.

Fiquei só. Sem amigos. Queria que tudo fosse cinza. Como eu.

Meus pais entenderam minha reclusão como um tempo para a tristeza se cansar de me habitar, enquanto eu me esgotaria dela igualmente. Afinal, *crianças devem ser, por bênção divina, naturalmente felizes*. Meses se passaram sem que sentissem nada de mim. A não ser a ausência. Resolveram, então, creditar o isolamento ao meu novo interesse: livros. De fato, eram o único remédio para minha solidão. Faziam rebuliços no gris do meu âmago. Estivesse no humor que estivesse, as páginas (imóveis, a despeito de toda a vida que carregam) não se incomodavam com minhas oscilações. Ora risos, ora apatia, ora fúria. Nelas, eu podia descarregar minhas frustrações sem que fugissem de mim. Eram companhia estável. Perto do seu silêncio, não me sentia má.

Aos poucos, fui gostando de ser ignorada.

Num domingo de muita chuva, me aproveitando da certeza dos meus pais de que uma cama e um livro me bastariam diante do dilúvio, a saudade me percorreu tão fortemente que resolvi ter um tanto mais de Vovó. Abri a janela, me agarrei ao tronco de angelim e escorreguei para o quintal. As gotas batiam com força no meu rosto, me lembrando do dia em que fui salpicada pelas

suas ervas. Aquela água me banhava de energia! Corri o mais que pude. Fiz arruaça com as poças, levantando água deitada pro ar. Senti o meu corpo se lavar. A tempestade desceu pelos cabelos, pelo nariz, pelo queixo, fazendo bicas escoarem das minhas quinas. Passei pela banca de revista, sem ser vista. Subi a ladeira contra a correnteza que descia. Depois da casa lilás, que estava roxa de tanta água, virei. Roxa. Era nessa cor que eu queria chegar. Na cortina da benzedeira. Queria adentrar o terreiro secreto. Me abrir novamente aos seus mistérios. No espaço das almas, quem sabe, Dona Lucia não estaria à minha espera?

Quando avistei o fim do caminho, um susto. O horizonte estava oco. Pesado em nuvens negras, mas limpo. Não havia mais casa. No lugar da morada, apenas um terreno. Vazio.

Fiquei ali por infundáveis instantes, sentindo-me afogar nas gotas que pesavam

meu tênis

minha saia

minha blusa

minha respiração.

Os mínimos traços de interesse pela vida desapareceram. Para não perder o ano, mãe se dedicou a me ensinar em casa. Foi quanto notou que eu estava diferente, mais ríspida, com respostas atravessadas. À sua maneira, reagiu. Me proibiu de passar tanto tempo

trancada. Sem ter para onde ir, passei a me jogar no sofá. Com um livro na cara. Nos intervalos para beber água, ir ao banheiro ou catar uma fruta na geladeira, era ela quem me lia. Cada página escrita pelo meu corpo. O andar silencioso. O olhar fugidio. A cabeça baixa. *Essa não é a Iasmim.*

Eu estava ali. Eu não estava ali.

Quando o dia se deu por encerrado e meu pai chegou do trabalho, a chave nem precisou virar na fechadura. De plantão, ela foi logo abrindo a porta: *Encosto! Essa menina só pode estar com encosto!*

Fechei o livro e corri para o quarto. Como eu poderia estar com encosto se ele não existia na sua crença?! Essa palavra vinha dos terreiros onde minha Vó pisava. Entre incensos, benzedeiras e rezas ocultas, era ela quem lidava com os espíritos descontentes com a partida, resolvidos a viver a vida que não mais lhes pertencia no corpo de alguém indefeso. Desprotegida? Certamente eu não era! Sob os primeiros raios de uma manhã emergente, com patuá na mão e palavras de força, havia sido blindada. Sob a reza de Dona Lucia, eu estava a salvo. O poder do Divino fizera escudo em minha alma. Mas, ainda que tivesse ciência de que o mal não vinha de fora, eu não tinha coragem de revelar o segredo à minha mãe.

Me sentia pequena. TRAI DORA. INVEJOSA. Eu era o próprio mal.

Em menos de uma semana, segui com papai e mãe no fusca azulado com marcha de bola de sinuca por um caminho que jamais havia passado. Depois de deixarmos o asfalto, entramos numa estrada de barro circundada por canaviais. Muito chão até alcançarmos casinhas coloridas, coqueiros, residências de forasteiros da capital. Verde novamente em mandacarus e muricis. Após uma curva em S, avistamos, no topo da falésia, um casebre sobre um gramado resistente à estiagem. A porta estava aberta. *Ô de casa!* Papai bateu palmas.

O ar ficou denso. Cada espaço à nossa frente era minuciosamente estudado. Ainda que depositassem as esperanças naquela senhora, cuja fama de benzedeira rondava as vilas da região, estávamos em terreno desconhecido. Por via das dúvidas, minha mãe acarinhava o terço. O entorno imutável se fez real. Cocoricó! Cocoricó! Galinhas saíam dos fundos e contornavam o casebre pelas laterais. Atrás delas, passos. Uma alpercata de couro pisou à nossa vista. Com o cabelo displicentemente preso, apareceu uma menina um pouco mais nova que eu. Meu pai se adiantou: *Minha filha não anda bem. Precisamos falar com Dona Olindina.*

Me analisou de cima a baixo. *Ela está repousando. Voltem amanhã, ao anoitecer.*

Já me sentia aliviada por deixar aquele local estranho, quando senti uma mão me frear pelo ombro esquerdo. *Venha só!* A garota jogou as palavras,

segurando meu olhar com o dela. Virou de costas. Enquanto, apressadamente, se dirigia ao casebre, notei o penteado que descia até a cintura. Uma trança bagunçada. Cor de piche. *Tetê-trançada. Tetê-descabelada.* Um calafrio percorreu minha espinha.

A noite caiu sobre meus olhos em reza: Deus, que caia uma tempestade, que o fusca atole, que a benzeadeira passe dessa para uma melhor.

Silente, meu pai abriu a porta do carro. Os cantos de dentro dos seus olhos, tais quais os meus, se alagaram. *Por que estou aqui?! Cadê o SEU Deus?* Tentei fazê-los acordar do transe. No passado, eu os havia traído. Agora, ainda que não soubessem, estavam se vingando de mim, me entregando novamente ao pecado. Ao mesmo sacrilégio que me havia deixado naquele estado lastimável de não mais receber, nem dar amor. Por medo de perder. Por receio de não merecer. Eu havia sido punida pela minha heresia. Deus nos Observara naquele dia. De minha avó levou a carne. Foi morta. De mim levou o espírito. Fui morta. Ambas jazíamos na maldição de afrontar o Sagrado.

Telhado baixo, paredes gastas, porta aberta. Não havia mais subterfúgio que pudesse me acalmar. De agora em diante, ela faria de mim o que quisesse. Desabei em pranto. Tanto, tanto, que minha roupa se inundou, como no dia em que descobri que nada, absolutamente nada da minha avó fora deixado sobre a terra. Sua casa

havia sido levada. *Uma enxurrada. Desabamento.* Assim me relatou o vizinho ao me acolher

encharcada
de chuva
de espanto.

O mar de lama levou tudo o que viu pela frente. No redemoinho, uma mesa de madeira e flores amarelas. O turbilhão lavou o morro. As impurezas que ali aconteciam secretamente. A mulher que aqui morava era uma bruxa, minha filha. Disse, como se justificasse a tragédia. Nenhuma outra casa foi atingida. Apenas a dela. Morreram suas galinhas, achadas lá na praça depois que o tempo estiou. Mas dela, só sobrou o pó. Nem o corpo pra enterrar, Deus deixou.

Desci do carro, enxuguei as lágrimas, olhei para mamãe. No banco da frente, se manteve quieta. Não tentou se defender da contradição. Minha avó se rendia a forças que ela dizia serem do mal. As mesmas que, naquele instante, eram sua esperança de milagre. Meu pai me abraçou, me deu um beijo na testa. *Não tenha medo. Ela é conhecida e reconhecida em toda a comunidade. Dizem que cura todo o mal de que o homem não consegue se livrar. Logo, logo você se reencontrará com a menina que sempre foi.* Em passos lentos, atravessei o gramado.

Antes mesmo de entrar, notei a dona da trança a me esperar. *Tetê-trançada. Tetê-descabelada.* Nos fundos, um quintal com perfume de ervas, rodeado por uma cerca de arame farpado. Sentada de costas, uma mulher se

mexia pra frente e pra trás numa cadeira de balanço. A garota se dirigiu a ela. Eu acompanhava os seus lábios a lhe dar um beijo na cabeça, quando me perdi, hipnotizada pelo movimento do coque grisalho.

PRACIMA prabaixo PRACIMA prabaixo PRACIMA prabaixo PRACIMA.

De repente, ESTAVA SÓ! Olhei ao redor, buscando algum amparo. A menina, que a essa altura me soava familiar, não estava mais ali.

PRACIMA prabaixo PRACIMA prabaixo...deixou de existir.

Diante dos meus olhos (ou na ausência deles) se desfez.

Senti meu corpo esmorecer. *Cadê ela?! Cadê a Têê?!*

Sem articular esclarecimento, a mulher se levantou. Virou de frente. Num semblante sereno, marcado por rugas discretas, o olhar docemente atrevido me encarava. Um sorriso iluminado se emoldurava por finos lábios. Fechou os olhos. Contraíu o nariz.

Vovó ama?



Giovanna Dutra Acioly nasceu em Brasília, onde aprendeu a mergulhar no céu, a trazer a natureza para dentro de si. Questionadora, observa a vida pelo avesso. Hoje, aos cinquenta, mora com o marido e o filho em João Pessoa. Perto do mar. De gente que faz rir. O fascínio por histórias veio dos causos contados por sua mãe e avó. Está participando da coletânea *Gradiente*, publicação da Editora Vasta.

Sob a areia da praia

Eduardo Xavier Costa Andrade

O casal me olha por trás da mesa com feições aflitas, rugas apertadas, mãos inquietas. Eles residem no interior gaúcho, na fronteira com o Uruguai, onde plantam arroz. Fizeram o trajeto até Porto Alegre à procura de um profissional qualificado e, sentados na cadeira do meu escritório, me explicam a situação. Seu único filho, um garoto de pouco mais de vinte anos, desapareceu em Itaúnas, no litoral do Espírito Santo. Faço as contas e não vejo como um garoto tão jovem pode ter pais de cabelos brancos. Eles esclarecem que ele não é seu filho biológico. A adoção veio como forma de cumprir promessa, feita antes da mulher se curar de um câncer nos ovários, uma forma de agradecer a Deus pelo milagre e reinserir propósito à segunda fase da vida.

A polícia pouco investigou, porque sem corpo não há crime. Por telefone, asseguraram que o garoto, mochileiro e sem residência fixa há anos, eventualmente retornaria o contato. Não os culpo. Quantos outros jovens não desaparecem aqui e ali, migrando de um lugar para outro, à procura de trabalho ou novidade, muitas vezes deixando de avisar quem espera notícias? Os pais, distantes, com ajuda dos parentes, apelaram para

as redes sociais, sem jamais terem certeza do sucesso em alcançar a comunidade local. Em sua vastidão, a rede acaba se reduzindo a bolhas, e desaparecer onde se nasceu é muito diferente de sumir a centenas de quilômetros de distância, onde ainda se fala português, mas se tem outro dialeto, cultura, história. Meu trabalho me ensinou que, mais do que um continente, este país é um arquipélago.

Chego à nova Itaúnas em uma terça-feira nublada, de vento cortante e gelado, em pleno inverno e fora de temporada. A maior parte do comércio está fechada, hibernando à espera do verão e dos turistas. Digo nova Itaúnas porque há uma antiga, a qual não se pode mais visitar. Até o pequeno, quando acompanhado, ganha força: veja a areia, que, enquanto grão, pouco provoca, quando se torna duna adquire o poder de engolir cidades. Esse foi o destino da antiga Itaúnas. Uma vila inteira enterrada à beira-mar; seu único resquício, o mastro da igreja que, a depender do vento, desponta da areia em direção ao céu. A primeira vítima foi o cemitério da vila, que, após ser soterrado, teve de ser realocado. Os antigos moradores relatam como a areia, educada, circundava o terreno por dois, três anos, avisando que estava por vir. Eventualmente, renderam-se ao inevitável, abandonaram seus lares e formaram uma nova vila de mesmo nome.

Estaciono o carro alugado na frente da pousada em que o garoto ficou. A proprietária, uma mulher gentil e solícita, está à minha espera. Por telefone, pareceu-me tão interessada quanto eu no desfecho do seu hóspede. Mal coloco o pé na recepção, e ela já inicia a mesma história que me contou por ligação, mas eu a interrompo. Peço para primeiro me acomodar no quarto que reservei, tomar um banho, desfazer a mala. O trajeto de Porto Alegre até Itaúnas me levou dois aviões e uma viagem de carro de cinco horas. Ela pede desculpas, balança a cabeça pesada. Vejo que quer tirar a história de si o quanto antes por medo de perdê-la. Eu a acalmo: o que não nos falta é tempo.

O quarto é simples, mas limpo e bem-cuidado. Após o banho, repouso a cabeça no travesseiro, planejando descansar apenas por um instante antes de sair à procura de um prato de comida. Mas quando abro os olhos, percebo que dormi por horas. Sinto que sonhei, mas lembro apenas de formas e sombras. O que me acordou foi o sol nascendo na distância e irradiando luz cinza pelas cortinas abertas. Ainda tenho fome, mas não encontro a proprietária da pousada em lugar algum e saio pela porta destrancada.

Itaúnas é uma vila de poucas ruas, de chão todo de areia, sem calçadas nem sinalização. Os poucos moradores pelos quais eu passo me cumprimentam como se me conhecessem. Logo na esquina, deparo-me com

uma casa de muro alto feito de troncos de eucalipto amarrados com sisal. Em seu topo, faces talhadas na madeira servem como gárgulas. Uma frase emoldura o portão; parece-me latim ou grego, mas não descubro seu significado mesmo após digitá-la no celular.

A vila antiga foi engolida pela areia, sim, mas por quê? A versão oficial coloca a culpa no desmatamento da restinga, feita para combater os mosquitos, criar gado, cultivar mandioca. Alguns moradores apontam o ato de um funcionário da prefeitura, que cortou todo o mato entre sua casa e a praia, como o momento inicial do avanço da areia. Mas a versão oficial não é a única. Outros veem motivos sobrenaturais. A antiga Itaúnas possuía como padroeiro São Benedito, o mouro. A chegada de descendentes europeus, entretanto, levou à alteração do padroeiro da vila para São Sebastião. Incapazes de aceitarem um padroeiro negro, os padres italianos jogaram o velho santo no rio. Em revolta, os moradores adicionaram cachaça ao vinho sagrado e embriagaram o padre em plena missa. Este, uma vez sóbrio, rogou uma praga na cidade antes de jurar nunca mais pisar ali.

Ao voltar para a pousada, encontro a proprietária à minha espera, sentada e com a mesa preparada. Tomo um café preto enquanto ela me repete a história. O garoto chegou em uma sexta-feira ao final da tarde, carregando apenas uma mochila grande. Pagou

adiantado e com dinheiro. Pouco ficou no quarto e tomou café da manhã sábado e domingo, apesar de mal comer. Sua reserva se estendia até meio-dia da segunda-feira, mas, às treze horas, ainda não havia deixado o quarto, nem mesmo para o café. “Achei que estivesse dormindo. Como não havia reserva para o dia seguinte, deixei dormir. Pelas quatro horas da tarde, bati na porta, uma vez, duas vezes. Nada de resposta. Imaginei que talvez já tivesse ido embora. Peguei a chave reserva e abri o quarto. A cama estava feita, o banheiro todo limpo, sem nem escova de dentes. Só a mochila dele que estava ali”. Ela relatou o ocorrido no posto da polícia e depois perguntou ao vizinho, pescador, se algum corpo havia surgido na praia. À noite, dois policiais a visitaram. Vasculharam o quarto e nada acharam além da mochila. Orientaram que ela guardasse os pertences caso o garoto retornasse.

A proprietária me leva ao quarto onde ele se hospedou e depois me traz a mochila do garoto. Uma vez sozinho, disponho com cuidado seus pertences em cima da cama. Tateando um dos bolsos laterais, encontro o que estou procurando. Suspiro e sinto o peso da idade endurecer minha coluna. Ali está seu celular e sua carteira. Antes de chegar a Itaúnas, já sabia que o garoto não havia ido embora de ônibus. Somente um por dia faz o trajeto para fora da vila, e, após o funcionário da empresa me passar a lista de passageiros daquela

semana, conferi nome por nome em vão. Ainda assim, tinha esperanças de que o garoto tivesse conseguido uma carona, talvez deixado a mochila para trás. A ideia agora me parecia ainda mais improvável. Uma pessoa consegue viajar sem roupas ou escova de dentes, mas raramente sem celular, dinheiro e documentos.

Sento-me na cama, ao lado das roupas dobradas, e confiro o conteúdo da carteira. Um cartão, identidade, cerca de cinquenta reais em notas trocadas. Nenhuma foto, bilhete, recibo. Levo o celular descarregado até meu quarto e o conecto ao computador. Ter acesso às suas mensagens me levará mais tempo, mas desde logo consigo ver o conteúdo da câmera. Há fotos do mar, do rio, das dunas. Nada me chama atenção, exceto pelo fato de que não há, em nenhuma das fotos, imagens de pessoas. Mesmo nas semanas anteriores ao desaparecimento, não encontro foto alguma do garoto acompanhado. Todas as imagens são, invariavelmente, da natureza.

O último arquivo tem data de domingo, 16h07. É um vídeo de dois minutos e seis segundos. De imediato reconheço o local filmado, pois eu mesmo estive ali algumas horas atrás. Trata-se do centro da vila, onde está tombado um tronco gigantesco e oco de uma árvore morta. A imagem tremida mostra o interior do tronco horizontal, largo o suficiente para uma pessoa atravessar. É justamente isso que faz o garoto, após passar os pés descalços por cima da cerca feita de corda. Assisto

às suas pernas agachadas avançando devagar, sua mão tateando a madeira para manter o equilíbrio. No fone de ouvido, ouço ao fundo risadas, gritos de criança e a respiração ofegante do rapaz. Passo a passo, ele chega ao final. Ao sair, pisa com cuidado na areia, dá alguns passos à frente e volta a câmera para a passagem. Parece-me que isso é tudo, até que, prestes a acabar o vídeo, a câmera se vira para o garoto que filma. Ele olha para a lente em silêncio. Seus olhos pretos seguram o olhar por alguns segundos. E o vídeo termina.

Apoio minhas costas no encosto da cadeira e percebo que estive segurando a respiração. Assisto ao vídeo mais duas vezes, congelando cada cena e analisando-a detalhadamente. Procuo por alguém ao seu redor, observo seus pés nus à procura de algum ferimento, confiro se suas mãos estão firmes ou se tremem. Na terceira vez a que assisto, fecho os olhos e escuto atentamente, tentando discernir alguma palavra que possa ter dito. Por fim, pauso o vídeo nos segundos finais. Encaro o garoto que olha diretamente para a câmera, para quem assiste, para mim. Seus olhos aparentam estar lúcidos, não vejo sinal algum de álcool ou de outras drogas. Tento identificar em sua face alguma emoção, seja de medo ou felicidade, mas sua expressão é perfeitamente neutra. Não consigo encontrar nada.

Após transferir as fotos para meu próprio celular, passo o restante do dia buscando onde foram tiradas,

refazendo os passos que o garoto fez. Não é difícil, a vila é pequena e há poucos lugares aonde se pode ir. O ponto mais longe fica no meio de uma das trilhas que levam à praia, na casa do último morador a abandonar a antiga vila. Da antiga casa, resta apenas a estrutura, e, logo na porta, há um aviso de perigo de desmoronamento. Comparo as fotos com o que vejo ao meu redor, procuro por alguma discrepância nas paredes pichadas, nas marcas de fogueira, nos detritos espalhados pelo chão, mas não encontro nada de relevante. Minhas pernas doem, meus pés reclamam, mas vou até onde foi registrada a última transação do cartão de crédito do garoto: um restaurante ao redor da praça central, próximo ao tronco tombado. Por sorte, é um dos poucos lugares que está aberto. Mostro a foto do garoto para os funcionários, eles olham com atenção, fazem perguntas, mas ao final não se lembram de coisa alguma.

Por fim, só me resta o tronco no centro da praça. Quando o vi pela primeira vez, com seus quinze metros de comprimento, assumi que tivesse vindo por conta da força das águas, arrastado até o leito do rio após chuvas fortes e disposto pelos moradores como um símbolo da força da natureza. Entretanto, quando pesquiso, descubro que o tronco chegou até a vila por meio de guindastes. A árvore, um pequi-vinagreiro, apesar do tamanho colossal e da idade de mais de duzentos anos, é de menor valor e de pouca utilidade para o comércio.

O tronco, sem marcas de corte, foi deixado para trás após tombar por razão do movimento das máquinas que desmatavam a Mata Atlântica. Seu símbolo, portanto, é da avareza humana.

Enquanto observo o interior do tronco, ouço os apelos de uma mãe. Vejo que, do outro lado, uma criança entra pelo vão e caminha em minha direção. A mãe contorna o tronco, chama a criança e promete punição. Mas quando a criança sai, sorri para ela, que, por sua vez, balança a cabeça e a puxa pelo braço. Um dia terá forças para andar sozinha, mas por enquanto apenas ensaia o movimento. Observo ambas caminharem para longe, até fazerem a curva e desaparecerem da vista. Nunca tive filhos, apesar de já ter chegado perto um par de vezes, antes do relacionamento desmoronar pela ação do tempo. Talvez eu me iluda, mas penso que teria feito um bom trabalho. Afinal, qual a maior qualidade que pode ter um pai do que a capacidade de deixar o filho partir?

Já são quase cinco horas e decido que por hoje chega. Caminho até a única venda da vila e compro a cachaça mais cara que encontro, que ainda assim é violentamente barata. Tiro meus sapatos e meias e faço o caminho até as dunas. Sento na areia e observo o sol se pôr no mangue. O rio Itaúnas, de águas negras, contorna a mata até desembocar no mar. Tomo goles fartos da cachaça amadeirada e penso sobre tudo.

O único fato que tenho para apresentar aos pais do garoto é que não há qualquer indício de que ele jamais tenha saído de Itaúnas. Nunca entrou em ônibus algum, nem foi visto com ninguém. Deixou para trás sua mochila, celular, carteira. Não tomou café da manhã na segunda-feira e seu último uso do cartão é de domingo. O mais provável é que tenha morrido afogado no mar. Poucas coisas são mais traiçoeiras do que a água do mar. Consigo vê-lo decidindo dar um último mergulho antes de partir, deixando seus pertences na pousada. Na escuridão, errou no cálculo da profundidade do mar e foi engolido pelas ondas. Seu corpo, com pulmões cheios de água, afundou. Levado pela corrente para alto-mar, agora se decompõe em algum ponto no fundo do oceano.

Sentindo a cachaça arder a garganta, me permito pensar em uma suspeita que não tenho como provar. Uma hipótese que nunca mencionarei aos pais do garoto, que não passa de pressentimento. Por que, se planejava ir embora, nunca comprou a passagem de volta? E, se planejava dormir domingo à noite na pousada, por que fez a cama, guardou seus pertences, arrumou a mochila? O que me vem à mente é sua expressão no vídeo. Não identifique tristeza, mas também não vejo sinal algum de expectativa. Se vejo algo no fundo de seus olhos, é resignação.

Respiro fundo e tomo mais um gole da garrafa. O fato é que suposições têm pouco valor. Facilmente podem não passar de minhas projeções. Deixo meu corpo cair na areia e sinto um cansaço estrutural em minhas células. Sinto esse mesmo cansaço desde antes de ter a idade do garoto. Por isso que passei grande parte da minha juventude tentando os chás, as raízes, os cogumelos. Ainda assim, tudo sempre continuou a me parecer inevitável. Com os anos, o melhor que fiz foi abandonar a ideia de viver para ser feliz, mesmo que nesse ponto ela já houvesse me causado danos demais. Hoje, o que me move é o indizível, linhas partidas, histórias sem fim. Vivo para testemunhar o insolúvel. Registro-o em minhas memórias e sigo em frente. É pouco, mas é o suficiente.

Levanto minhas costas da areia e assisto ao sol terminar de se pôr. O álcool quente me protege do vento frio. Olho com a visão embaçada para as dunas à procura da ponta da igreja antiga. Sei que, a depender do vento, é possível avistá-la irrompendo do chão. Mas passando os olhos pelas dunas em movimento, não a encontro em lugar algum. A verdade é que, na maioria dos dias, a areia é vitoriosa. Estico o braço e pego um punhado com a mão. Deixo os grãos escorrerem pelos dedos, voarem para longe. O quão curioso é o tempo? Vidas inteiras sob meus pés, soterradas em silêncio. Como se nunca tivessem existido.



Eduardo Xavier Costa Andrade nasceu em 1992, em Santa Catarina. É bacharel em Direito pela Universidade Federal de Santa Catarina e mestre em Filosofia do Direito pela Universidade Federal do Paraná. Tem contos publicados pela *Coletânea Off-Flip*, *Revista Quarup*, *Failbetter.com*, entre outros.

Toda cidade é um cemitério

Ligia Gomes

Dona Adelaide, às vezes, esquecia que o chão não era mais de terra batida. Sua memória voava de um ponto a outro da sua vida, pousando com frequência nos tempos em que era moça e o matão perfumava toda a vila. Antes de ter sido engolida por outra cidade, Baturi era uma vila sem muito além das plantações de taboa, muito terreno alagado e uma fábrica de piano. Nenhum vivo queria saber das histórias da senhora. Nem das boas, muito menos das tristezas que carregava no coração esquecido.

Respirou fundo antes de atravessar a rua até a igreja, muito mais velha do que ela. A fachada do templo era tão simples quanto o interior, nada da opulência das outras igrejas. As paredes eram escuras como as vestes dos santos de olhos caídos e o altar de madeira sólida. Os jovencinhos não tinham mais tempo para Deus nem seus santos, por isso ela se acostumou a ver só as beatas rezando o terço. Pediu ao Senhor que a perdoasse pela mísera ousadia de se sentar em vez de se ajoelhar.

Terço rezado, ela se levantou com a ajuda da bengala de quatro pontas. Cruzou a porta fazendo o sinal da cruz, como sua mãe sempre exigia.

A casa de Adelaide ficava logo ali, uns dez minutos de passos lentos. Muitas das casas vizinhas haviam sido derrubadas e substituídas. Poucos meses atrás, inauguraram um prédio residencial de paredes beges e aquelas sacadinhas de ferro boleado. Coisa feia, aqueles prédios. Adelaide tinha dó das pessoas que não tinham mais casa, expulsas pelos parentes ou pela construtora. Foi pensando na sua casinha que um embrulho de saudade revirou seu estômago. A antiga vila estava em vias de progresso. Tudo vinha abaixo.

A idosa falou uma blasfêmia depois de dar o primeiro passo para subir a escadinha de sua casa. Foi sentada em uma cadeira de balanço que ela vira o sapateiro, Seu Fernando, fechar as portas do outro lado da rua. O mesmo aconteceu com a vendinha de Dona Yayá.

Os filhos de Adelaide foram embora sem levar nada, já que, com a sua mãe doente e colérica, pouco sobrava. De dinheiro ou de ternura. Quase não os via mais. As visitas eram esparsas e a dos netos, um milagre. A cidade grande engole as pessoas, e elas ficam presas dentro de seu estômago cheio de fuligem. Engolira Baturi também, no final das contas. Mesmo o ar do lugar não era mais o mesmo, o que fazia sua garganta coçar.

— Dedê, que isso de usar a palavra do Senhor em blasfêmia! — Adelaide deu de cara com a mãe translúcida, as duas mãos na cintura e cara de azedo.

— Bença, mãe. Já pedi desculpas pro Pai. A senhora não sabe como me dói subir a escada.

— Se eu não sei? Quanta escada eu subi, mesmo velha. Você lembra.

Dona Adelaide esquecia, mas não ia admitir para a mãe. Muitas vezes ela se achava em um sonho. Dona Amélia morrera vinte anos antes, mas, há cinco, tinha voltado como fantasma. A filha não gostava de pensar na mãe como alma penada, até porque Dona Amélia não esboçava nenhum arrependimento em relação à sua vida. A morte tinha amansado a mulher. E ela voltara com vigor, sempre vestida com o conjunto verde que fora enterrada, o oposto do corpo curvado e cansado da filha. Quando Dona Amélia lhe dirigia a palavra, o corpo de Adelaide se endurecia, reflexo de anos de gritos. Mas a mãe não gritava mais, passou a falar como moça carola. Sobre as grandes questões do *post mortem*, Dona Amélia não sabia nada. Acordou fantasma e pronto. Só podia ser milagre do Senhor e da Nossa Senhora.

*

O caso era que Baturi estava abarrotada de fantasmas. Seu Fernando, o sapateiro que tinha vendido a loja, estava sempre à frente do antigo serviço, agora uma sorveteria. Apareceu mais moço e de avental marrom, e assim passava horas com os braços para trás

olhando a rua. A dona da sorveteria nunca deu um grito e chegou até a atravessar Seu Fernando um bom número de vezes.

Um dia particularmente chuvoso, ele atravessara a rua para cumprimentar Dona Adelaide e sua mãe. Falou que sentia falta do serviço e do cheiro de couro, mas, pelo menos, não sentia mais a dor no peito que o assolou na velhice. Ficava ressentido de as pessoas não poderem vê-lo e mais ainda de ficar sem sorvete, mas Dona Amélia lhe assegurou que logo esqueceria isso. Fantasmas não sentem fome, só saudade.

Outro fantasma que aparecia muito na soleira da porta era o menino André, a estrela da pelada de Baturi — isso lá em 1973. Ele sempre fora muito apegado à Dona Adelaide e chegou a morar alguns meses com a família dela porque a mãe dele tinha muitos filhos para alimentar. Ele foi ficando, até sua mãe chamá-lo para casa, tão doída que era a saudade do pequeno. Em um mês frio, ele ficou muito doente depois de jogar bola embaixo de um temporal. Nenhuma reza o salvou.

— Dona Adelaide, a senhora viu o que fizeram com o campinho? — perguntou o garoto meio pra dentro, meio pra fora da grade da varanda.

— Não vi, não, Dezinho.

— Meteram lá um mercado enorme. Cobriu tudo! Onde é que os moleques vão jogar bola agora?

— Não sei, fio. As coisas mudaram desde que você morreu.

— Eu devia é assombrar aquele lugar. Pra que mercado daquele tamanho se tem tudo na Dona Yayá?

— Dona Yayá já é morta, Dezinho.

— Eita. O povo morre mesmo, né?

*

Dona Adelaide estava sentada na sua varanda vendo a chuva cair. Quando era jovem, as ruas se enchiam de água e tudo era transformado em um grande lamaçal. Agora a correnteza se limitava a escorrer pelas bocas de lobo. Sua mãe tinha sumido. Sempre acontecia e sempre inesperadamente. Não era fácil aparecer para os vivos. Seria a morte capaz de fazê-la voltar no tempo e sentir os cheiros da Baturi da juventude? Ou teria ela suas mãos atadas como ela via as dos mortos?

O celular tocou. Adelaide precisou pescar os óculos para ver a tela de fundo azul que piscava com o nome da neta: Eugênia. A ligação caiu antes que ela conseguisse atender.

Dona Adelaide não se demorou pensando sobre a ligação e foi preparar os miúdos para comer no almoço. Lavou bem os corações e a moela, esperou a água abrir fervura antes de colocá-los na panela e temperar com sal. Como não aguentava mais ficar tanto tempo em pé,

puxou um banquinho para acompanhar o cozimento. O cheiro era do tempo que seu pai era vivo e a família vivia na roça. Isso até antes de se mudar para Baturi. Doía lembrar do pai. Lembrava dele carinhoso e de voz mole, mas nada além de sua infância.

A mesa já estava posta quando a campainha tocou. Deu graças a Deus que estava de pé e foi com sua bengala ver quem era. Olhou pela janelinha ao lado da porta e viu Eugênia. Os cabelos cacheados esticados de tanto peso que a água dava.

— Tô indo, Nininha! Preciso só pegar a chave.

Para quem a vida passa rápido, os passos são bem devagar. Destrancou a porta e deixou a neta entrar. Eugênia tremia de frio depois de sentir na pele o céu desabando.

— Mas, menina, que é isso? Vir assim na chuva.

— Eu estava a caminho. Que cara é essa?

— Só tô surpresa por você ter vindo. Vai tomar um banho ou vai pegar gripe.

Eugênia agradeceu e foi ao banheiro. Dona Adelaide separou umas roupas para a neta e as soltou em frente à porta. Na cozinha, serviu uma bela porção de miúdos. Comer coração deixa o corpo mais forte, seu pai sempre dizia. A avó já estava sentada à mesa quando saiu do chuveiro.

— Eu não como mais carne, vó. Não tem outra coisa?

— Tem certeza que não quer? Meu pai sempre dizia que miúdo deixa o corpo forte.

— Não sei como você consegue falar do seu pai assim, depois do que ele fez...

— Meu pai foi um homem bom.

— Seu pai abandonou você e a bisa. Não lembra?

As imagens pingavam e escorriam pela memória de Adelaide. O pai não disse adeus. O pai não disse nada. Virou-se e foi levando com ele o cheiro de xaropada. O desgosto fez Adelaide perfurar um coração cheio de cheiro-verde. Como pôde esquecer assim?

— Vó... vó! — a neta pigarreou — Eu vim porque precisamos recolher suas coisas.

— Como assim?

— Nós vendemos a casa, vó. Tem já uma semana. A construtora quer a casa livre até depois de amanhã.

— E pra onde eu vou, Nininha?

— Lá pra Borice, na casa de repouso.

— Por que seu pai não veio com você? — perguntou Dona Adelaide.

— Sabe que ele é ocupado.

— Me expulsa de casa e não tem nem coragem de vir me ver! — esbravejou chorosa. — Que vou fazer longe daqui? Minha vida toda foi aqui. Eu e seu avô construímos a casa com nossas próprias mãos!

— O pai veio, sim, vó. No dia que a senhora assinou os papéis, lembra?

— Não lembro... não lembro.

Eugênia prometeu que voltaria no dia seguinte com o carro para transportar os pertences da avó. Dona Adelaide não tinha muitas posses, as lembranças ficavam mais na cabeça do que em objetos, e sua memória, às vezes, não passava de pétalas de dente-de-leão; voavam quando o vento soprava. A casa pode não ter sido a mesma sempre, mas a terra onde se apoiava nunca tinha mudado. Anos antes, sua mãe morava em uma casinha nos fundos, que ela pagou com o próprio dinheiro. Morrera lá também, depois de muito xingar o marido e a própria filha.

— Cabeça essa minha, mãe. Não acredito que deixei venderem a minha casinha.

— Os jovens não têm tempo para os velhos, minha menina.

— Por que não esbravejei?

— Você gritou, sim, Dedê. Só que sua voz é baixa. Sempre foi... — disse Dona Amélia.

— Eu vi tudo, Dona Adelaide — o fantasma de Deziinho surgiu como fumaça na sua frente. Carregava uma bola embaixo do braço. — Você lutou muito, mas... a senhora esquece as coisas.

— E seus filhos entraram na justiça — completou Seu Fernando.

— Ai, Deus, me roubaram tudo! — a idosa jogou as mãos pro céu.

Dezinho se sentou no chão ao lado das pernas de senhora. Ele também tinha os olhos mareados.

— Vou sentir muito a sua falta, Dona Adelaide — disse Seu Fernando.

Todos os fantasmas concordaram. Doía muito a ideia de que Dona Adelaide não os veria mais. Não receberia mais o chamego da mãe nos dias frios ou as visitas de Dezinho para fofocar sobre o que os moleques de Baturi faziam pelas ruas asfaltadas. Aquela era mais que uma casa, era toda a sua vida.

— E se fizéssemos uma festa? — Dezinho se levantou e secou as lágrimas de fantasma.

— Festa, menino, que festa? — perguntou Dona Amélia.

— Uma festa pra deixar os vivos de cabelo em pé!

Dona Amélia já ia rebater quando Dona Adelaide disse:

— Vamos, sim. Quero vocês comigo antes de eu partir.

Havia muitas limitações sobre a capacidade física de fantasmas organizarem uma festa, então dependeu da idosa cozinhar. Dona Adelaide fez abobrinha com tomate, arroz, farofa, e pegou na geladeira os miúdos. Em cada movimento no fogão, repetia os trejeitos da sua mãe. Dona Adelaide se sentia forte como há tantos anos não acontecia. Dezinho ficou ao lado dela, perguntando como fazia isso, quanto tempo demorava

aquilo. Contou que a mãe não teve tempo para ensiná-lo, mas sempre gostou muito de cozinha.

— Devia ter pedido pra senhora me ensinar quando eu morei aqui — disse.

— Te ensino agora — e os tapinhas que deu na cabeça do menino pareciam tocar algo pela primeira vez.

Adelaide colocou quatro pratos na mesa com seus respectivos talheres e copos. Era uma festa, afinal. Os quatro se sentaram. Dona Adelaide para comer e os fantasmas para conversar:

— Foi em 42 que a minha menina nasceu — disse Dona Amélia. — No dia que abriram a fábrica de piano. Todo mundo foi olhar, mesmo a parteira. Seu pai saiu desesperado, correndo pra buscar ela.

— Eu lembro quando dei pro seu filho o primeiro emprego. Engraxar sapatos — disse Seu Fernando para Dona Adelaide.

— E demitiu ele uma semana depois — riu a idosa. — Aquele menino não tinha jeito.

— O melhor dia foi 21 de junho de 70! O melhor do melhor! — Dezinho levantou da mesa e começou a contar com os dedos — Pelé, Rivellino, Gérson, Tostão, Jairzinho, Carlos Alberto, Clodoaldo... — e foi-se embora.

Enquanto a festa acontecia, todas as luzes de Baturi se apagaram, menos as da casinha de Dona Adelaide. O povo, que não comprava mais vela, ficou

no escuro, porque nem celular ligava. Os elevadores pararam e ninguém do prédio bege queria descer as escadas. Baturi foi engolida pela escuridão que cheirava à taboa.

As conversas faziam com que Baturi nascesse e mudasse bem na frente dos olhos cansados de Dona Adelaide. Ela sentiu o cheiro do matão e suas mãos se fecharam sobre uma taboa. Ela olhou o talo comprido e, com os dedos, tocou a parte aveludada como um cobertor quente. Dona Adelaide foi ficando cada vez mais com sono, já era quase meia-noite.

— Mãezinha... — ela disse. — A senhora mudou tanto...

— É culpa, fia — respondeu o fantasma.

— E o pai? Pra onde foi o pai? — falou com um suspiro.

— Não importa mais, Dedê.

Quando a neta tocou a campainha ao lado do portão, ninguém atendeu. A janelinha se manteve fechada e o telefone mudo. Eugênia chamou a polícia e os uniformizados encontraram o resultado da festa da noite anterior. Pratos e talheres fora do lugar, comida sobre a mesa e um sutil perfume de plantas e terra molhada. Dona Adelaide estava fria em sua cama. Uma das mãos segurava um talo de taboa, e a outra pendia fora da cama, como se tivesse dado a mão para alguém. Morreu ainda pensando no pai.



Ligia Gomes nasceu em São Paulo, em 1989. Escritora e artista plástica. Formada em Artes Visuais pela Faap — SP e com pós-graduação em História da Arte e Escrita Criativa pela mesma faculdade. Publicou “Acordos” na antologia *Realidades voláteis e vertigens radicais* (Alink editora, 2019) e também nas newsletters brasileiras *Faisca* e *Pulpa*. Possui um trabalho de fotografia de paisagem, como a série *Patagônia* (2013). Algumas de suas ilustrações narrativas podem ser vistas no Instagram @lih_gom.

Louvadas e livres sejam as mãos

Geovanna Ferreira

I

Soube que vivia no mesmo dia em que comecei de fato a morrer. Num dia qualquer. Não foi num domingo, ou numa quarta-feira, pois nada disso existia. Para nós, da beira, do resto, só havia o desaguar, o rio, a consciência única a habitar um mundo que o mundo escolheu esquecer. Mas então o homem da canoa veio, e a mãe dessa vez não deu a ele os peixes para longe serem vendidos, onde existia feira e dinheiro para comprar o pirapitinga, tamoatá e o uritinga. Em vez disso, aquela mulher entregou a si mesma, se deu por inteiro. Sorriu e já pareceu menos a mãe, foi sendo outra Maria, uma que nunca me jorrou perna abaixo em nosso destino alagado. O Amapari viu tudo. Principalmente, o rio gravou em suas águas aquele momento que arrebentou o véu, dilacerou a carne, deixou os dedos sós e desnorteados. Mãe soltou a minha mão, a mesma que ela segurava firme pelas desgraças afora, até então. Ela soltou.

Maria foi até o homem. Carregando com esperança sua magreza crônica, entrou na canoa dele, como se

seu lugar sempre tivesse sido ali, junto daquele desconhecido.

– Tou indo mimbora.

Maria deu uma última olhada para nossa casinha de palafita. Para o pássaro solitário que cruzou o céu, para a vó e o vô. Por último, olhou para mim.

– Pra onde?

– Fica quêta, menina.

Nem a vó e nem o vô falaram. Não sobrou coisa para botar para fora. Era inescapável e real, o rio que manteve os meus em suas margens por gerações, feito raízes, era o mesmo senhor que agora arrancava minha mãe de mim.

Maria riu mais, feito criança.

– Vou também – retruquei. Ela balançou a cabeça.

– Preocupe, não, que volto para te buscá.

Aquelas palavras pingaram no Amapari e ficaram boiando ao redor da canoa. O homem disse qualquer coisa para Maria.

– Tá na hora.

Eu quis rolar no barro, quis lutar mesmo que a guerra já houvesse sido perdida. Quis correr, pular naquela canoa, gritar que nunca mais ela precisaria tocar num peixe.

Quis jurar que tomaria o lugar dela nas obrigações, no fardo, na sina de mexer a cabeça e repetir sem descanso que tinha horror daqueles bichos, principalmente

do cheiro que já estava entranhado até nos ossos. Cresci com mãe bradando que queria mais que fedor de uritinga nas mãos. Ela queria uma casa de verdade, com chuveiro quente, localizada numa rua asfaltada, onde haveria também um mercadinho em que pediria ao açougueiro um quilo de carne de porco para a janta. Depois, de barriga cheia, queria passear ao lado de seu amado, cheirando a perfume. Já vó fazia o que cabia a ela, também remexia a cabeça, mas lamentava em vez de sonhar. Aquilo não podia ser, filha sua renegando os peixes do Amapari, o alimento que teimava em manter nossos olhos abertos.

Como se soubesse da erupção dentro de mim, meu avô agarrou meu cotovelo. Não tive chance alguma. Seu Jó não queria o risco, a neta naquela correnteza, indo embora também.

Meus dedos tremiam enquanto a canoa deslizava com pureza para longe, decidida a se afogar no laranja até sumir. Tremiam tanto que tive que metê-los na boca. Mordi forte o suficiente para que viesse a dor que me iniciou. Soube, de repente, com os dentes cravados em minha própria carne, que eu estava no mundo, pois só os vivos podiam arder daquela forma. Estava viva, sim. Dilacerada. Pronta para começar a sucumbir. Eu acabara de nascer, e a infância, de morrer. Eu era Maria, havia sido abandonada à própria sorte por minha mãe, às margens do Amapari,

no fundo do Amapá. Outra Maria, com mãos fedendo a peixe podre.

II

Deus tinha nojo dos ribeirinhos. Era o que mãe acreditava. Talvez fosse verdade, pois Ele só chegava perto de nós pela boca de vó. Ela orava, orava, orava para trazê-Lo à força para o Amapá. Com o fundo da garganta, como uma louca entoando uma língua morta da qual nem o próprio Deus se lembrava, vó orou. Quando descascou a mandioca e quando lavou a nossa roupa pouca e encardida no Amapari. Orou toda a noite, sem falta, de joelhos sobre mim. Tocava em minha testa, a pele parava de queimar. Os dedos retorcidos eram como gotas mornas, me arrancavam da treva do sono. Eu piscava e via a boca desdentada, vó orando, as súplicas, o desengano escorrendo. Ela orava, orava, orava pela neta que quase já não falava, nem comia, sempre espiando ao redor em busca dos rastros da mãe, com medo do rio levá-los também. Vó orava, afinal era seu direito, era ela o mais próximo de uma santa que tínhamos no Amapari. Ela orava e acariciava meu rosto porque implorar para aquele Deus era a paz possível, de algum modo.

Mas, para mim, acima de tudo, orar eram as mãos.
– Amém.

III

No que daria aquilo? O vô voltando do rio sem nada, nós calados, mastigando a farinha e o feijão com o medo. Acordávamos e dormíamos assombrados por peixes que pareciam agora existir apenas na memória. E se nunca mais se enroscassem nas redes do vô? A menina que fui olhava para o rio, e ele me encarava de volta, uma imensidão turva e rasa de respostas. Arrastava meus pés pela mata e a solidão me roía os vermes da barriga, sobrava a convicção de que somente seu Jó, dona Maria e eu não fomos avisados que aquelas águas estavam contaminadas. Se até os peixes haviam fugido, já estávamos irremediavelmente mortos. O que seria dos que ficaram? De nós? Quanta aflição dentro de uma menina de treze anos, envolta num casulo apodrecido de inocência. Faltava-me ainda conhecer o que era realmente a morte. Um tipo mais afiado e silencioso dela.

Foi no quinto dia.

Vô voltou com a noite, sem palavras na boca. As redes tristes, se arrastando pela terra. Sentou-se encostado numa palafita e lá ficou, os olhos baixos.

– Vem cá, fia – disse ele, a cabeça ainda abaixada.
– Vem.

As mãos, sempre elas. Curtidas pelo sol, pela lida, pela traição. Foram se apoderando de cada centímetro de carne, deixando chagas invisíveis.

– Vô tá precisando tanto disso, fia. Tanto.

Os dedos ásperos arranhavam meu corpo de criança. Um peito ainda mal nascido, e outro. Uma coxa. A barriga cheia de costelas. O meio das pernas, e dentro, fundo, bem fundo, molhado de pavor. Nenhum pedaço de mim escapou ou passou impune. Ele sentado, eu de pé, buscando a vó com o olhar. Vozinha! Estava certo? Então o vô podia fazer aquilo? Ela saberia responder, mas estava na mata porque a boca da fome estava escancarada.

– Ai, fia.

A vó não voltava, talvez tivesse desaparecido também. Fiquei no canto pensando nisso. Cocei os braços, o pescoço, os pulsos, tentei em vão juntar meus restos. O vô era uma criatura imutável, deitada no chão. Adormecera. A náusea crescia cada vez que eu olhava para ele, o único pai que eu conhecera algum dia. Mirei o buraco que fazia as vezes de porta sempre aberta, um convite permanente para entrar a desgraça, que agora já parecia doce e mansa. Eu não temia nada ou ninguém que pudesse estar lá fora. Na verdade, desejava. De repente, sentindo escorrer entre as pernas, levantei num salto. Tremendo, saí correndo pela porta, dona de mil pés e uma única mágoa. Cadê a vó? Já não

importava. Parei quando senti o morno do rio me envolver. Cravei as unhas na carne e comecei o vaivém, tentativa inútil. Mesmo assim, era frenética; sob a lua, sonhava que a água me purificasse. Que o rio levasse também, para onde quisesse, aquela infestação. Dor e vermelhidão eram bem-vindas. Um mergulho e a água foi para os pulmões. Queimou, e não parei. Queria a pele vermelha, depois roxa, queria me desintegrar em cores e farelos. Tirei a cabeça da água e busquei o ar. Continuei os movimentos. Então parei. Fim da linha. Meu corpo vibrava, uivava. Foi aí que observei, com olhos de primeira e última vez, um mísero peixinho, tão perto e tranquilo, navegando entre meus ângulos, em meio a tanto desgosto, quase escondido em minha mão.

Os peixes voltaram. A vida voltou a ser a mesma. Covarde. Escondeu-se nos dias condenados a nunca mudarem ou seguirem em frente. Porém o que estava nas beiras, fincado, nas lascas, no zumbido dos ouvidos e debaixo das unhas, já estava feito. Não havia volta. Por mais que fosse ignorado, negado, era sentido.

Quando vinha chegando a noite, as mãos.

– Ai, fia. Maria....

As redes se encheram de novo. O vô entrou novamente pela porta e ainda precisava tanto, tanto. Suas mãos escravizaram. Arrancaram as cascas de cada uma

das feridas abertas. Em carne viva, pelos buracos abertos cheios de sal alguém poderia ver duas almas pequenas e doentes. Quem me dera ter espírito suficiente, ou dentes, língua, saliva ou palavras para guerrear. Minha boca desaprendera sua mecânica natural, se se abrisse faltaria força para seguir aguentando. Aguentar por quê? Por quem? A mãe no mundo, a vó ainda na mata, ainda descalça, caminhando sobre segredos feitos de digitais. Tantos dias iguais, de peixes. E noites surrupiadas, negadas, de mãos. No fim de nós, de tudo, a vó orando, orando, orando. A minha febre já não cedia com seus dedos sacros. Da próxima vez, era certo: o calor ia derretê-los, sem nenhuma misericórdia.

O vô passa a mão em mim. Simples. Impossível. Abrir a boca, libertar o que estava represado. A vó orando, orando, orando para um Deus surdo, com nojo dos ribeirinhos. O vô, vó. Como ele pôde?

Com as mãos. Abrir a boca, escancarar. Apertar os olhos, fingir que dorme. Fingir que está longe, que é outra, que é livre. Esperar. A vó viria. Viria, sim. Com suas mãos ressecadas e mágicas, seus santos imaginários e sua paz também ilusória, mas necessária.

Ela viria.

Então eu esperei. E esperei. E minha testa ardeu sem nenhum consolo.

Ergui o corpo como um pedaço de pedra vivo. Dessa vez, fui eu quem se ajoelhou. Vó estava imóvel. Olhos abertos, presos em mim pelo eterno do tempo.

Abrir a boca, escancarar.

Soltei o ar, era chegada a hora. Agarrei as mãos de dona Maria. Frias. A anatomia de um destino gelado, de um rio que só corria e jamais voltaria para se despedir. Rio sem peixe, já seco. Vô, a vú. Como ela pôde? As orações que eu nunca aprendi se acumulavam na ponta da minha língua. Jamais ganhariam liberdade, assim como eu. Enquanto a água despencava de meus olhos, meu ato possível foi pousar dedos na testa da vú e torcer para que o tal Deus achasse o bastante. Filha de um chão sem fé e sem salvação, sussurrei a única palavra santa que eu sabia.

– Amém.

IV

A vú foi enfiada na goela da terra, mas a fome não foi saciada. A febre não parou de crescer noite e dia. As mãos também. Foram conquistando mais e mais da carne-território, até não restar solo que fosse livre.

V

– Deus Justo que cuida dos pequeninos, livra sua serva das garras do Inimigo!

A crença daquele desconhecido fazia meu corpo desnutrido balançar como um pano rasgado ao vento. A palma de sua mão forçava minha testa a cada súplica proferida. O Missionário, era como o chamavam. Para ir até ele, roubei a canoa do vô, remei enquanto a febre ia engolindo tudo de mim e do mundo, a madeira, os peixes e até a água.

Reimei sem saber se estava na direção certa, rumo à tapera que, uma vez por mês, recebia glórias, lágrimas e alguma misericórdia.

– Toma em tuas mãos, senhor Jesus. Toca em tua filha, Pai!

Reimei. Era isso ou morrer depois de morta.

Todos os améns já haviam sido ditos. A tapera já estava vazia. O Missionário já partira com seu Deus. Só havia a volta. Amapari era uma linha reta e dura que levava ao inferno.

Ninguém viu. Eu, no meio do rio, remando, remando, remando. Meu peito subindo e descendo, descendo e subindo, a noite tomava seu posto, o desespero nítido. Estava escuro demais. Ainda assim, meus olhos ungidos pela saliva do pastor viam. Em terra firme, havia um velho homem, castigado pelo sol e pelo rio, pela rede e pelos peixes. Ele ria para mim, sem dentes ou pudor. Quando enfim vi suas mãos, parei de remar. A decisão já estava tomada, desde antes de meu nascimento.

Pulei.

Nem tapera, nem palafita. Nem Deus, nem o Diabo. Que o Amapari fosse de fato minha morada. Morada eterna. Que eu fosse o Amapari.

VI

De repente só havia o líquido. E segundo depois, a agressão, a subida, o ar. O ar entrou em meu corpo como um vírus. A noite foi clara demais. A vida continuava sendo um erro, um rasgo. Dedos se fecharam ao redor de meus punhos, com a voracidade de um animal selvagem. Minhas mãos roxas foram erguidas. Por outras mãos.

VII

Eu convulsionava. Ali, de pé, imóvel, segurando as grades do colégio. Se soltasse, cairia de cara em meu próprio abismo, em um dia azul e lindo como aquele. Acabara a trégua. Cada pingo de chuva que me escorria pelo corpo era uma reafirmação disso.

No meio do expediente, Tião me chamou no canto mais abafado da peixaria.

Larguei faca, larguei o peixe pela metade e o segui. Que será que o patrão queria falar de tão urgente? Eu ainda tinha umas boas cinco horas de serviço pela

frente. O homem abriu a boca e eu fui captando o sentido das palavras truncadas que escapavam por baixo de seu bigode. Pouco movimento. Iam cortar uns custos. Não tinha necessidade nem de terminar o dia, podia ir embora quando precisasse buscar a menina na escola. Então era isso? Era assim? Sete anos se passaram, mas não haveria outros sete anos de gestos repetitivos, de uma dor incurável nos punhos salvos. Nunca mais aquela oração transvestida de trabalho: descamar, arrancar a cabeça do peixe, tirar as vísceras, picar e ensacar o bicho.

Acabara.

– Moça, cê tá bem? – alguém perguntou. Só assenti como pude, como resposta. Não voltei para terminar o peixe. Que ele ficasse ali, abandonado e despedaçado. Cortada ao meio, eu atravesssei Belém do Pará. A tempestade ia caindo sobre mim. Debaixo dos toldos, dentro das lojas, as pessoas cochichavam. Moça louca! Cuidado! Sai dessa chuva! Para quê? As águas que açoítavam a pele eram as mesmas que corriam nas minhas veias, poluídas, um lembrete, uma piada de mau gosto. Acabara. Sete anos depois, eu não escaparia do Amapari. Nem toda chuva do mundo poderia lavá-lo de mim.

Aquela peixaria pequena e escura. Absurdamente quente. Cheia de gente atolada em dívidas, sem paciência. Eu sentiria falta dela, de tudo. Dos turnos de dez

horas, da Selma e da Marilda. Dos clientes filhos da puta. Aquela era a única vida de verdade que tive. Foi lá que minha barriga começou a crescer, conforme eu despedaçava mais um peixe e de novo as lembranças fantasmagóricas de minha mãe. Tamoatá, mamãe está viva? E o peixe morto me olhava e dizia que não sabia. Dia após dia, a pergunta estava lá, e os peixes que mamãe tanto odiava eram inúteis em fornecer respostas.

Desempregada. Não haveria como recuperar aqueles segundos em que eu colocava a faca na mesa, e acariciava a barriga com minhas mãos fedorentas e calejadas. Meu bebê estava vindo, e rápido demais. Naquele domingo, fugi para os fundos, para o banheiro. Deixei os clientes esperando. Não podia fazer aquilo. Pelo visto, a cidade inteira resolvera fazer peixada, só que as entranhas exigiam. Obedeci, cambaleei, nem consegui fechar a porta, me encostei na parede e, trincando dentes, expulsei de dentro.

Os choros se misturaram. O dela, estridente, de quem já nascera acreditando-se no direito de guerrear, e o meu, espremido, já cansado de tanta batalha, mistura de calor, uma dor impossível e um amor implacável, triturador. Amor enlutado. Em minhas mãos, ensanguentada, estava uma menininha. A minha menina. Mais uma condenada ao sofrimento.

Sete anos depois, lá estava ela. Sorridente, correndo até mim, em seu uniforme. Ela pegou minha mão e

nossos dedos se encaixaram com perfeição. Beije seus dedinhos, o topo de sua cabeça. Como eu alimentaria minha filha? Como pagaria o aluguel? Só nos restava voltar para casa, lá eu pensaria melhor. Assim fizemos. Mãos dadas e o nosso silêncio. Virar uma esquina, atravessar a rua, entrar no ônibus, dia limpo depois de tanta água. A tragédia anunciada era nosso manto, e os olhos brilhantes de minha filha, que desconheciam que o mundo era cruel, eram nosso amuleto.

– Fia, tem moeda?

No chão da praça, um bicho gente tinha a mão estendida para nós. Olhei para ela e minha filha também. Olhei bem, por algum motivo. Por debaixo daquela mistura fétida de coberta, sujeira, cabelos desgrenhados, falta de dente e magreza que só a miséria podia proporcionar, havia alguém. Seus traços eram nascen-tes, pedaços de rios unidos, desaguados. Um nariz, uns olhos, uma boca rachada que era minha.

Vô. Vó. Mãe?

Minha filha arrancou o pirulito em formato de peixe da boca e estendeu para a desconhecida, que o pegou. Agarrei os ombros de minha menina e parti para longe dali. Só quando fechei a porta de nossa casinha, me permiti respirar de novo. Nós ficaríamos bem, ficaríamos sim. Mas enquanto despia a criança, iam embora também as ilusões. A tiarinha. A blusa de uniforme, os shorts. Uma meia e outra. A vulnerabilidade era

gritante, o fim era iminente. As lágrimas se acumularam nos meus olhos.

Minha filha me cutucou, beijou meus olhos molhados. Olhei, ela sorriu com seus pequenos dentes tortos e mudou o curso de nossas histórias. Ela não precisava dizer para que eu a entendesse, para que notasse que queria me mostrar o que havia aprendido na escola, aquela escola que ficava tão longe, que não entendiam porque resolvi colocá-la.

Sinais. Tão simples e complicados. Uma linguagem misteriosa e divina, movimentos rápidos que abriam portais e sóis e cura. Eu sou Maria, Maria Vitória, ela disse, com sua única voz, com seus dedinhos, desajeitados e esperançosos, em LIBRAS. Maria, mas também Vitória, repetiu, com as mãozinhas que cheiravam a erva cidreira.



Geovanna Ferreira nasceu em 1996 e é escritora, servidora pública e comunicadora. Mineira, conquistou a menção honrosa no Prêmio Governo Minas Gerais de Literatura 2017, com uma de suas paixões: o realismo mágico. Foi também finalista do Prêmio Off Flip 2023 e vencedora de uma dezena de outros concursos. Escreve do conto à literatura infantil, do regionalismo ao contemporâneo, sempre buscando a primazia da palavra.



Este livro foi composto nas tipologias Baskerville Pro
e Minion Pro. Impresso em papel Pólen® Soft 80g/m2.

Organizadores



Sérgio Tavares é escritor e crítico literário. Autor do romance “Todos nós estaremos bem” e dos livros de contos “Cavala”, vencedor do Prêmio Sesc de Literatura, e “Queda da própria altura”, finalista do Prêmio Brasília de Literatura. Publicou também a coletânea “Equação sobre o abismo”, em Portugal. É idealizador do Prêmio Literário Máquina de Contos e membro do júri desde a primeira edição.



Tiago Velasco é escritor e doutor em Literatura. Autor dos livros de ficção “Romance”, “Petaluma” e “Prazer da Carne” e do livro de não ficção “Novas dimensões da cultura pop”. Tem contos publicados em antologias e sites de literatura, além de ministrar, periodicamente, oficinas de escrita criativa. É idealizador do Prêmio Literário Máquina de Contos e membro do júri desde a primeira edição.

